

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E METODOLOGIA
DA CIÊNCIA**

CHRISTIANE CARRIJO ECKHARDT MOUAMMAR

**PULSÃO E INSTINTO: UM DIÁLOGO ENTRE A
PSICANÁLISE E A BIOLOGIA DO COMPORTAMENTO**

**SÃO CARLOS
2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E METODOLOGIA DA
CIÊNCIA**

CHRISTIANE CARRIJO ECKHARDT MOUAMMAR

**PULSÃO E INSTINTO: UM DIÁLOGO ENTRE A
PSICANÁLISE E A BIOLOGIA DO COMPORTAMENTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Filosofia. Área de Concentração: Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise e Filosofia da Mente.

Orientador: Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

**SÃO CARLOS
2010**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

M924pi

Mouammar, Christiane Carrijo Eckhardt.

Pulsão e instinto : um diálogo entre a psicanálise e a
biologia do comportamento / Christiane Carrijo Eckhardt
Mouammar. -- São Carlos : UFSCar, 2013.

164 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos,
2010.

1. Psicanálise. 2. Teoria das pulsões. 3. Metapsicologia.
4. Biologia do comportamento. 5. Sexualidade humana. 6.
Instinto de morte. I. Título.

CDD: 150.195 (20^a)


CHRISTIANE CARRIJO ECKHARDT MOUAMMAR

**PULSÃO E INSTINTO: UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E A BIOLOGIA DO
COMPORTAMENTO**

Tese apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do
título de Doutor em Filosofia.

Aprovada em 03 de setembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Presidente 
(Dr. Richard Theisen Simanke - UFSCar)

1º Examinador 
(Drª. Fátima Siqueira Caropreso – UFGD)

2º Examinador 
(Drª. Georgina Faneco Mantakas – UFSCar)

3º Examinador 
(Dr. Francisco Verardi Bocca – PUC/PR)

4º Examinador 
(Drª. Lara D'Avilla Lourenço – UNIFESP)

Para as minhas filhas, Mayara e Isabelle, com amor.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao Prof. Dr. Richard T. Simanke por ter aceitado orientar esse meu trabalho de doutorado, pela grande confiança que depositou em mim, e também por ser fonte de inspiração por seu espírito inquisidor e suas ideias críticas e reflexivas para com a Psicanálise e exemplo de que possuímos, no Brasil, grandes pensadores.

A minha família que sempre me apoiou e acreditou em meu trabalho sou eternamente agradecida, especialmente a minha mãe Tânia que sempre me incentivou a estudar e ao meu avô, Alfredo (em memória), por seu amor aos livros, à profissão e as pessoas em geral.

Aos meus queridos alunos do grupo de estudos da Unesp de Bauru pelas frequentes perguntas sobre a teoria e clínica psicanalítica que me motivaram a aprofundar o meu conhecimento.

Aos colegas de trabalho e amigos que sempre me incentivaram nesse percurso de construção da minha tese e ao assistente de suporte acadêmico do Departamento de Psicologia, Bruno Garrido, por ter colocado a minha tese nas normas exigidas pela ABNT, os meus agradecimentos.

Pela atenção com que leu a primeira parte da minha tese, corrigindo, quando necessário, a gramática portuguesa com muita habilidade, gostaria de agradecer à amiga e Mestre em Comunicações, Adriane Andaló.

Pelas observações feitas durante o meu exame de qualificação, gostaria de agradecer a Dra. Georgina Faneco Maniakas e a Dra. Fátima Caropreso e, ao final deste meu trabalho, a atenção do meu sogro, Adnan Mouammar, pela grande paciência em revisar comigo a tradução do inglês para o português, de alguns textos de autores estrangeiros que foram utilizados nesse trabalho.

Por fim, também gostaria de dizer o imenso respeito e admiração que tenho por dois pensadores brasileiros da área da psicanálise, cujo trabalho acadêmico foi fonte de inspiração para escrever minha tese, são eles o Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani e a Profa. Dra. Fátima Caropreso.

E a sacerdotisa voltou a falar e disse, fala-nos da Razão e da Paixão.

E ele respondeu, dizendo:

A vossa alma é muitas vezes um campo de batalha, em que a vossa razão e o vosso julgamento estão em guerra contra a vossa paixão e o vosso apetite.

(...)

A vossa razão e a vossa paixão são o leme e as velas da vossa alma navegante.

Se um de vós navegar e as velas se partirem, só podereis andar à deriva ou ficar imóveis no meio do mar.

Pois a razão, por si só, é uma força confinante; e a paixão, não controlada, é uma chama que arde provocando a sua própria destruição.

Por isso deixai a vossa alma exalar a vossa razão até ao auge da paixão, de forma a poder cantar,

E deixai que ela oriente a vossa paixão com razão, de forma a que a vossa paixão possa viver através da sua ressurreição diária, e, qual fênix, renascer das próprias cinzas.

(Khalil Gibran, Sobre a Razão e a Paixão – livro, O Profeta)

Depois Almitra falou e disse, queríamos que falasse agora da Morte.

E ele respondeu:

Vós conheceis o segredo da morte.

Mas como o encontrareis a menos que o procureis no âmago do coração?

O mocho cujos olhos noturnos são cegos para a claridade, não pode desvendar o mistério da luz.

Se quereis verdadeiramente conhecer o espírito da morte, abri o vosso coração até ao corpo da vida.

Pois vida e morte são uma só, tal como o são o rio e o mar.

(Khalil Gibran, Sobre a Morte – livro, O Profeta)

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o conceito de pulsão na psicanálise freudiana, da primeira e da segunda teoria das pulsões, e recorrer à biologia do comportamento para iniciar um debate sobre o conceito de *Trieb* entre essas duas áreas do conhecimento. Segundo Sigmund Freud o conceito de pulsão é o mais importante e também o mais obscuro para a metapsicologia. As complicações quanto ao significado desse conceito começam por problemas de tradução e por divergências entre várias escolas de psicanálise que postulam compreensões diferentes quanto à palavra *Trieb* e *Instinkt* e quanto ao modo como Freud as utilizava em seus textos para referir-se ao desenvolvimento do aparelho psíquico e os seus lugares na construção da metapsicologia. O instinto é um conceito polêmico para os próprios cientistas da área da biologia do comportamento. Freud utiliza alternadamente os conceitos de *Trieb* ou *Instinkt* em seus textos e essa pesquisa procura elucidar se haveria a necessidade dessa distinção e, para tanto, é dada ênfase às definições que Freud postulou sobre a natureza da pulsão sexual e da pulsão de morte, como também é realizado o início de um diálogo entre esses conceitos freudianos e o conceito de instinto sexual e instinto de agressão na sociobiologia de Edward O. Wilson e na biologia do comportamento de Konrad Lorenz.

Palavras-Chave: Epistemologia da psicanálise. Pulsão. *Trieb*. Metapsicologia. Biologia do comportamento. Sexualidade. Agressão. Pulsão de morte.

ABSTRACT

The current paperwork intends to analyze the concept of drive in both first and second theories of drives according to the Freudian psychoanalysis and refers to the behavioral biology in order to initiate a debate about the *Trieb* concept between these two areas of knowledge. According to Sigmund Freud, the concept of drive is the most important one and also the most obscure for the metapsychology. The complications regarding the meaning of this concept begin with translation problems and with divergences among several schools of psychoanalysis, which postulate different comprehensions referring to the word *Trieb* and *Instinkt* and referring to the way Freud used them in his texts to talk about the development of the psychic apparatus and its place in the construction of metapsychology. The view on the *Instinkt* – drive – being a totally inherited and automatic behavior is a misunderstanding for the own scientists in the area of behavioral biology. Freud uses in his texts the concepts of *Trieb* and *Instinkt* in turns and this research tries to elucidate if there was the need of this distinction and, thus, an emphasis is given on the definitions that Freud has postulated about the nature of both, sexual drive and death drive. Besides, the beginning of a dialogue between these Freudian concepts and the sexual drive and the drive of aggressiveness in the sociobiology of Edward O. Wilson and in the behavioral biology of Konrad Lorenz is carried out.

Keywords: Epistemology of the psychoanalysis. Drive. *Trieb*. Metapsychology. Behavioral biology. Sexuality. Aggression. Death drive.

RÉSUMÉ

Ce travail veut analyser le concept de pulsion dans la psychanalyse freudienne, de la première et de la seconde théorie de pulsions, en recourant à l'éthologie, pour initier un débat à propos du concept de *Trieb* entre ces deux champs du savoir. Selon Sigmund Freud le concept de pulsion est le plus important et bien aussi le plus obscur pour la métapsychologie. Les complications quant au signifié de ce concept commencent pour des problèmes de traduction et pour des divergences entre les plusieurs écoles de psychologie lesquelles demandent des compréhensions différentes quant aux mots *Trieb* et *Instinkt* et quant à la manière comme Freud les emploie dans ces textes pour faire référence au développement de l'appareil psychique et de ces lieux dans la construction de la métapsychologie. Comme l'instinct est un concept polémique pour les investigateurs de l'éthologie et comme Freud emploie alternativement les concepts de *Trieb* et d'*Instinkt* dans ces textes, la présente recherche veut élucider s'il y avait la nécessité de telle distinction. Pour cela, on relève les définitions que Freud a postulé au sujet de la nature de pulsion sexuelle et de pulsion de mort et on entretient aussi un dialogue initial entre les concepts freudiens et les concepts de instinct sexuel et d'agression dans la sociobiologie de Edward O. Wilson et dans l'éthologie de Konrad Lorenz.

Mots-Clés: Épistémologie de la psychanalyse. Pulsions. *Trieb*. Métapsychologie. Éthologie. Sexualité. Aggression. Pulsions de mort.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | O CONCEITO FREUDIANO DE PULSÃO | 18 |
| 2.1 | Pulsão e sexualidade: o lugar da histeria na origem do conceito de pulsão sexual | 19 |
| 2.2 | A Contribuição dos <i>Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade</i> para o Conceito de Pulsão | 27 |
| 2.3 | Pulsões sexuais e pulsões de autoconservação: o lugar da biologia, da fisiologia e da clínica psicanalítica no conceito de pulsão na primeira tópica freudiana | 45 |
| 2.4 | Pulsão de morte | 60 |
| 2.5 | O conceito de pulsão de morte no <i>Além do Princípio de Prazer</i> | 62 |
| 2.6 | Pulsão de Morte e Eros: percorrendo <i>O Problema Econômico do Masoquismo</i> e o capítulo IV de <i>O Eu e o Id</i> | 79 |
| 3 | O CONCEITO BIOLÓGICO DE INSTINTO | 92 |
| 3.1 | O instinto na obra de Konrad Lorenz | 95 |
| 3.2 | A Agressão na teoria de Konrad Lorenz | 106 |
| 3.3 | A sociobiologia de Edward O. Wilson | 114 |
| 4 | INÍCIO DE UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E A BIOLOGIA DO COMPORTAMENTO | 129 |
| 4.1 | Considerações sobre o instinto sexual e o instinto de agressão na sociobiologia e sobre a pulsão sexual e pulsão de morte na metapsicologia freudiana | 129 |
| 4.2 | Considerações sobre a pulsão na metapsicologia freudiana e no pensamento de Konrad Lorenz | 144 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 155 |
| | REFERÊNCIAS | 161 |

1 INTRODUÇÃO

O legado freudiano sobre a teoria das pulsões é complexo e como o próprio Freud afirmou, as pulsões são o objeto de investigação psicológica o mais obscuro e também o mais importante para a metapsicologia.

As complicações quanto ao significado desse conceito começam por problemas de tradução e por divergências entre várias escolas de psicanálise que postulam compreensões diferentes quanto às palavras *Trieb* e *Instinkt* e quanto ao como Freud as utilizava em seus textos para referir-se ao desenvolvimento do aparelho psíquico, como também o seu lugar na construção da metapsicologia. Soma-se a isso, sem dúvida, a divisão entre os estudiosos a partir da publicação do *Projeto de uma Psicologia* de 1895 (que ao longo deste trabalho será nomeado apenas como *Projeto*), publicado em 1950, quando duas correntes em forte oposição se instalaram. Segundo Monzani (1989), uma delas, a que defende que existe uma ruptura no pensamento freudiano a partir de 1900 com *A Interpretação dos Sonhos*, afirma que o manuscrito do *Projeto* tem apenas utilidade histórica, dado que o próprio Freud o teria abandonado por não ter tido interesse em acabar de redigi-lo, e também, não teria querido sua publicação, então, esse texto e todos os outros trabalhos de Freud, anteriores ao livro dos sonhos, deveriam ser desconsiderados para a compreensão de sua metapsicologia. A outra corrente, com preocupações filosóficas, acolhe o texto do *Projeto* como o nascedouro de várias, senão de todas as mais importantes ideias psicanalíticas que serão desenvolvidas por Freud no decorrer de toda a sua obra. Nesse sentido, esses autores acreditam que existe uma continuidade, como se todo o trabalho freudiano formasse um bloco único (MONZANI, 1989). Como salienta Monzani, a dificuldade está em como manejar essas questões ao estudar a metapsicologia, principalmente, em como utilizar textos de diferentes épocas para estudar um determinado problema da teoria psicanalítica.

Apesar da discussão entre os dois grupos acima não ter sido organizada e sistematizada e muito menos esgotada, o presente texto trabalhará de acordo com o pensamento de Monzani (1989) que afirma que Freud nunca abandonou ou renegou uma só de suas ideias, existindo um movimento pendular em toda a sua obra.

As dimensões do presente trabalho são uma tentativa de revisão e síntese dos aspectos principais da teoria das pulsões e procura apontar as bases científicas e o caminho teórico utilizado por Freud na construção do conceito de pulsão. Primeiramente, não há apenas uma teoria das pulsões no interior da metapsicologia freudiana, mas, duas. A primeira,

que está circunscrita ao modelo topográfico do aparelho psíquico, apresenta o que se poderia chamar de “primeira teoria das pulsões” e reconhece duas classes de pulsões em oposição, as pulsões sexuais e as pulsões do eu. Essa teoria tem como principais textos *Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* de 1905 (que denominaremos apenas como *Três Ensaios*), no qual a pulsão é apresentada pela primeira vez e *Pulsões e Destinos da Pulsão* de 1915 (que denominaremos apenas *Pulsão*), em que o conceito de pulsão se faz objeto de reflexão metapsicológica. A segunda teoria das pulsões, introduzida com o conceito de pulsão de morte no texto *Além do Princípio do Prazer* de 1920 (utilizaremos apenas *Além...*), manteve o aspecto dualista da teoria pulsional, opondo pulsões de vida e pulsões de morte, porém apresentando muitas questões que o próprio Freud chamou de especulativas, considerando-as como a sua mitologia pulsional, dado que, segundo ele, os argumentos da própria biologia lhe pareciam falhos e insuficientes para explicá-las.

Pretendemos também apontar algumas conceituações do campo da ciência biológica, mais especificamente da Biologia do Comportamento, a respeito do termo “instinto” e, mais especificamente, sobre o instinto sexual e o instinto de agressão, procurando confrontá-los com a proposta freudiana da teoria das pulsões. Como o próprio título do trabalho sugere, a tentativa de aproximação da metapsicologia com a biologia do comportamento é apenas uma maneira de estabelecer o início de um diálogo, uma proposta de reflexão inicial e por isso mesmo o princípio de um estudo exploratório e mais um pretexto para pensarmos a proposta freudiana sobre as pulsões.

O termo *TRIEB*, traduzido habitualmente por “pulsão” ou “instinto”, segundo Hanns (1999) apresenta várias dificuldades para a tradução, a começar porque *trieb* é um termo que em alemão é utilizado para muitos significados como “força impelente”, “vontade intensa”, “ímpeto”, “impulso”, “necessidade”, “carência”, “desejo”, “instinto”, “disposição”, “tendência”, “energia” entre outros sentidos. Num acréscimo feito à terceira edição dos *Três Ensaios* (1905), *Freud* descreveu o instinto (*trieb*) como o “representante psíquico de uma fonte de estímulo endossomática, continuamente a fluir [...] um conceito que se acha na fronteira entre o mental e o físico” (FREUD, 1905, p. 171). Nessa definição, como muito bem assinalou Hanns (1999) nas notas introdutórias do volume 1 dos *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* – parecia que Freud considerava o próprio “instinto” como o representante psíquico de forças somáticas. Contudo em *O Inconsciente* (1915) isso muda e passa a existir uma distinção entre *trieb* e o seu representante psíquico:

Um instinto (*Trieb*) jamais pode tornar-se um objeto da consciência – somente a ideia (*Vorstellung*) que representa o instinto é que pode fazê-lo. Além disso, no inconsciente um instinto (*Trieb*) não pode ser representado de outra forma senão por uma ideia [...] Quando, não obstante, falamos de um impulso instintual (*Triebregung*) inconsciente ou de um impulso instintual recalçado (*Triebregung*) [...], referimo-nos apenas a um impulso instintual (*Triebregung*) cujo representante ideacional é inconsciente (FREUD, 1920, p.182).

Existe em toda a teoria das pulsões (primeira e segunda) uma forte ênfase biológica em sua explicação, ressaltando a ânsia que Freud demonstrava ao tentar conceber uma psicologia científica altamente inspirada nos modelos de grandes cientistas da época, com quem simpatizava ou comungava ideias, como por exemplo, Hughlings-Jackson, Charles Darwin e Ernest Haeckel. Freud, por causa de seus mestres, tinha como base uma concepção biogenética do desenvolvimento sexual humano e as pulsões foram marcadas por uma tentativa de descrevê-las de um ponto de vista fisiológico e de um ponto de vista biológico.

Gostaríamos de definir e delimitar o que estamos chamando de pontos de vista fisiológico, econômico e biológico, pois eles serão utilizados no transcorrer de todo nosso trabalho e precisamos justificar nossa intenção.

Freud construiu o termo metapsicologia para definir a originalidade de uma psicologia que fosse além das psicologias clássicas da consciência de sua época. Na definição de Laplanche e Pontalis (1995), a metapsicologia é:

Termo criado por Freud para designar a psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalque, etc. A metapsicologia leva em consideração três pontos de vista: dinâmico, tópico e econômico (LAPLANCHE; PONTALIS, 1995, p. 284).

Segundo Freud, os conceitos psicanalíticos precisariam seguir parâmetros segundo um ponto de vista metapsicológico e por isso propunha falar de uma apresentação metapsicológica quando se pudesse descrever um processo psíquico em suas relações tópicas, dinâmicas e econômicas.

O ponto de vista tópico, como o próprio nome diz, delimita o lugar, o local onde se passa o fenômeno estudado. Freud abandonou a neurologia quando propôs a existência dos sistemas psíquicos, o inconsciente, pré-consciente e consciente como lugares de um aparelho psíquico hipotético, chamada de primeira tópica e a segunda tópica com três instâncias, o Id, o Eu e o Supra-Eu.

O ponto de vista dinâmico considera os fenômenos psíquicos como o resultado de um conflito de forças (pulsão) que exercem uma pressão dentro do aparelho psíquico.

Para explicarmos o motivo da importância de incluirmos na análise do conceito de pulsão o ponto de vista fisiológico e biológico, recorreremos ao texto *Pulsões e Destinos da Pulsão* (1915), no qual, ao conceituar a pulsão, Freud empreendeu essa tarefa afirmando que iria defini-la através de um ponto de vista fisiológico e biológico, portanto, como o próprio Freud os considerou fundamentais para tentar definir a natureza da pulsão é mais que justificado que também os utilizemos. Vamos procurar esclarecer a aparente similaridade desses dois pontos de vista recorrendo ao modo como Freud mesmo os delimitou. O ponto de vista fisiológico está descrito como o modelo típico do arco-reflexo (estímulos externos) e nos caminhos pulsionais (estímulos internos), utilizado para uma explicação mecânica e também econômica dos fenômenos do aparelho psíquico. O ponto de vista fisiológico está baseado no modelo das ciências físicas e naturais. Sua mecânica está intimamente relacionada com o ponto de vista econômico (aspecto energético) que é próprio da metapsicologia, e, muitas vezes, esses dois pontos de vista são utilizados como sinônimos por Freud, outras não o são, porém, em nossa análise, nós os separamos para seguir especificamente a definição proposta por Freud para conceituar a pulsão em 1915.

O ponto de vista econômico se relaciona com a circulação da energia dentro do aparelho psíquico e vai além da mecânica do fisiológico porque lida com o acúmulo ou diminuição da energia (também com os processos de condensação e deslocamento) nos sistemas psíquicos e nas estruturas do Id, Eu e Supra-Eu. Pensamos que o ponto de vista econômico é diferente do fisiológico porque o primeiro é próprio da metapsicologia e não das ciências naturais, enquanto o ponto de vista fisiológico abarca características de um modelo físico e das ciências naturais. Vejamos uma citação de Freud no *Além do Princípio do Prazer* (1920):

Lembremos ao leitor que, ao abordarmos os processos psíquicos levando em conta seu desencadeamento, bem como os acúmulos e diminuição de tensão, estamos introduzindo em nosso trabalho um ponto de vista econômico. Uma descrição que, ao lado dos fatores tóxico e dinâmico, procure levar ainda em conta esse fator econômico é a mais completa que podemos conceber no momento, e enfatizamos sua relevância denominando-a metapsicológica (FREUD, 1920, p. 135).

O ponto de vista econômico pertence à metapsicologia porque é ele que leva em consideração a existência de uma energia – libido – que circula dentro do psiquismo e

estabelece a necessidade de descarregá-la, mantendo um princípio de constância para o aparelho psíquico.

Com relação ao ponto de vista biológico, pensamos que ele se reporta sempre a concepções darwinistas ou lamarckistas, recorrendo a Teorias sobre a Evolução discutidas na época de Freud e reforçando a influência da hereditariedade, da ontogênese e filogênese na construção dos conceitos metapsicológicos. Por isso o ponto de vista biológico se diferencia do fisiológico, a biologia teria esse caráter das teorias da evolução, enquanto a fisiologia descreveria a mecânica e o processo energético dentro do aparelho psíquico.

Mesmo em *Além do Princípio do Prazer* (1920), essas perspectivas biológicas não foram abandonadas, pelo contrário, Freud tem a esperança de que num dia a ciência avance e aperfeiçoe e confirme ou refute a sua teoria pulsional:

Entretanto, queremos deixar bem claro que a necessidade de fazer empréstimos da ciência biológica aumentou consideravelmente o grau de insegurança de nossa especulação. A biologia é, verdadeiramente, um reino de possibilidades ilimitadas, podemos esperar dela informações as mais surpreendentes, não há como adivinhar que respostas ela dará em algumas décadas às perguntas que hoje colocamos. Talvez venham justamente aquelas respostas que implodem toda a nossa construção artificial de hipóteses. [...] (FREUD, 1920, p.179).

De alguma maneira o ponto de vista biológico continua sendo explorado como uma tentativa de explicar o conceito de pulsão, tanto na primeira como na segunda tópica do aparelho psíquico. O termo *trieb* aparece em *Pulsões e Destinos da Pulsão* (1915), tendo o sentido de uma tendência de comportamento pré-fixado, herdado e, ao mesmo tempo, sendo compreendido, no sentido de um comportamento impulsionado do interior do organismo, mas que se caracteriza pela maleabilidade das normas que ele mesmo estabelece para si, e, portanto, dotado de plasticidade.

Existe, em Freud, uma tentativa de explicar o desenvolvimento libidinal do ser humano através da filogênese e da ontogênese e, assim, ele também pensa o sentido do comportamento pulsional simultaneamente em dois níveis: como um construto da espécie, ou seja, um conjunto de comportamentos adquiridos ao longo da história da espécie, decorrentes da adaptação e sobrevivência e que se manifestam no indivíduo como um dispositivo biológico que o impele para um determinado desenvolvimento e como um construto do indivíduo, assim, mesmo que este repita um comportamento da espécie, ele, o indivíduo, não o vivencia como sendo algo pré-fixado, pois o caminho percorrido pelo sujeito é único e individual.

Segundo Limongi (1994), quando pensamos de acordo com a primeira descrição, como um construto da espécie, diremos que o *trieb* é pensado como um instinto, e na segunda descrição, o *trieb* é pensado como pulsão. E nesse sentido, sim, haveria uma ambiguidade na teoria pulsional Freudiana, o que acarretaria uma confusão entre a compreensão dos vocábulos *Trieb* e *Instinkt*. Contudo, Andrade (2003) assinala que a distinção entre os dois termos é fruto de um reducionismo injustificável, pois demarca o *Instinkt* como algo inato, herdado, associado a um comportamento rígido, e o *Trieb* como um componente plástico, exclusivo do comportamento humano. Para esse autor, Freud sempre demarcou o *trieb* como sendo um conceito vindo da biologia, sendo esta origem suficiente para compreendê-lo como fazendo parte das outras espécies, sem ser algo exclusivo da espécie humana. O autor justifica que, mesmo quando Freud quis explicar a compulsão à repetição observada na clínica psicanalítica, e aí já estamos na segunda teoria pulsional, ele procurou explicá-la através da tendência conservadora inerente ao conceito de *trieb*. Aproveitando o raciocínio de Andrade, podemos dizer que, lendo o texto *Além do Princípio do Prazer*, percebe-se na redação do próprio Freud a ideia de que ele considerava que aquilo que é herdado compreende influências históricas e assim, no caso dos seres humanos, a herança auxiliaria a manter aquisições da história da espécie e, ao mesmo tempo, possibilitaria e comportaria as influências históricas atuais da vida de cada indivíduo. Isto faria com que cada ser humano possuísse um caminho único, com a sua história pessoal entrelaçada na história de sua espécie, porém, fazendo-nos abarcar a nossa humanidade, naquilo que é único e individual de cada sujeito, como algo típico de nossa espécie. Seríamos apenas mais uma espécie com características únicas e por isso não haveria a necessidade da distinção entre os polêmicos termos que estamos discutindo. Nas palavras do próprio Freud, em 1920:

Esta concepção de pulsão pode causar algum estranhamento, pois estamos habituados a ver a pulsão como o fator que impele à mudança e ao desenvolvimento, enquanto agora temos de reconhecer nela justamente o contrário: a manifestação da natureza conservadora do ser vivo. Contudo, logo nos lembramos de que os exemplos encontrados na vida animal parecem confirmar que as pulsões sofrem contingências históricas. Há certos peixes que, na época da desova, empreendem difíceis migrações para depositar seus ovos em águas muito distantes de seu ambiente natural. Segundo os biólogos, eles apenas estão à procura de moradas anteriores que sua espécie, com o passar do tempo, trocou por outras. A mesma explicação valeria para as aves migratórias. Entretanto, encontramos provas ainda mais impressionantes da compulsão orgânica à repetição nos fenômenos da hereditariedade e nos fatos da embriologia. [...] Penso que as explicações que tentam descrever essa forma de desenvolvimento somente a partir dos fenômenos mecânicos são pouco elucidativas e que devemos considerar também a explicação histórica” (FREUD, 1920, p.160).

A visão de que o *Instinkt* é um comportamento totalmente herdado e automático é um entendimento errôneo para os próprios cientistas da área da biologia do comportamento, pois o conceito de instinto, para estes estudiosos, compreende a interação entre a herança genética e a aprendizagem em todas as espécies. Não seria essa aprendizagem aquilo que é a plasticidade, a maleabilidade típica da pulsão? Pode-se perguntar então por que a necessidade linguística que Freud teve ao precisar, em seus textos, o uso alternado de ou *Trieb* ou *Instinkt*? Além disso, por que a opção pelo *trieb* para descrever a espécie humana?

Entendendo que Freud era um teórico e um escritor rigoroso na escolha de suas palavras, talvez a resposta possa ser rastreada em dois caminhos. Um deles é percorrer a metapsicologia freudiana indo atrás do conceito de pulsão. Outro caminho é recorrer à biologia do comportamento para compreender como esta define o instinto e como seria este tipo de comportamento em outras espécies de animais e verificar as diferenças e aproximações destes comportamentos – mais especificamente o sexual e o de agressão - com o da espécie humana.

Assim, o presente trabalho pretende analisar e refletir sobre o campo psicanalítico das pulsões, recorrendo à biologia do comportamento para iniciar um debate sobre o conceito de *trieb*, entre essas duas áreas do conhecimento.

2 O CONCEITO FREUDIANO DE PULSÃO

Pensar a pulsão na metapsicologia freudiana desde os primeiros escritos de Freud é um desafio. Suas relações, aproximações e oposições com o conceito de instinto aparecem desde as dificuldades de tradução – do alemão para o inglês – até mesmo no movimento interno do desenvolvimento do conceito de pulsão – no momento em que ele aparece pela primeira vez – *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) - e suas relações com propostas anteriores do aparelho mental do *Projeto de uma Psicologia* (1895), chegando a uma tentativa explícita de defini-lo e delimitá-lo – *Pulsões e Destinos da Pulsão* (1915) -, em que a famosa divisão entre pulsões sexuais e pulsões do eu é empreendida. Porém, nada aparenta ser mais radical, confuso e obscuro na metapsicologia freudiana do que a introdução do conceito de pulsão de morte em *Além do Princípio do Prazer* (1920). Aparentemente as possíveis aproximações entre o instinto e o *trieb* ficariam inviáveis, pois como pensar que aquilo que é a força mantenedora da vida, que impulsiona a vida, como, por exemplo, o instinto de sobrevivência possa se relacionar com algo como um instinto de morte dentro do psiquismo?

Pensamos que talvez, para tentar elucidar essa pergunta, uma das maneiras é percorrer o desenvolvimento do próprio conceito de pulsão na metapsicologia freudiana, procurando elucidar sua natureza, e a partir da introdução do conceito de pulsão de morte, voltar a olhar para os textos anteriores a 1920, para verificar se a expressão do que seria essa pulsão que compele o organismo ao nada já estava presente no pensamento de Freud. Posteriormente, a tarefa a ser empreendida seria a de pensar se, a partir desse movimento do conceito de pulsão, dentro do pensamento freudiano, existe a possibilidade de uma compatibilidade do *trieb* freudiano com o instinto do campo da Biologia e, mais especificamente, a partir do conceito de instinto de Konrad Lorenz e dos conceitos de sexo e agressão na Sociobiologia de Edward Wilson. No caso de uma pulsão de morte não se mostrar verificável na Biologia do Comportamento, poderíamos pensar se não seria o caso, então, de se justificar uma distinção marcante entre o instinto proposto pela biologia e *trieb* no pensamento freudiano, e assim, o *trieb* seria algo verdadeiramente exclusivo do psiquismo humano.

2.1 Pulsão e sexualidade: o lugar da Histeria na origem do conceito de pulsão sexual

A clínica da histeria foi o nascedouro das principais teses freudianas e a escuta das histéricas possibilitou a Freud a criação de uma metodologia original de trabalho no campo das doenças nervosas em meados do século XIX, não só no sentido de uma terapêutica como também de um modo de investigação da mente. A importância da histeria para o nascimento da psicanálise é ampla e não nos compete aqui elucidar todos os seus aspectos, porque o que nos interessa é em que medida o caminho de sua investigação conduziu Freud a definir a importância da sexualidade, não só na origem dos fenômenos psicopatológicos, como também na gênese do aparelho psíquico. Como o sexual será inserido numa dinâmica para questionar a normalidade e a patologia e mesmo para descrever a força que move o psiquismo, é importante entender como Freud definirá a natureza da força que move a sexualidade, a pulsão. É nesse contexto que faremos uma breve retomada desse período do nascimento da Psicanálise, apenas para levantarmos algumas questões que começaram a tomar forma e a serem definidas entre os anos de 1891 a 1895 e que mais tarde nos ajudarão a compreender mais amplamente o conceito de pulsão.

Pela falta de uma explicação anatômica e patológica, a histeria era compreendida – no século XIX – como simulação da paciente, ou seja, não existindo lesões orgânicas a doença era exclusivamente responsabilidade da histérica que produziria o sintoma. Como na histeria existe um grande mimetismo - a histérica consegue reproduzir vários sintomas de síndromes neurológicas diversas - a possibilidade de uma demarcação de sinais e sintomas para a construção de uma nosografia da histeria era extremamente difícil.

Jean-Martin Charcot, célebre neuropatologista francês, dotou a histeria a possibilidade de ser reconhecida como uma neurose e libertou as pacientes de serem vistas como mentirosas. Ele realizou um extenso trabalho de classificação das enfermidades neurológicas, diferenciando a epilepsia da histeria e atribuindo a causa da doença histérica à hereditariedade e também aos traumas de acidentes. O trauma, para Charcot, é provocado por um acidente real que ocasiona uma excitação excessiva no sistema nervoso e que, conjuntamente com fatores predisponentes constitucionais, propiciaria o desencadeamento dos sintomas histéricos.

O contato com Charcot possibilitou a Freud não só a experiência com o estudo da histeria traumática como a partir da Salpêtrière a hipnose instigou-o a aprofundar as suas investigações sobre o aparelho mental e a pensar que a anatomia e patologia do sistema nervoso por si só não serviam como explicação etiológica da histeria.

Algumas considerações teóricas de Charcot sobre a histeria influenciaram Freud: a hipótese constitucional para a explicação da histeria; a inexistência de uma lesão orgânica, fruto de um choque mecânico que justificasse os sintomas conversivos; a teoria do tipo – escolher como ponto de partida da investigação clínica o caso mais completo em sintomas e a partir dele deduzir os outros tipos variantes da doença; a hipnose como possibilidade de instrumento de demonstração dos fenômenos histéricos e de que o estado mental do aparelho psíquico não é contínuo; a mobilidade dos sintomas histéricos que passam de um lado para o outro do corpo através das demonstrações com ímãs, aplicações metálicas – o que eliminaria a hipótese de uma lesão orgânica, tanto mais que a sugestão poderia fazer desaparecer a perturbação; a topografia da histeria não obedecendo à distribuição anatômica, os sintomas “ignorando” a estrutura do sistema nervoso.

Então, qual é a contribuição de Freud para a teoria da histeria?

Freud vai além de Charcot quando propõe uma solução para o problema das chamadas lesões funcionais ou dinâmicas do sistema nervoso, dado a precariedade da hipótese constitucional. Freud escreve:

Eu afirmo que a lesão das paralisias histéricas deve ser inteiramente independente da anatomia do sistema nervoso, já que a histeria se comporta nas suas paralisias e noutras manifestações como se a anatomia não existisse, ou como se ela não tivesse qualquer conhecimento sobre isso. (FREUD, 1893, p. 29-43).

Apesar de, inicialmente, Freud estar a procura de uma explicação para a sua afirmação acima, ele defende a ideia de que a semiologia da histeria não pode ser explicada por uma lesão do sistema nervoso, mesmo que seja uma lesão funcional. Ele vai propor, no transcorrer de sua investigação, que a causa da histeria é a lesão de uma representação, deslocando a etiologia do físico para o psíquico. Foi o contato com Josef Breuer, médico e amigo da família, que permitiu a Freud, não só dar sua contribuição à histeria, como também, caminhar para a construção da psicanálise. Breuer lhe ensinou que a histeria seria fruto de um estado hipnóide, uma alteração particular da consciência e também causada por situações traumáticas. O conceito de trauma, para Breuer, é definido como a presença de um corpo estranho que invade o aparelho psíquico e produz um excesso de excitação no aparelho

mental, constituindo-se em uma experiência com a qual o eu do sujeito não consegue lidar. Assim, a causa da histeria estaria, fundamentalmente, em uma experiência traumática e não mais, como em Charcot, numa fragilidade hereditária do sistema nervoso em que um acidente real apenas desencadearia uma predisposição constitucional.

Segundo Caropreso (2008):

Segundo Breuer, a cisão da atividade psíquica poderia ocorrer em dois casos: quando um grupo de representações se constituísse durante um estado psíquico anormal – um “estado hipnóide”, em sua terminologia – ou quando ele fosse alvo de uma defesa por parte do eu, concebida como voluntária. No entanto, apenas essa última hipótese, já presente em *As neuropsicoses de defesa*, é aceita integralmente por Freud nesse texto: embora Freud ainda compartilhe com Breuer, na *Comunicação Preliminar*, a hipótese da histeria hipnóide, no capítulo sobre a psicoterapia da histeria, que foi escrito dois anos mais tarde, afirma que todo caso de histeria hipnóide pode ser remetido, em última instância, a uma defesa por parte do eu. Ele propõe que toda histeria apresente, em sua gênese, a separação entre uma representação intolerável e seu afeto, isto é, um esforço defensivo do qual resulte a divisão psíquica que é característica dessa neurose (CAROPRESO, 2008, p. 97).

Vemos como Freud acabará ficando com a hipótese da origem da histeria a partir da defesa do eu, essa defesa seria estabelecida para lidar com uma representação considerada perturbadora do equilíbrio do aparelho psíquico e ele aprendeu com Breuer que essa representação possuiria uma intensidade elevada, ou seja, era o excesso dessa intensidade/quantidade que desequilibraria o psiquismo e provocaria a defesa do eu e que tornaria essa representação “insuscetível de consciência”.

Freud, em seu capítulo sobre a psicoterapia da histeria, desenvolve a hipótese sobre o mecanismo psíquico desta neurose que havia sido proposta em *As neuropsicoses de defesa* e a estende aos outros dois tipos de histeria (hipnóide e de retenção). O material patogênico determinante da **histeria**, segundo ele, seria constituído por um **núcleo que conteria as representações traumáticas** e por um amplo material mnêmico constituído por **representações** que, em razão do fato de se terem **associado com as traumáticas, também teriam se tornado patogênicas** (CAROPRESO, 2008, p. 98-99, grifos nossos).

Em Breuer, o eu dividiria a psique como uma forma de se proteger da experiência patogênica e a memória da vivência traumática seria excluída do campo do eu e reapareceria através dos sintomas conversivos das histéricas. Teríamos a transformação de um sofrimento psíquico numa dor somática; para Breuer, toda experiência dolorosa que resultasse em excesso no campo do psíquico seria traumática. Assim começamos a ter duas conceituações de trauma diferentes, a de Charcot e a de Breuer, o primeiro ainda com referências da teoria do trauma da psiquiatria de sua época:

A noção de uma causa traumática para a histeria – cristalizada e elaborada na década de 1870 e primórdios de 80 – referia-se, explicitamente, a teorias gerais do sistema nervoso. Pode-se fazer muito caso dos princípios jacksonianos da dissolução do sistema nervoso, os quais, aplicados primeira e mais explicitamente à epilepsia, puderam servir de ajuda para a explicação de ‘choques’ traumáticos. Com sua ‘descoberta’ da hipnose, Charcot pode suplementar a causa traumática com uma causa conceptual, não sem reconhecer que esta era uma ideia há muito familiar (Reynolds (1869); ver Ellenberger (1970) os. 90 e segs. e Veith (1965). No entanto, ainda mantinha-se preservado um fundamento neurológico, na noção de um estado especial do sistema nervoso, peculiar tanto à histeria como à hipnose. Os estágios da hipnose (letargia-catalepsia-sonambulismo) replicavam e enriqueciam a ordem da histeria, reforçando assim, a caracterização neurológica da histeria (FORRESTER, 1983, p. 30).

O conceito de traumatismo – desde seu aparecimento em 1855 – para a psiquiatria clássica designou-se como uma lesão corporal, um estado de choque ou comoção desencadeado por uma agressão exterior. Desse modo, o trauma é provocado por um fato real. Para Breuer, uma experiência considerada dolorosa e que provoque uma grande excitação psíquica seria traumática. Apesar de ter tomado, inicialmente, como referência a teoria do choque (traumatismo) da psiquiatria clássica e mais as ideias de Breuer sobre o trauma, Freud priorizou o mecanismo de defesa na constituição da histeria e operou um deslocamento na origem do trauma - este não seria mais decorrência de acidentes graves que engendrariam os sintomas histéricos (Charcot), e nem tampouco qualquer experiência dolorosa que provocasse uma grande excitação psíquica e desequilibrasse o aparelho mental (Breuer)-, mas seria causado por violências sexuais cometidas contra crianças; a histeria seria a consequência de um ‘choque sexual pré-sexual’. Logo, para Freud, apenas as experiências que tinham uma marca sexual poderiam produzir os sintomas da histeria, o que tornou a sua separação de Breuer inevitável porque apesar deste último reconhecer a importância da sexualidade na etiologia das neuroses, ele não a colocou como causa pilar do trauma e conseqüentemente dos sintomas histéricos. Para Forrester:

[...] Já aquilo que dizia respeito a ele (**Freud**) e a Martha em 1883 era mais uma chave para os pais, chave que Breuer iria colocar em relevo nos *Estudos sobre a histeria* como crucial para compreender a ignorância a respeito da sexualidade feminina entre médicos: os jovens médicos passam por alto o fator da sexualidade precisamente porque estão cegos pela presença de sua *própria* sexualidade. Esse relato não se amolda ao que Freud e Martha conjecturaram acerca de Breuer? Breuer fez observações a respeito da ausência de sexualidade no caso de Anna O., mas foi vítima de uma crise sexual em que foi subitamente implicado, quer tomemos tal crise como resultado imediato do ciúme crônico de sua mulher quer a tomemos como resultado do surgimento abrupto da cena do parto de Bertha. Breuer já não era nenhum garotinho em 1882, quando ocorreu a cena com Bertha (tinha 40 anos), mas será que poderíamos qualificá-lo como um dos experientes clínicos que sabiam a

importância da sexualidade como um fator patogênico nas neuroses? Ou será que ele estava mais próximo de um dos “aprendizes”, que eram cegos por causa de suas próprias preocupações? (FORRESTER, 1990, p. 38, grifos nossos).

Sempre existiu uma relação entre a histeria e a sexualidade desde as ideias de Hipócrates no século IV a.C. (mesmo em antigos pergaminhos egípcios), passando pela Idade Média, Renascença até meados do século XIX, quando o saber médico pouco a pouco se distanciou das primeiras visões sobre a histeria e procurou uma causa fisiológica e anatômica para os sintomas histéricos. O nome *hysteron*, útero, em grego, confirma a histeria como doença ligada à sexualidade e ao feminino, mas na Antiguidade a histeria era denominada doença de “sufocação da matriz”; a matriz era o útero, considerado um animal voraz que andava pelo corpo da mulher e comprimia seus órgãos internos, sufocando-a; as recomendações médicas gregas para o tratamento preventivo da histeria eram que a mulher solteira deveria se casar, a viúva engravidar e a casada realizar o ato do coito. Se na Idade Média a “sufocação da matriz” foi confundida com possessão e no século XVIII e XIX com fragilidade constitucional e placebo, foi o mesmo século XIX, que com Charcot conseguiu dar um lugar psiquiátrico à histeria como uma neurose, mas com ele, definitivamente, a histeria se dessexualizou. E se o sexo e a vivência sexual não foram levados em consideração na nosografia charcotiana, tais temas continuavam em evidência nas conversas de bastidores entre os médicos, como vemos na citação abaixo:

Uma das histórias contadas por Freud em “Sobre a história do movimento psicanalítico” dizia respeito a uma consulta que empreendeu conjuntamente com Chrobak. A angústia da paciente só podia ser mitigada pela informação da localização exata de seu médico a cada hora do dia. Depois da consulta, Chrobak disse a Freud que a paciente ainda era virgem, a despeito dos 18 anos de casada, e que, em tais casos, o médico não pode ter a esperança de curar, mas tem de proteger a reputação do marido às custas da sua própria. Quando as pessoas falarem da inabilidade do médico em promover a cura, tudo o que resta a ele é permanecer em silêncio. Em casos assim, continuou Chrobak, a única cura é uma dose repetida de *penis normalis* (FORRESTER, 1990, p. 44).

Parece mesmo que coube a Freud esse caminho de dar novamente um lugar de destaque e primazia para a base sexual da histeria. Essa ideia freudiana do traumático estar no sexual já aparece no texto do *Projeto* (1895), na parte II, intitulada “Psicopatologia”. No capítulo 2 de “A origem da compulsão histérica”, Freud se questiona sobre a origem da histeria e a natureza de seus fatores:

Agora surgem várias questões plenas de conteúdo: sob que condições chega-se a uma dessas formações patológicas de símbolo, (por outro lado) à repressão? **Qual é a força que move isto?** Em que estado encontram-se os neurônios da representação superintensa e os da representação reprimida?

Não haveria aqui nada para atinar e para prosseguir na construção se a **experiência clínica não ensinasse dois fatos**. Primeiro: a repressão **diz respeito** sem exceção **a representações que despertam no eu um afeto penoso** (desprazer); segundo: **representações advindas da vida sexual** (FREUD, 1850, p. 62, grifos nossos).

As representações que provocam o desprazer e ocasionam os sintomas histéricos são representações advindas da vida sexual, esse é o raciocínio de Freud exposto acima e que gostaríamos de ressaltar, dado que existem outras implicações teóricas igualmente importantes na citação mencionada.

O questionamento seguinte feito por Freud no texto do *Projeto* e que se referia a esse raciocínio, era o de entender o motivo das representações sexuais serem mais importantes que outras representações penosas. Inclusive porque, em parte, ele duvidava dessa ideia, pois não conseguia explicar como uma sedução ocorrida na infância – considerada uma etapa da vida onde não há o conhecimento por parte da criança sobre a sexualidade e nem vivência sexual – poderia não apresentar sintomas histéricos imediatos, mas que apareceriam depois, na puberdade. Vejamos:

É totalmente impossível supor que afetos sexuais penosos sejam tão superiores em intensidade a todos os outros afetos desprazíveis. Tem de ser um outro caráter da representação sexual o que possa explicar o porquê de somente as representações sexuais estarem sujeitas à repressão (FREUD, 1850, p. 64).

Freud precisava explicar como o traumatismo sendo provocado na infância por um adulto resultaria em sintomas apenas na puberdade: “Cabe esperar aí por condições psíquicas especiais. Do lado clínico, sabemos que tudo isso só acontece no domínio sexual; portanto, talvez, tenhamos de explicar a condição psíquica especial a partir de caracteres naturais da sexualidade” (Freud, 1850, p. 65). As condições psíquicas especiais descritas por ele na sequência do *Projeto* serão explicadas como o fenômeno do “a posteriori”, onde Freud começa dando um exemplo clínico – Emma – cuja sedução teria ocorrido aos oito anos de idade quando foi sozinha a uma loja, onde um merceiro beslicou-a nos genitais, dando gargalhadas. Somente aos doze anos, quando foi a uma loja onde os balconistas riam, começam os sintomas, ou seja, a compulsão de não poder ir sozinha a uma loja. Os sintomas não teriam aparecido na infância e reapareceriam no tempo posterior da puberdade, vejamos a explicação de Freud:

Se se perguntar qual seria a causa desse processo patológico intercalado, surge apenas uma única, a liberação sexual que também é atestada pela consciência. Ela está ligada à recordação do atentado, contudo é notabilíssimo que quando foi vivida não se tivesse ligado ao atentado. Trata-se aqui do caso em que uma recordação desperta um afeto que não despertara enquanto vivência porque entretimes a transformação da puberdade possibilitou uma outra compreensão do recordado. [...] Ora, este é o caso típico da repressão na histeria. Por toda parte, descobre-se que é reprimida uma recordação que apenas posteriormente se tornou um trauma. Causa desse estado de coisas é o atraso da puberdade em relação ao restante do desenvolvimento do indivíduo (FREUD, 1850, p. 67-68).

O “a posteriori” é um conceito que se relaciona com uma concepção de temporalidade na causalidade do trauma. O sujeito modifica a posteriori os acontecimentos passados em função de experiências atuais e essa modificação é que resultará em sintomas patológicos. É o segundo evento que provoca uma lembrança do primeiro e com isso acontece uma invasão de cargas de grande intensidade no aparelho psíquico, demonstrando que o que torna a experiência traumatizante é a incapacidade do aparelho de descarregar, segundo o princípio de constância, o excesso de excitação. É o ponto de vista fisiológico e econômico que aparecem aqui, numa mecânica e energética do conceito de trauma para a psicanálise freudiana e assim tem início a necessidade de entender o traumático “sexual” dado que ele, além de causar sintomas histéricos, está inserido na constituição do próprio aparelho psíquico.

No momento teórico de 1891, Freud acredita que o trauma sexual proveio de uma vivência real ocorrida na infância, onde a paciente teria passado por uma cena de sedução, contudo, constata com as sessões de suas pacientes que vários relatos não se sustentam. O trauma sexual infantil considerado como experiência real passa a ser compreendido como uma fantasia da paciente, fantasia de sedução, e essa constatação ajuda na formulação do conceito da existência de uma realidade psíquica.

A própria definição de uma divisão entre traumatismo real e psíquico só faz sentido em relação à noção psicanalítica de traumatismo, sendo elaborada no bojo da teoria da sedução e por isso, quando esta foi revista, a noção de traumatismo psíquico ficou apoiada no conceito de realidade psíquica e fantasia. Se os relatos das pacientes histéricas eram fantasias só havia uma conclusão possível, segundo Freud, tinha de existir sexualidade na infância.

O que conta não é o traumatismo em si, é o traumatismo para si, é a maneira pela qual ele foi vivido. O fato de que a fantasia à qual o sujeito dá a espessura da realidade tenha provocado o sintoma, prova bem a força, o peso, o poder da “realidade psíquica”. A realidade psíquica é de alguma forma mais real que a realidade fatural, ao menos para o histérico. A problemática pende para o lado do sujeito. (TRILLAT, 1991, p. 242-243)

Fazendo uma síntese desse percurso, temos que a grande intensidade afetiva da representação é o fator causal dos sintomas histéricos, cujo mecanismo é a dissociação da representação. Essa intensidade é proveniente de uma grande quantidade de excitação de origem fisiológica chamada de afeto e que se liga a uma representação. Essa representação torna-se intensa por justamente não ter acesso às vias normais de descarga de excitação: ação motora e de linguagem. Aquilo que é experienciado como um trauma desestabiliza o EU, que encontra como saída uma defesa e uma dissociação, barrando a representação do acesso ao consciente. A pergunta de como essa representação adquire essa intensidade afetiva conduziu Freud à sexualidade pelo fato desta fornecer os fatos ou as fantasias para a emergência de grandes quantidades afetivas; para Freud toda a representação presente na origem da histeria é de fato uma representação sexual.

As grandes quantidades de excitação – e que podem desgovernar o aparelho psíquico e gerar o trauma - são provenientes da sexualidade ou, como Freud vai conceituar, provenientes do impulso sexual. As representações sexuais superinvestidas são as responsáveis pelo excesso de quantidade que circularia no aparelho mental e o seu recalque – defesa – a origem dos sintomas das histéricas, sintomas estes interpretados como representações substitutivas da representação sexual que foi impedida de entrar no consciente.

O conceito de trauma psíquico serviu de base para se compreender que uma grande invasão de estímulos no psiquismo pode provocar um desequilíbrio, resultando em sintomas patológicos (histéricos) mesmo sem a presença de lesões orgânicas. Esse traumático, produto de um conflito de forças dentro do psiquismo, foi descoberto como sendo o sexual, a partir da escuta das fantasias das histéricas. Como necessidade de entender a importância que as fantasias sexuais e o conflito sexual tinham na produção das patologias, Freud precisou se voltar para o estudo da sexualidade humana.

Mesmo com o conceito de pulsão não aparecendo nos textos freudianos desse período de 1891 a 1895, percebemos que o lugar estabelecido para o traumático, como sexual e psíquico, abriu as portas para a construção teórica da natureza da pulsão. Um indício de que a pulsão já se esboçava no pensamento freudiano no *Projeto* (1895) foi assinalado por Caropreso:

Assim, apesar de essas quantidades serem geradas continuamente, só periodicamente seriam convertidas em estímulos psíquicos: quando adquirissem intensidade suficiente, por meio do mecanismo de somação, para ocupar o núcleo do

sistema ψ , elas seriam convertidas em estímulos psíquicos. ψ do núcleo conteria, então, representações constituídas a partir dessas fontes internas de estimulação. **Vale a pena observar que essas representações possuiriam as mesmas características atribuídas ao conceito de pulsão no artigo *Pulsões e destinos das pulsões* [...] (CAROPRESO, 2008, p. 112, grifos nossos).**

E Caropreso reafirma a sua opinião :

Tendo em vista essas definições de pulsão, pode-se considerar que o conceito de pulsão tem sua origem no “Projeto”, como apontou Geerardyn (1997), e que ψ do núcleo, sendo o pólo pulsional do aparelho, antecipa a instância “Id” proposta na chamada “segunda tópica”, apresentada por Freud em *O ego e o id* (1923) (CAROPRESO, 2008, p. 113).

Notamos pelas considerações de Caropreso (2008) que essa quantidade é uma em específico, é aquela que ocupa o núcleo de ψ e pode ser convertida em estímulos psíquicos. Estas representações possuem características do conceito de pulsão do artigo de 1915, logo, no bojo da história da histeria na psicanálise já encontramos uma parte da origem do conceito de pulsão. Em 1905, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud faz uma análise da sexualidade humana e utiliza o termo pulsão para se referir a um impulso sexual inato, presente em todos os seres humanos. Os *Três Ensaios* (1905) não tiveram como objetivo central uma descrição da natureza da pulsão, porque o foco foi uma explicação sobre a constituição da sexualidade humana. Apenas em 1915, Freud vai procurar descrever a natureza da pulsão em *Pulsões e Destinos da Pulsão*, fazendo-a objeto de uma reflexão metapsicológica, usando o termo *trieb* para este trabalho e realizando a terceira revisão no seu texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* no qual dará destaque ao conceito.

A pulsão com certeza é o conceito mais enigmático e paradigmático da metapsicologia freudiana. Sua ligação com os aspectos físicos do aparelho neuronal do *Projeto de uma Psicologia* (1895) e sua filiação psíquica devido aos *Estudos sobre a Histeria*, em que a definição de uma representação inconsciente e psíquica é exemplificada, contrariando a identificação do psíquico com o consciente e, assim, afirmando a existência de um psíquico inconsciente, faz da pulsão um objeto de estudo complexo e que necessita de uma análise em vários momentos da metapsicologia e em vários campos da ciência para uma maior clareza de sua natureza.

2.2 A Contribuição dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* para o Conceito de Pulsão

Os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) é uma obra de peso na Psicanálise, percorre uma discussão sobre os aspectos da sexualidade infantil, da sexualidade normal e perversa e coloca a sexualidade humana como variável e plástica. Também percebemos, nesse texto, as concepções de neurose, particularmente a respeito dos interesses de Freud sobre a histeria naquele período (1885-1905) e a criação de vários de seus conceitos como recalque, defesa, estágios do desenvolvimento psico-sexual entre outros. Pode-se ainda procurar compreender as influências científicas que recebeu nesse período através das leituras, professores e amigos pessoais e investigar as raízes epistemológicas do texto referido acima.

A leitura, proposta nesse momento, é a de se ater ao conceito de pulsão, descrever como Freud vai elaborando-o e utilizando-se dele para justificar suas ideias ao longo dos três ensaios, quando possível, e também as lacunas desse percurso referentes à natureza da pulsão. Será dada ênfase às afirmações freudianas que estiverem marcando a pulsão de um ponto de vista biológico e fisiológico, ou seja, recorrendo a explicações inatistas e evolucionistas, fisiológicas e energéticas, como também, ressaltar as afirmações onde a pulsão é descrita e circunscrita com explicações psicológicas.

Como foi descrito anteriormente, o lugar da clínica da histeria contribuiu para a criação do conceito de inconsciente e para a explicação da sexualidade como a gênese das neuroses. Compreender o que era essa sexualidade tornava-se algo premente em psicanálise, principalmente porque as fantasias das histéricas apontavam para a existência de uma sexualidade infantil. A explicação do impulso sexual foi permeada pelos percalços na construção teórica de Freud, como escreveu Strachey, nos comentários que antecedem os *Três Ensaios*:

As observações clínicas da importância dos fatores sexuais na causação da neurose de angústia e da neurastenia, inicialmente, e das psiconeuroses, mais tarde, foram o que levou Freud pela primeira vez a uma investigação geral do tema da sexualidade. Suas primeiras abordagens, durante o início da década de 1890, partiram dos pontos de vista da fisiologia e da química. Por exemplo, encontra-se uma hipótese neurofisiológica sobre os processos de excitação e descarga sexuais na Seção III de seu primeiro artigo sobre a neurose de angústia (1895b); um notável diagrama ilustrando essa hipótese aparece no Rascunho G das cartas a Fliess, aproximadamente na mesma época, mas já fora mencionado um ano antes (no Rascunho D). A insistência de Freud nas bases químicas da sexualidade remonta pelo menos a essa época (mas há também uma alusão ao tema no Rascunho D, provavelmente datado da primavera de 1894) (STRACHEY apud FREUD, 1980, p. 121).

Apesar do interesse pela sexualidade e de explicações físico-químicas, os anos anteriores a 1897 não registraram nada a respeito da sexualidade infantil. A concepção freudiana da sexualidade na infância, anterior a 1905, era aquela pautada por sua teoria da sedução, quando um adulto perverso seduziria uma criança e a partir desse fato esta teria uma sexualidade. Logo, a concepção freudiana da sexualidade humana seguia, nesse momento, uma norma, a de que a sexualidade só passaria a existir com a puberdade. Apenas a constatação da importância da fantasia na vida psíquica levou Freud a reconhecer que as moções sexuais atuavam normalmente em crianças pequenas, antes da puberdade, e sem necessidade de estimulação externa.

No primeiro dos três ensaios, sobre *As Aberrações Sexuais*, Freud afirmou o fato de existirem necessidades sexuais no homem e nos animais e esse fato expressava-se pela biologia pelo pressuposto de uma pulsão sexual. Ao abrir esse ensaio, ele falou da pulsão sexual como uma necessidade biológica comum tanto ao homem como aos animais. Também afirmou que essa necessidade sexual seria denominada de libido equivalendo a necessidade de nutrição - pulsão de nutrição - que é denominada de fome.

O termo libido – segundo o próprio autor, em nota de rodapé – foi preferido a *lust* palavra alemã com significado de “prazer”, “desejo” e considerada ambígua por indicar tanto a sensação de necessidade quanto à sensação de satisfação. *Lust* poderia ser interpretado então como algo que antecede e move a busca sexual e também como aquilo que advém com a satisfação da meta sexual, o que não agradava a Freud que parecia querer deixar claro que a pulsão sexual que ele começava a esboçar era algo presente nos organismos dos homens e dos animais, e nesse sentido, no início do primeiro ensaio, o biológico era para marcar o caráter inato da pulsão.

Freud, em seguida, passou a falar do objeto e do alvo sexual, mais precisamente tentando diferenciar aquilo que a ciência até então chamava de uma sexualidade normal, de uma sexualidade dita anormal. As descrições dos comportamentos dos invertidos – como Freud denominou pessoas que tinham como preferência de objeto sexual um sexo idêntico ao delas próprias – permitiu a ele demonstrar a impossibilidade de se aceitar como explicação da inversão tanto o seu caráter inato como o adquirido. Freud concluiu como explicação da inversão:

Nem a hipótese de que a inversão é inata, nem tampouco a conjectura alternativa de que é adquirida explicam sua natureza. No primeiro caso, é preciso dizer o que há nela de inato, para que não se concorde com a explicação rudimentar de que a

pessoa traz consigo, em caráter inato, o vínculo da pulsão sexual com determinado objeto sexual. No outro caso, cabe perguntar se as múltiplas influências acidentais bastariam para explicar a aquisição da inversão, sem necessidade de que algo no indivíduo fosse ao encontro delas. A negação deste último fator, segundo nossas colocações anteriores, é inadmissível (FREUD, 1905, p. 133).

A importância dos comentários freudianos, acerca dos invertidos para o conceito de pulsão, foi o de demonstrar que existiria um grande número de desvios com relação ao objeto sexual e ao alvo sexual, contrariando a norma do que seria esperado para a sexualidade humana: homem tendo a mulher como objeto sexual e vice-versa. A pulsão sexual não teria um objeto fixo, bem diferente da anteriormente citada *pulsão de nutrição* cujo objeto, o alimento, seria fixo. É o que começa a transparecer no pensamento freudiano e que conduz a uma proposta totalmente original na concepção da sexualidade humana: a de uma disposição bissexual.

Essa disposição bissexual é justificada, primeiramente, com as explicações anátomo-fisiológicas de casos de pessoas com caracteres sexuais confusos ou de pessoas que nascem com os dois tipos de aparelho genital, o masculino e o feminino. Esses casos de anomalia anatômica poderiam ajudar a justificar uma predisposição originariamente bissexual, contudo, logo em seguida, Freud rejeita essa transposição do campo anatômico para o psíquico, para defender apenas que há uma disposição bissexual implicada na inversão, embora não saiba dizer em que consiste essa disposição além da própria constituição anatômica e de perturbações no desenvolvimento da pulsão sexual.

Para compreender o conceito de pulsão, uma disposição bissexual universal é pertinente, pois ela auxilia a compreender que o objeto sexual não fica condicionado e restrito a um determinado sexo. A pulsão sexual é, nesse momento do texto, a força biológica que move o indivíduo à satisfação da necessidade sexual e, para tanto, ela é independente de seu objeto.

Chamou-nos a atenção que imaginávamos como demasiadamente íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste (FREUD, 1905, p. 140).

A pulsão não depende do objeto, ou seja, ela não se origina por causa do objeto e nesse sentido ela parece ser uma força biológica endógena e inata.

Se o objeto da pulsão é variável e não algo já determinado, o que dizer do alvo sexual que era normatizado como a união dos genitais do homem e da mulher no ato do coito e a consequente descarga da tensão sexual?

Sabia-se que os chamados alvos sexuais preliminares, o contemplar, o apalpar o objeto, por exemplo, traziam muito prazer, além de intensificar a excitação antes de alcançar o alvo sexual definitivo, e em alguns casos, eles próprios se convertiam no alvo almejado, no caso das perversões sexuais. Freud escreveu:

As perversões são ou (a) transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou (b) demoras nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final (FREUD, 1905, p. 142).

Freud está ressaltando o fato de que aquilo que em termos biológicos conduziria a uma mera busca reprodutiva, alvo sexual, descrito como o encontro dos genitais para uma descarga e uma provável reprodução da espécie, muda de contexto na vida sexual humana, no sentido de que o alvo se converte na própria busca do prazer e este prazer é encontrado em alguns casos nas preliminares do ato sexual.

Somente em raríssimos casos a valorização psíquica com que é aquinhado o objeto sexual, enquanto alvo desejado da pulsão sexual restringe-se a sua genitália; ela se propaga, antes, por todo o seu corpo, e tende a abranger todas as sensações provenientes do objeto sexual (FREUD, 1905, p. 142).

A pulsão fica como força biológica que busca um objeto variável, dado que a pulsão como essa força move o sujeito em busca da satisfação e para satisfazê-la o objeto da pulsão não é fixo. E a pulsão – aqui não comportando mais uma teleologia oriunda da biologia - tem como alvo sexual não só a união dos genitais (reprodução), mas, também tem como alvos sexuais atividades prazerosas ligadas a outras partes do corpo, sendo que, algumas vezes, os prazeres preliminares dessas outras partes têm primazia sob o ato do coito e/ou preponderam de tal maneira, a ponto de eliminar completamente a união dos genitais no coito.

Nesse momento, uma parada para reflexão é importante para analisarmos o quanto Freud utilizou explicações fisiológicas e biológicas para explicar a sexualidade humana e, por consequência, o conceito de pulsão. Ora, se o objetivo sexual da pulsão não é estritamente uma finalidade reprodutiva, podendo inclusive prescindir totalmente desta, a pulsão sexual na espécie humana parece se afastar progressivamente de uma leitura biologicista, pelo menos de uma leitura da biologia empregada no final do século XIX e início do século XX e na qual

Freud estava imerso pelas influências de seus professores e pelo *zeitgeist* da época. Uma das dificuldades do texto freudiano é justamente esta, a de delimitar se o conceito de pulsão sexual se aproxima da biologia ou se radicalmente se opõe a este campo da ciência. O texto dos *Três Ensaios* parece oscilar, utilizando-se ora de explicações e justificativas emprestadas da Biologia, ora a partir desta e, progressivamente, começa a se afastar dela e mais ainda, realiza um salto que vai de uma explicação anátomo-fisiológica e biológica para a colocação de pontos de vistas próprios decorrentes da observação empírica da clínica freudiana.

De qualquer forma, conforme a nossa narrativa prosseguir, procurando ressaltar os aspectos biológicos da pulsão e os momentos em que Freud parece romper com eles, vamos mostrar a importância que o autor dá a Biologia para compreender as bases da sexualidade humana. No prefácio à terceira edição – 1914 - dos *Três Ensaios*, Freud reitera:

Junto a sua total dependência da investigação psicanalítica, devo destacar como característica desse meu trabalho, sua deliberada dependência da investigação biológica. Evitei cuidadosamente introduzir expectativas científicas provenientes da biologia sexual geral, ou da biologia das espécies animais em particular, no estudo da função sexual do ser humano que nos é possibilitado pela técnica da psicanálise. A rigor, meu objetivo foi sondar o quanto se pode apurar sobre a biologia da vida sexual humana com os meios acessíveis à investigação psicológica; era-me lícito assinalar os pontos de contato e concordância resultantes dessa investigação, mas não havia porque me desconcertar com o fato de o método psicanalítico, em muitos pontos importantes, levar a opiniões e resultados consideravelmente diversos dos de base meramente biológica (FREUD, 1905, p. 125).

Os resultados diversos dos de base meramente biológica que Freud cita, devem ser lidos e analisados de acordo com a biologia de sua época, no tocante a maneira como a Medicina Psiquiátrica definia o normal e o patológico do comportamento sexual humano, por isso, apesar de, no início de seu raciocínio acima, afirmar a total dependência da psicanálise à biologia, no final ele demarca a independência da Psicanálise como campo de observação.

Retomando *Os Três Ensaios*, se existe uma mudança na finalidade da pulsão sexual como meta biológica-reprodutiva do encontro de genitais, Freud também delimita as condições gerais em que a pulsão sexual seria considerada aberração patológica, adentrando no terreno das perversões. Ele vai especificar que a patologia acontece quando o anseio por um fetiche – substituto do objeto sexual, como uma parte do corpo pouco apropriada para fins sexuais ou um objeto inanimado – se fixa e substitui o alvo sexual normal e mais, quando ele pode se tornar o único objeto sexual. Parece que a meta da pulsão é a satisfação da necessidade sexual e essa satisfação não é, exclusivamente e necessariamente a procriação. Contudo, o afastamento desta procriação como objetivo último da meta sexual, bem como a

ausência do coito genital, parece justificar a patologia, assim a biologia de certa maneira estabelece a norma. Ela designaria o que seria o comportamento normal e o patológico e é importante não esquecer que a doença estaria na fixidez do objeto, quando ele mesmo fosse o alvo final e único do prazer.

Quando a perversão não se apresenta ao lado do alvo e do objeto sexuais normais, no caso em que a situação é propícia a promovê-la e há circunstâncias desfavoráveis impedindo a normalidade, mas antes suplanta e substitui o normal em todas as circunstâncias, ou seja, quando há nelas as características de exclusividade e fixação, então nos vemos autorizados, na maioria das vezes, a julgá-la como um sintoma patológico (FREUD, 1905, p.153).

O conceito de pulsão, nos *Três Ensaios*, abarca assim tanto uma ideia de um comportamento sexual normatizado, o tipo de sexualidade adulta normal fica definido, como, ao mesmo tempo, a compreensão de um comportamento sexual maleável fica permitida, comportando gamas e variações e esta variedade do comportamento sexual não seria necessariamente caracterizada como patológica. A meta da pulsão (sexual) é a gratificação – obtenção do prazer através da descarga de estimulação. E a maneira como o aparelho psíquico vai descarregar essa fonte endógena de estímulos, esse excesso de quantidade, compreende que, para realizar essa tarefa, ele precisa ter um objeto que satisfaça essa condição de descarregá-lo. O objeto da pulsão é um elemento variável, como já fica entendido nos *Três Ensaios* e também podemos observar uma tentativa constante de explicar a normalidade e a anormalidade recorrendo à Biologia e a necessidade de defender a pulsão sexual como mola propulsora das tensões presentes no aparato psíquico (excesso de estimulação) e do conflito psíquico dos neuróticos.

A pulsão é uma exigência de trabalho, a pulsão é uma pressão; exigência e pressão dentro do aparelho psíquico. Essa afirmação indica uma conceituação fisiológica da pulsão. Acontece que o aparelho mental parece ser capaz de transformar um processo orgânico de energia em um processo psíquico de energia. Como é possível essa transformação de energia orgânica em energia psíquica? Deixaremos essa questão para outro momento de nossa explanação.

Como entender que a pulsão sexual sendo uma força biológica - inclusive pela demonstração de que o seu objeto não é fixo e logo, não é ele, o objeto, que causa a pulsão - com uma meta de satisfação sexual que coincidiria com o coito genital entre sexos opostos, possa comportar essa “transgressão” do biológico que vai resultar justamente nas perversões?

A resposta de Freud é justamente que o psíquico participaria na transformação da pulsão sexual, o psíquico, então, agiria sobre o biológico: “Talvez justamente nas perversões mais abjetas é que devemos reconhecer a mais abundante participação psíquica na transformação da pulsão sexual” (FREUD, 1905, p. 153).

O texto freudiano parece indicar assim que a pulsão sexual é biológica, porém, na espécie humana, sofre variações e transformações e estas são consequência do psíquico numa ação de transformação sobre o biológico. Esse trabalho do psíquico sobre o biológico também auxiliaria a compreender porque os componentes perversos são encontrados na vida das pessoas ditas normais:

A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por ela julgado como qualquer outra intimidade. Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou arranjar-lhe um lugar ao lado dele. Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão. Justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos (FREUD, 1905, p.152).

É próprio do texto dos *Três Ensaio*s esse movimento de recorrer à Biologia e acabar sendo transgressor da norma estabelecida pela ciência do final do século XIX, inovando, rompendo com o que a medicina definia como sendo o comportamento sexual normal da espécie humana. Norma estabelecida pela ciência ou norma estabelecida pelo social? Caberia nos perguntarmos se essa variação dentro da amplitude do fisiológico não é mesmo normal, ou seja, a ampla variação no campo da vida sexual seria totalmente possível e natural e justamente o patológico adviria do campo do social que nomeia o que considera o normal e o anormal no campo da sexualidade humana. Assim, Freud não abandonara seus argumentos naturalistas, mas teria, antes de tudo, os colocado sempre sob uma nova ótica ao focar a espécie humana. O homem seria um ser natural, uma espécie animal, mas, justamente por isso, Freud teria procurado descrever seu comportamento sexual exaustivamente, indo do que a ciência chamava de patológico ao conceito de normalidade e vice e versa, sempre revendo o seu pensar sobre a pulsão sexual, conceito com o qual ele abriu os *Três Ensaio*s para justificar a existência das necessidades sexuais no homem e no animal.

As perversões existentes na vida sexual dos chamados neuróticos, seja em fantasia ou como componente presente e pertencente às preliminares do ato sexual, levaram Freud a pensar que elas poderiam ser decompostas, o que denotaria sua natureza composta. Ele pensou que isso poderia ser um indício de que talvez a própria pulsão sexual não seja simples, mas composta.

Se juntarmos o que a investigação das perversões positivas e negativas nos permitiu averiguar, parecerá plausível reconduzi-las a uma série de “pulsões parciais” que, no entanto, não são primárias, já que permitem uma decomposição ulterior (FREUD, 1905, p. 159).

Então, é quase ao final do primeiro ensaio que Freud procura definir a pulsão sexual como o representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que flui incessantemente, assim como um conceito situado entre o anímico e o físico. Ele continua o texto afirmando que a pulsão impõe uma exigência de trabalho ao psíquico, não possuindo qualidade alguma e o que diferenciaria as pulsões entre si seriam suas fontes somáticas e seus alvos. Quando Freud escreve sobre a fonte e o alvo da pulsão, ele os coloca num ponto de vista biológico e fisiológico do aparelho, pois a fonte da pulsão é definida através de um processo excitatório num órgão e o alvo da pulsão é a eliminação completa desse excesso de estimulação orgânica. Nesse caso, parece que, ainda que de uma forma longínqua, o referencial neuropsicológico do *Projeto* continuou presente, mesmo Freud tentando formular uma nova teoria da sexualidade a partir dos dados coletados através da análise clínica de pacientes com psiconeuroses. Apesar dos dados empíricos conseguidos com a prática clínica, Freud continuava com o seu grande projeto, o de elaborar a gênese e o funcionamento do aparelho mental humano no bojo do naturalismo cientificista de sua época. Assim finaliza o primeiro dos três ensaios:

Agora se nos oferece a conclusão de que há sem dúvida algo inato na base das perversões, mas esse algo é inato em todos os seres humanos, embora, enquanto disposição possa variar de intensidade e ser acentuado pelas influências da vida. Trata-se, pois, das raízes inatas da pulsão sexual dadas pela constituição, as quais, numa série de casos (as perversões), convertem-se nas verdadeiras portadoras da atividade sexual (perversa), outras vezes passam por uma supressão (recalcamento) insuficiente, de tal sorte que podem atrair indiretamente para si, na qualidade de sintomas patológicos, parte da energia sexual, e que permitem nos casos mais favoráveis situados entre os dois extremos, mediante uma restrição eficaz e outras elaborações, a origem da chamada vida sexual normal (FREUD, 1905, p. 162).

A conclusão do final do primeiro dos três ensaios é que a pulsão sexual é inata e idêntica em todos os seres humanos, neuróticos ou perversos e nesse sentido ela se aproxima de uma força endógena que impulsiona os indivíduos a sua satisfação, sem, contudo, ter relação direta com um objeto específico. O objeto viria apenas como resultado da busca pulsional de satisfação e a variação do comportamento sexual na espécie humana seria algo natural e dependente da variação e intensidade constitucional de cada organismo, das forças do recalçamento e de acordo com as influências da vida em cada sujeito.

Gostaríamos de ressaltar no texto freudiano o conceito de recalçamento porque ele é descrito como uma força que auxilia na supressão da pulsão sexual e pensamos estar aí uma especificidade do conceito de pulsão sexual na metapsicologia freudiana, pois, apesar dela ter uma base biológica (inata) e sofrer influência da história de vida (ambiente, aprendizagem), Freud está adicionando a ela um elemento novo, qual seja, a ação de um mecanismo intrapsíquico (recalque) que ajudaria o homem a lidar com ela. Contudo, apesar de Freud afirmar a plasticidade/variabilidade do objeto da pulsão sexual, admitindo que os casos de inversão (homossexualidade) são uma variação do comportamento sexual da espécie e também que animais podem ser escolhidos como objeto sexual provisoriamente, por não existir outro objeto disponível ou porque é uma prática comum entre camponeses e também que crianças podem ser tomadas como objeto sexual quando não há outro mais adequado, mesmo assim, Freud estabeleceu restrições quanto ao normal e o patológico no comportamento sexual. Ele afirmou que casos em que o sujeito escolhe, exclusivamente, pessoas sexualmente imaturas (crianças), este seria um sujeito perverso, cujo comportamento sexual é descrito como patológico.

Contudo, com relação à descrição do normal e patológico, Freud, apesar de avançar com a exposição de que a sexualidade humana é variada, acaba afirmando que certa fixação de uma pessoa por um objeto sexual único, objeto este que não possibilite a união sexual dos genitais (que Freud chamou de “alvo sexual normal”), levaria a considerar esses casos como “anormais”, apesar de perceber que estes mesmos objetos “perversos” apareceriam esporadicamente nas práticas ou nas fantasias das pessoas tidas como normais. Ou seja, muitos dos avanços a respeito da sexualidade humana, nos *Três Ensaio*s, ficam comprometidos por considerações como esta que voltam a direcionar a meta última da sexualidade humana como sendo uma atividade de descarga reprodutiva.

Freud nomeou o que considerava como alvo sexual normal:

Considera-se como alvo sexual normal a união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual (uma satisfação análoga à saciação da fome). Todavia, mesmo no processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como perversões. É que certas relações intermediárias com o objeto sexual (a caminho do coito), tais como apalpá-lo e contemplá-lo, são reconhecidas como alvos sexuais preliminares (FREUD, 1905, p. 141).

Vemos como certas práticas preliminares tornar-se-iam, elas mesmas prazerosas, constituindo-se, muitas vezes, a meta da descarga da pulsão apenas a obtenção do prazer das mesmas. Ainda poderíamos dizer que elas estariam perturbando o chamado “alvo sexual normal”, que do ponto de vista fisiológico é a descarga da tensão através do orgasmo e do ponto de vista biológico é a reprodução da espécie. Mas, o pensamento freudiano considera o prazer advindo dessas práticas preliminares como pertencente à imensa variedade do comportamento sexual humano e a patologia estaria contida na prática em que é eleito um objeto sexual com exclusividade e mais, se a relação com ele não conduzisse ao coito, não esquecendo que Freud sempre defenderá que a intensidade da pulsão sexual contém um fator constitucional (inato) que também delimitará o normal e o patológico.

Nesse bojo, Freud afirmou que o fetiche é outro caso em que o objeto sexual normal é substituído por outro considerado impróprio para alcançar o “alvo sexual normal”. Esse substituto é uma parte do corpo imprópria para fins sexuais ou um objeto inanimado que possui uma relação com a pessoa a quem substitui. Freud considerou que o ponto de ligação do fetiche com a sexualidade normal é devido à supervalorização psicológica que é dada ao objeto sexual e que se propaga a tudo que esteja relacionado a ele, considerando que certo grau de fetichismo é próprio do amor normal, principalmente nos casos em que o alvo sexual normal é inatingível. Contudo, veremos novamente a restrição que Freud faz para os casos de fixação:

O caso só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar de alvo sexual normal, e ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual. São essas as condições gerais para que meras variações da pulsão sexual se transformem em aberrações patológicas (FREUD, 1905, p. 146).

É refletindo o quanto a disposição constitucional interferiria ou não no comportamento sexual normal ou patológico que Freud vai chegar à conclusão que o único meio de estudá-la é observá-la nas crianças e assim passará ao segundo ensaio cujo tema é a

sexualidade infantil. Seria na infância que as pulsões poderiam ser observadas em sua gênese e poderíamos seguir os passos do desenvolvimento da sexualidade humana.

O alvo sexual da pulsão sexual na infância (satisfação pulsional na descarga fisiológica), nos *Três Ensaio*s, é a satisfação das zonas erógenas (auto-erotismo). As zonas erógenas também são nomeadas como fonte da pulsão sexual, pois cada zona erógena determinaria a origem da pulsão sexual parcial. No texto dos *Três Ensaio*s (1905), a fonte da pulsão é deduzida pelas metas, no caso, as metas são a satisfação das zonas erógenas. Será apenas em *Pulsões e destinos da Pulsão* (1915) que Freud irá mencionar outras fontes para a pulsão sexual.

Bem, mas a pergunta que fica é o que é uma zona erógena, já que as mesmas determinam a origem da pulsão sexual parcial?

Cabe lembrar que no primeiro ensaio, no seu estudo sobre as perversões, Freud concluiu que a pulsão sexual deveria ser composta, dada à variedade dos comportamentos sexuais encontrados na vida dos perversos e na fantasia dos neuróticos. A sexualidade é polimorfa e logo, a pulsão que é a fonte da sexualidade também o é e a infância é o local por excelência onde se pode observar esse polimorfismo.

Na infância, a pulsão é auto-erótica, isto quer dizer que a pulsão não está dirigida para outra pessoa, mas, sim, que ela se satisfaz no próprio corpo. Freud procura explicar que a atividade sexual inicialmente apóia-se, nasce ancorada numa atividade ligada à preservação da vida, por exemplo, o mamar é uma atividade fundamental para a preservação da vida de um sujeito para que ele não morra de fome e sobreviva. Aos poucos, a região da boca, estimulada pelo ato de mamar tem um ganho de satisfação prazerosa, além da necessidade de saciar a fome. É esse ganho que aos poucos condiciona a boca a se constituir como uma zona erógena porque a criança passa a sentir um prazer pelo próprio ato de sugar, mesmo que a sucção não seja para a alimentação.

Está claro, além disso, que o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado. No caso mais simples, portanto, a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa. É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos)- há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportam-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. [...] A necessidade de repetir a satisfação sexual

dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento [...] (FREUD, 1905, p. 171).

E quanto ao ato de chuchar:

O chuchar [...] consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao alcance – até mesmo o dedão do pé – são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção (FREUD, 1905, p. 169).

Vemos então, através do chuchar, três características da pulsão sexual: nasce apoiando-se nas funções somáticas vitais, é auto-erótica (o objeto da pulsão é em primeiro lugar o próprio corpo da criança), e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena.

A zona erógena é constituída quando uma parte da pele ou da mucosa, que recebe certos tipos de estimulação, ocasiona uma sensação prazerosa de determinada qualidade. Apesar da atividade sexual nascer apoiada numa função de preservação da vida, às zonas erógenas não nascem ancoradas apenas nas funções somáticas vitais. Freud afirma que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa poderia tomar a função de uma zona erógena e mais, que para tanto, a qualidade do estímulo é que se relaciona com a sensação de prazer. O alvo da pulsão sexual infantil torna-se o provocar a satisfação da zona erógena mediante uma estimulação adequada.

A primeira fase do desenvolvimento psicosssexual é chamada de oral e a segunda de anal e recebem tais nomes porque as zonas erógenas, as quais os nomes se referem, são centrais para a sexualidade humana. Assim como o chuchar é considerado uma atividade auto-erótica típica da fase oral, a segunda fase está relacionada a grande quantidade de estimulação que a criança recebe nos esfíncteres, no reto e no ânus por causa da intensidade da atividade gástrica da infância. Ele descreveu esse tipo de atividade sexual como auto-erótica. As fases psicosssexuais começam no nascimento e vão até os cinco anos de idade (a última fase é chamada de fálica) e logo após a criança entra no chamado período de latência, em que a produção da excitação sexual é empregada, em sua maior parte, para outras finalidades que não as sexuais, ou seja, para contribuir com os componentes sexuais para os sentimentos sociais, ou para construir barreiras posteriores contra a sexualidade (através da formação reativa).

Tivemos então de registrar, como uma de nossas mais surpreendentes descobertas, que essa eflorescência precoce da vida sexual infantil (dos dois aos cinco anos) também acarreta uma escolha objetal, com toda a riqueza das realizações anímicas que isso implica, de modo que a fase correspondente e ligada a ela, apesar da falta de síntese entre os componentes pulsionais isolados e da incerteza do alvo sexual, deve ser apreciada como uma importante precursora da posterior organização sexual definitiva (FREUD, 1905, p. 220).

É fato para a psicanálise que a pulsão sexual na infância é auto-erótica, mas, também, comporta a escolha de objeto e, portanto, a sexualidade anterior à maturidade genital é precursora de uma organização sexual definitiva. Vejamos como Freud explica o desenvolvimento sexual do ser humano:

A instauração bitemporal do desenvolvimento sexual nos seres humanos, ou seja, sua interrupção pelo período de latência, pareceu-nos digna de uma atenção especial. Ela se afigura como uma das condições da aptidão do homem para o desenvolvimento de uma cultura superior, mas também de sua tendência à neurose. Ao que saibamos, nada de análogo é demonstrável entre os parentes animais do homem. A origem dessa peculiaridade humana deveria ser buscada na proto-história da espécie (FREUD, 1905, p. 220-221).

A pulsão sexual passaria então por duas fases, a primeira do nascimento até a entrada no chamado período de latência, em que a pulsão seria deslocada para outras atividades/fins que não a sexual e a segunda fase que começaria com a puberdade e iria do desenvolvimento da chamada vida sexual do adulto até a morte do sujeito, na qual haveria um tipo de escolha objetal e não auto-erótica e uma prática sexual com o objetivo da meta fisiológica e/ou meta biológica reprodutiva. Na puberdade, as várias fontes de excitação sexual – pulsões parciais – ficam subordinadas ao primado das zonas genitais e ao processo de encontro do objeto. As pulsões parciais vão se fundir na pulsão sexual genital e logo, os atos sexuais outrora autônomos (parciais) tornam-se atos preparatórios do novo alvo sexual – a descarga das substâncias genésicas – e esse ato, o coito, acompanhado de prazer coloca fim à excitação sexual.

Freud afirma que na puberdade os processos de desenvolvimento somático e psíquico caminham por algum tempo sem ligação entre si, até que uma intensa emoção chamada amor, que teria uma base química, seja suscitada e conduza a inervação dos genitais, produzindo a unidade da função amorosa exigida pela normalidade. O que é marcante no pensamento freudiano é sua compreensão de bitemporalidade do desenvolvimento sexual na espécie humana, de que é essa “interrupção” temporária da busca de satisfação da sexualidade e deslocamento da pulsão para as atividades sociais e culturais que dá a possibilidade do

desenvolvimento da cultura, mas que também pode gerar perturbações, como a neurose. Claro que são os diques sociais os responsáveis por essa “contenção” da pulsão, a educação através dos seus representantes no interior do aparelho psíquico, o asco, a vergonha, o nojo e a moral impossibilitariam a vivência sexual plena até o surgimento da puberdade. Nesta, fatores químicos, como dizia Freud, participam na reativação da busca de uma satisfação plenamente sexual como uma necessidade que o biológico passa a impor ao psíquico. Agora, a questão das fontes químicas da pulsão, como Freud bem as nomeia como um território ainda desconhecido, é importante para pensarmos se é a educação que interrompe a pulsão sexual de sua meta na fase de latência ou se essa parada não é pertinente ao próprio desenvolvimento pulsional da espécie humana, justamente porque Freud propõe que a retomada da pulsão na puberdade seja acionada por mecanismos endógenos e químicos.

Nos primeiros “dois ensaios”, Freud procura ampliar ao máximo as possibilidades do comportamento pulsional, analisando a pulsão na diversidade das perversões e na sexualidade infantil e no “terceiro ensaio” o foco é a pulsão “adulta”, momento a partir do qual ela se organiza em torno de um objeto e através de uma “tarefa” de reprodução. Nesse sentido, o último dos ensaios parece conduzir a pulsão a cumprir realmente uma meta biológica específica e, segundo Limongi:

[...] meta biológica específica, e que, postulada ao fim do percurso, coordena e restringe sua maleabilidade segundo uma norma – a norma da sexualidade adulta e, retrospectivamente, de todo desenvolvimento sexual, conforme ele se encaminhe para este desfecho ou dele se afaste. De acordo com este ponto de vista desenvolvimentista, que parece ser o do conjunto dos *Três Ensaios*, há de fato uma norma sexual, no sentido de um valor preferencial e pré-figurado de comportamento, norma esta que admite uma série mais ampla de comportamentos do que supõe a visão comum que dela se faz, mas ainda assim uma norma, da qual faz sentido dizer que, pelo menos no adulto, as perversões são desvios. São desvios em relação ao desenvolvimento normal da sexualidade, que os admite apenas na infância e que deverá superá-las em favor da meta e dos objetivos normais da sexualidade adulta. (LIMONGI, 1994, p. 23-24)

Parece que a questão é que na vida adulta, esses comportamentos advindos das pulsões sexuais parciais infantis precisariam estar submetidos e fundidos a uma pulsão sexual genital, ou seja, eles comporiam e enriqueceriam a pulsão genital que obteria o mais alto grau de prazer com a descarga dos produtos sexuais, quando a pulsão sexual está a serviço da função reprodutora. A meta fisiológica da pulsão, descarga da tensão interna, que era anteriormente na infância obtida com o auto-erotismo, agora alcança sua descarga máxima com o orgasmo e conseqüente liberação do que Freud chamou de substâncias genésicas, porém, apenas com a sexualidade adulta adviria o aparecimento da meta biológica da pulsão,

a reprodução da espécie através do ato do coito. Realmente parece existir um ponto de vista desenvolvimentista no último dos três ensaios.

Com relação ao termo libido, este foi definido por Freud a partir de hipóteses de bases químicas da excitação sexual. Vejamos como Freud a definiu:

Estabelecemos o conceito da libido como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual. Diferenciamos essa libido, no tocante a sua origem particular, da energia que se supõe subjacente aos processos anímicos em geral, e assim lhe conferimos também um caráter qualitativo. Ao separar a energia libidinosa de outras formas de energia psíquica, damos expressão à premissa de que os processos sexuais do organismo diferenciam-se dos processos de nutrição por uma química especial. A análise das perversões e das psiconeuroses levou-nos à compreensão de que essa excitação sexual é fornecida não só pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo (FREUD, 1905, p. 205).

A libido seria a energia da pulsão sexual que variaria de quantidade e teria qualidade diferenciando-se das demais energias presentes no psiquismo do sujeito.

A sexualidade adulta é diferente da sexualidade infantil, pois nesta última, a libido está dispersa nas mais variadas zonas erógenas, o prazer é encontrado na estimulação desse polimorfismo das pulsões parciais, o alvo sexual é obtido auto-eroticamente e a meta pulsional é fisiológica (descarga da tensão interna). Na sexualidade adulta esse prazer erógeno vai ser subordinado ao prazer genital e a libido apenas ficará satisfeita com o prazer final do orgasmo genital. Segundo Limongi (1994) parece existir um problema no texto dos *Três Ensaios*, na questão do como a meta (Ziel) da sexualidade, satisfação das zonas erógenas na infância, passa a ser e a funcionar como fonte de excitação para a meta da sexualidade adulta que é o prazer genital. Esse problema, segundo ela, só será superado no texto de “Pulsões e Destinos de Pulsão” de 1915, pois nele o autor restringirá consideravelmente o termo fonte como foi empregado no texto dos *Três Ensaios*.

Contudo, gostaríamos de ressaltar que a nossa compreensão, a partir da leitura dos *Três Ensaios*, sobre o conceito de pulsão sexual fica mais clara a medida que percebemos uma diferença entre o prazer auto-erótico da infância, cuja meta obviamente é restrita a uma descarga da pulsão, e o prazer sexual adulto, cuja meta reprodutiva será, na verdade, somada à descarga pulsional. A sexualidade adulta também continua tendo como alvo uma meta fisiológica de descarregar a tensão interna (englobando os prazeres obtidos com os prazeres preliminares do coito, em que temos a presença do prazer advindo das pulsões parciais e mais o próprio orgasmo da relação genital), mas, agora, soma-se a ela uma meta biológica, a

reprodução da espécie. A duplicidade do conceito de pulsão, expressa na enigmática frase de Freud onde ele afirma que ela é um conceito situado entre o anímico e o físico, começa a ser analisada a partir dessa duplicidade encontrada nos *Três Ensaios* com relação ao chamado alvo sexual normal ou meta sexual normal. Ou seja, se pensarmos que, por um lado, a meta fisiológica de descarga (o físico) possibilita ao ser humano construir os seus caminhos pessoais de descarga pulsional (o anímico, o psíquico) a partir do auto-erotismo, imprimindo uma marca individual em seu comportamento sexual, por outro lado, a meta biológica evolutiva, conduz o indivíduo a uma meta da espécie, a reprodução (físico). A sexualidade adulta estaria, assim, composta pela meta fisiológica e biológica e teria na sua expressão um mandato duplo: o de cumprir o mandato da espécie com a reprodução e o da parte do sujeito, com o cumprimento de seus caminhos individuais de prazer.

Podemos continuar e ampliar mais a compreensão de sexualidade humana proposta pela psicanálise quando voltamos a pensar que o objeto pulsional não é fixo e ele não determina a existência da pulsão, pois a pulsão existirá como uma força que quer ser satisfeita independentemente do objeto encontrado para a sua satisfação ser ou não ser o mais adequando. Se pararmos para pensar nessa proposta, veremos que o mandato biológico evolutivo de perpetuação da espécie através da reprodução fica suspenso, porque, se o objeto não importa, é variável, contanto que a pulsão seja descarregada, não há mais a necessidade do sexo “normal” ser o realizado entre macho e fêmea, ou homem e mulher, no ato do coito. A meta fisiológica e endógena da pulsão – descarga – e que permite um objeto variável, constrói os caminhos pulsionais e, portanto, o psíquico. Mas seria mesmo esse o caminho para a construção do psíquico, o da trilha aberta pelo pulsional?

O problema relacionado ao objeto da pulsão seria entender porque o sujeito abandona o auto-erotismo da infância em prol de um objeto externo que proporciona prazer. Limongi procura dar uma explicação:

Mas se, ao contrário, entendermos que já desde o início a pulsão é estruturada pelos objetos de satisfação originais, se entendermos o auto-erotismo, não mais como um mecanismo puramente energético, regulado pelo princípio do prazer, mas, segundo a expressão de Jean Laplanche e J-B. Pontalis, como um “rebroussement dans le fantasme”, isto é, como uma reprodução e interiorização, na fantasia, do objeto de satisfação perdido, o nosso problema parece se desfazer. Pois, nesse caso, não será preciso imaginar como o objeto modifica a lógica da pulsão de modo a tomar seu lugar nela: ele sempre esteve lá, o auto-erotismo não o negou, mas o acolheu e preservou na fantasia (LIMONGI, 1994, p. 54).

Ou seja, o objeto pulsional é variável e por isso possibilita que o próprio corpo da criança seja tomado como objeto de satisfação, em um mecanismo de satisfação fisiológica e energética da pulsão. Contudo, desde o início esse auto-erotismo é estruturado pelos objetos de satisfação originais – mãe – assim sendo, o objeto externo como satisfação pulsional sempre esteve presente e não houve uma passagem radical do auto-erótico para a escolha de um objeto de satisfação do ambiente. A fantasia estruturada a partir dos primeiros objetos de satisfação possibilita a passagem do auto-erotismo para um objeto externo de satisfação e, conseqüentemente, é a fantasia que altera o estatuto da pulsão sexual. A partir do “segundo e terceiro ensaio”, vemos uma nova compreensão sobre a sexualidade humana, já que, através das fantasias infantis, o prazer sexual originalmente ligado a um objeto externo (a mãe), estaria submetido também, por causa do auto-erotismo, a um sistema interno de representações e por isso mesmo, através dessas representações internas a pulsão teria uma capacidade de transformação. “A pulsão estaria, assim, submetida a um sistema de representações (fantasias), ao qual se deve recorrer caso se queira compreender as diversas formas de manifestação sexual e o modo como se inter-relacionam” (LIMONGI, 1994, p. 55). A pulsão sexual na espécie humana estaria relacionada a fantasias desde o auto-erotismo da infância até a sexualidade genital adulta e poderíamos dizer que a capacidade de submeter e associar a sexualidade a um sistema de representações é uma característica específica da espécie humana.

É fato que existe uma forte influência da Biologia no conceito de pulsão nos *Três Ensaio*s. Ela é concebida como uma força inata, um processo natural com uma finalidade (Zweck) a cumprir, finalidade reprodutiva determinada biologicamente através de várias etapas de desenvolvimento maturacional. Ainda assim, esse processo de maturação da pulsão vai ser descrito lado a lado com a maleabilidade que a pulsão apresenta (objeto), com a diferença entre meta fisiológica e energética de descarga e tarefas biológicas reprodutivas, e com a especificidade de que a fantasia existe como um componente específico de satisfação pulsional da espécie humana.

Entretanto, temos que concordar com Limongi (1994) que o desenvolvimento da pulsão e o seu estatuto são um problema que Freud não conseguiu resolver nos *Três Ensaio*s e com o qual terá de lidar até o final de sua obra.

2.3 Pulsões sexuais e pulsões de autoconservação: o lugar da biologia, da fisiologia e da clínica psicanalítica no conceito de pulsão na primeira tópica freudiana

No texto de *Pulsões e Destinos da Pulsão* de 1915, que denominaremos apenas como *Pulsões*, Freud procurou definir o conceito de *trieb* e o colocou numa dupla filiação, de um lado a biologia, do outro a clínica psicanalítica. Apesar de Freud ter inicialmente afirmado que ia dar forma à pulsão através da biologia e da fisiologia, explicações oriundas de observações psicanalíticas vão pouco a pouco aparecendo e ajudando a moldar a natureza da pulsão.

Assim, esse capítulo pretende retomar as principais explicações sobre a pulsão desde o texto de 1915, especificando e expondo o que Freud chamou de ponto de vista fisiológico e ponto de vista biológico e como estes auxiliaram na definição da pulsão e também procuraremos considerar o lugar da clínica psicanalítica na construção do que Freud nomeou como o mais obscuro de todos os conceitos metapsicológicos. Quando necessário, procuramos referências ao *trieb* em outros artigos do mesmo período ao de *Pulsões*. São eles: *À Guisa de Introdução ao Narcisismo* (1914) e *O Recalque* (1915), com o objetivo de esclarecer a biologia e fisiologia proposta por Freud e também questões referentes a divisão entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação.

Em *Pulsões*, Freud se propõe a dar um conteúdo ao conceito de pulsão a partir de diversos ângulos e tece como pontos iniciais de discussão a fisiologia e a biologia.

A fisiologia, nesse artigo de 1915, retoma pontos do manuscrito do *Projeto de uma Psicologia Científica* (1895) e do livro *A Interpretação dos Sonhos* (1900), pois reaparece o conceito do esquema do arco reflexo. Neste, um estímulo externo que atinge o tecido vivo da substância nervosa é novamente reconduzido para o exterior por meio de uma ação – ação motora (fuga), logo, a fisiologia do aparelho psíquico segue a lógica do modelo do arco reflexo para os estímulos externos. E no caso da pulsão? Como lidar com ela, sendo de sua própria natureza ter uma força/pressão constante?

O estímulo pulsional provém do interior do organismo, exercendo uma força constante, tornando-se uma necessidade (*Bedürfnis*). Tudo aquilo que suspende o estado de necessidade é denominado de satisfação, como afirmou Freud em *Pulsões*: “Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora de estímulos” (FREUD, 1915, p. 146).

O que Freud está nos colocando é que para lidar com o excesso de estimulação externa o aparelho psíquico possui uma saída motora que é a fuga, contudo para lidar com os estímulos internos pulsionais a coisa se complica para esse aparelho, pois a pressão constante da pulsão provoca a exigência de uma saída para o excesso de quantidade que circula. Vejamos o raciocínio de Freud:

Podemos atribuir ao sistema nervoso a tarefa – em termos gerais – de lidar com os estímulos. Vemos então como a introdução das pulsões complica o esquema do reflexo fisiológico. [...] Contudo os estímulos pulsionais que se originam do interior do organismo não podem ser eliminados por esse mecanismo. Eles impõem ao sistema nervoso exigências muito mais elevadas. Incitam-no a assumir atividades complexas e articuladas umas com as outras, as quais visam a obter do mundo externo os elementos para a saciação das fontes internas de estímulos, e para tal interferem no mundo externo e o alteram (FREUD, 1915, p. 147).

Desse modo, as pulsões movem o psiquismo e pressionam o organismo a encontrar saídas viáveis e assim impulsionam a própria vida no interior do aparelho mental e viabilizam a tarefa do sistema nervoso de lidar com os estímulos, de forma rudimentar, livrando-se deles, empurrando-os para fora.

O ponto de vista fisiológico está presente, inicialmente, no modelo típico do arco reflexo (estímulos externos) e depois, num segundo momento, nos caminhos pulsionais (estímulos internos). O ponto de vista fisiológico demonstraria como as pulsões abrem um caminho no interior do aparelho, buscando uma saída para a pressão constante e assim movendo esse mesmo aparelho. Poderíamos propor que para se livrar do excesso de energia pulsional ocorre à transformação da energia física em energia psíquica. Ou seja, parece que a transformação dessa energia física em psíquica é uma forma de se livrar do excesso da quantidade e vemos como aparece simultaneamente nessa consideração o ponto de vista econômico (aspecto energético). É como se o fisiológico e o econômico caminhassem juntos. Nesse sentido, dado que a proposta de Freud é discutir a pulsão do ponto de vista fisiológico e nessa parte do texto é da fisiologia que ele está falando, é ela, a fisiologia, que explica a passagem, a transformação da energia física para a energia psíquica.

Todavia, acima de tudo, os estímulos pulsionais obrigam o sistema nervoso a renunciar a seu propósito ideal de manter todos os estímulos afastados de si, pois os estímulos de natureza pulsional prosseguem afluindo de modo contínuo e inevitável. Podemos então concluir que são as pulsões, e não os estímulos externos, os verdadeiros motores dos progressos que levaram o sistema nervoso, com sua capacidade de realizações ilimitadas, a seu atual nível de desenvolvimento. É claro que nada nos impede de considerar que as próprias pulsões, ao menos em parte,

sejam os precipitados da ação de estímulos externos que, no curso da filogênese, modificaram a substância viva (FREUD, 1920, p. 148).

Monzani (1989) também concorda com a posição de que a energia somática se transforma em energia psíquica:

Para Freud, ao que tudo indica, antes disso há um momento preliminar de transformação e a pulsão é exatamente esse “conceito-limite” que aponta para o momento mesmo onde os processos energéticos orgânicos transformam-se em processos energéticos psíquicos. Sem dúvida, este é um dos grandes mistérios que a obra de Freud nos legou. Como é possível essa passagem? Como conceber um aparelho psíquico que consegue operar de tempos em tempos e transformar um processo energético orgânico num processo energético psíquico? [...] não nos deve fazer esquecer de que Freud concebe um processo periódico de transformação global da energia somática em energia psíquica e que, portanto, o energético se instala e habita o psíquico (MONZANI, 1989, p. 94-95).

O ponto de vista fisiológico – descarregar o excesso de estimulação – e o ponto de vista econômico – da circulação da energia e do prazer e desprazer para se livrar do excesso de excitação – a nosso ver auxiliam na compreensão dessa passagem da energia somática para a energia psíquica.

Monzani (1989) escreveu que Ricoeur se enganou ao acreditar que energia e sentido não poderiam coabitar o mesmo espaço ou de duvidar de que na raiz dos processos de sentido estariam processos energéticos. Para Ricoeur seria impensável que um processo energético poderia ser de alguma forma produtor de sentido e onde houvesse domínio do mecanismo energetista o sentido estaria ausente e vice-versa.

Também podemos concluir mais uma definição a partir do modelo fisiológico do arco reflexo e da fisiologia dos caminhos que o *trieb* precisa abrir no psiquismo: é a diferenciação entre interno e externo. Para Freud, o *ser vivo* perceberia que existem estímulos dos quais ele pode se afastar por uma ação muscular e outros para os quais uma ação como essa resultaria inútil, pois eles continuariam a exercer uma pressão constante, possibilitando que o homem percebesse a existência de um mundo interno em oposição a um mundo externo. Vejamos:

Esses outros estímulos são o sinal característico da existência de um mundo interno, são a evidência das necessidades pulsionais [Triebbedürfnisse]. A substância perceptiva do ser vivo terá assim obtido, a partir da eficácia da sua atividade muscular, um ponto de referência para diferenciar entre um “externo” e um “interno (FREUD, 1915, p. 147).

Não notaríamos nesse raciocínio freudiano, a partir da fisiologia da ação das pulsões, o próprio nascimento do chamado mundo interno e com ele o de um sujeito psicológico? Acreditamos que a resposta é afirmativa, já que o sujeito psicológico nasce de uma base material-biológica no pensamento freudiano.

Em *Pulsões* (1915), Freud também se propõe a discutir o conceito de pulsão do ponto de vista biológico e inaugura essa intenção com a seguinte frase:

Se abordarmos agora a vida psíquica do ponto de vista biológico, a pulsão nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (FREUD, 1915, p. 148).

É como se Freud estivesse falando exclusivamente o que seria esse biológico na vida psíquica e o texto ficasse incompleto no seu raciocínio, pois ele pára nessa explicação para logo, no parágrafo seguinte, passar a discutir termos utilizados em conexão com o conceito de pulsão: pressão, meta, objeto e fonte. Ou poderíamos considerar que, quando define e contextualiza pressão, meta, objeto e fonte, Freud estaria se utilizando do ponto de vista biológico para definir a pulsão.

Vasculhando os textos metapsicológicos freudianos em busca de um melhor entendimento sobre o ponto de vista biológico, encontramos no artigo *À Guisa de Introdução ao Narcisismo* de 1914 (usaremos de forma abreviada, *Narcisismo*), anterior ao de *Pulsões e Destinos de Pulsão*, o ponto de vista biológico em outro contexto, vinculando-o a um determinismo evolucionista - o indivíduo impulsionado pelas suas necessidades sexuais que em última instância são o produto da necessidade de reprodução da própria espécie. Freud também parece utilizar o biológico para justificar a necessidade do seu dualismo pulsional:

Contudo, não apenas essa distinção conceitual entre pulsões sexuais e pulsões do Eu corresponde à distinção popular e tão comum entre fome e amor, como também há a seu favor algumas considerações de cunho biológico. [...] O indivíduo leva de fato uma dupla existência: uma em que persegue seus próprios fins e outra em que é um elo de uma corrente, à qual serve involuntariamente e, às vezes, até contra a sua vontade. Ele imagina que a sexualidade seja uma de suas metas pessoais, mas, de outro ponto de vista, podemos considerar o indivíduo como apenas um apêndice de seu próprio plasma germinal, plasma a cuja disposição ele coloca suas energias em troca de um prêmio de prazer. Ele, o indivíduo, é o veículo mortal de uma substância, talvez imortal, em uma posição análoga à do filho primogênito que, ao herdar do pai uma propriedade inalienável, se torna apenas o proprietário temporário dentro de uma instituição jurídica, a herança por primogenitura, que continua a sobreviver a ele de geração a geração. A diferenciação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu apenas refletiria essa dupla função do indivíduo. Em terceiro lugar, precisamos nos lembrar de que todas as nossas concepções psicológicas são

provisórias e deverão algum dia poder se calcar sobre substratos orgânicos. É provável, portanto, que haja substâncias específicas e processos químicos que produzam as manifestações da sexualidade, bem como transfiram para a existência da espécie a continuidade da vida individual. E é para fazer jus a tal probabilidade que substituímos aqui essas substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais (FREUD, 1914, p. 100-101).

Freud parece deixar claro o que está afirmando como sendo o ponto de vista biológico no conceito de pulsão, especificamente no que se refere à divisão entre as pulsões do Eu (autoconservação) e as pulsões sexuais. O biológico na pulsão carregaria a marca evolucionista desse conceito, uma via de mão dupla ligando a finalidade (*Zweck*) específica da sobrevivência da espécie (reprodução) a metas (*Ziel*) específicas individuais. O pulsional pressiona para o cumprimento de exigências da espécie e ao mesmo tempo, como podem ser muitos e variados os caminhos para se atingir a satisfação, o mesmo pulsional dota o indivíduo da possibilidade de construir um caminho único e pessoal de satisfação.

Aparentemente, as dificuldades encontradas na elaboração conceitual da primeira teoria dualista das pulsões já se esboçavam aqui em germe, apontando para a necessidade de uma reformulação, feita, posteriormente com a segunda teoria pulsional. No *Narcisismo* Freud escreveu:

Tenho me esforçado em manter afastado da psicologia tudo o que é de outra ordem, incluindo mesmo o pensamento biológico, mas devo admitir aqui que a suposição de uma separação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, portanto, a própria teoria da libido, se apóia primordialmente na biologia, embora em pequena parcela esteja também assentada sobre bases psicológicas. Contudo, também serei coerente o bastante para abandonar esta hipótese se, a partir do próprio trabalho psicanalítico, surgir outra premissa sobre as pulsões que se mostre mais apropriada. Até agora isso não ocorreu (FREUD, 1914, p. 101).

Gostaríamos, nesse momento, de explicar dois termos provenientes do alemão – *Zweck* e *Ziel* – que são pertinentes para compreendermos o conceito freudiano de pulsão. Apesar de Freud utilizar os termos *finalidade* e *meta* em vários momentos de seu texto para se referir a finalidade ou a meta pulsional e de ficarmos com a impressão destes serem sinônimos, quando recorremos à língua alemã vemos que esses dois termos possuem diferenças. Com relação a diferenciação entre *Zweck* como finalidade e *Ziel* como meta, recorremos as notas de Luiz Alberto Hanns (2004) para os comentários do artigo *Pulsões e Destinos da Pulsão*:

No âmbito das pulsões, Freud diferencia *Zweck*, “finalidade”, sempre vinculada à evolução e à biologia, de *Ziel*, “meta”, vinculada ao princípio do prazer ou a metas

derivadas deste e ligadas ao princípio da realidade. Por isso Freud enfatiza esse papel do *Trieb* no âmbito da interligação do somático ao psíquico e ressaltando que essa ligação da psique ao corpo cobra ao sistema nervoso um preço, na forma psíquica de *Drang* (ânsia) e na forma energética de um trabalho de busca de objetos (HANNS, 2004, p. 142).

Assim, a finalidade (*Zweck*) da pulsão é algo vinculado à evolução e logo a reprodução com objetivo de perpetuação da espécie – ponto de vista biológico, enquanto a meta (*Ziel*) da pulsão é a obtenção do prazer, com o ponto de vista fisiológico e econômico de descarregar o excesso da tensão/carga pulsional.

No texto *Narcisismo*, Freud abordou de forma densa, mas muitas vezes sinteticamente, muitos conceitos importantes como, por exemplo, o lugar do narcisismo no desenvolvimento sexual, traçando a distinção entre libido do Eu e libido objetal e introduzindo o conceito de ideal do Eu. Nosso interesse por este artigo foi pontual e restringiu-se a percorrê-lo para clarear o que seriam as chamadas pulsões do Eu e como elas se distinguiriam das pulsões sexuais e se esse texto traria mais alguma contribuição para a compreensão da pulsão. Em resumo, no *Narcisismo*, Freud sustentou a diferenciação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, reafirmando que o indivíduo leva uma dupla existência, uma em que busca seus próprios fins, outra à qual serve à espécie, utilizando-se do ponto de vista biológico. Reafirmou que, inicialmente, as satisfações auto-eróticas são vividas conjuntamente com as funções vitais de conservação do indivíduo, demarcando na metapsicologia que as pulsões sexuais nascem ancoradas nos processos de satisfação das pulsões de autoconservação para depois tornarem-se independentes delas. Esses são pontos da teoria metapsicológica que já haviam aparecido nos *Três Ensaio*s, inclusive a proposta de que é assim que os primeiros objetos sexuais nascem, através dos cuidados com a alimentação, com a proteção – funções de autoconservação – sendo que essas necessidades vitais vão se desvinculando pouco a pouco do primeiro objeto de amor, mãe ou seu substituto, tornando-o desejável, independentemente ou não de fornecerem satisfações de necessidades vitais.

Com esse panorama condensado de conceitos metapsicológicos do *Narcisismo* (1914) e com a briga teórica com Jung e Adler, principalmente com o primeiro que defendia uma libido “não-sexual”, era imprescindível para Freud redigir um artigo mais preciso sobre a natureza da pulsão.

Provavelmente por isso, em *Pulsões*, Freud procurou dar um conteúdo ao conceito de pulsão do ponto de vista fisiológico e biológico e explicar o que estes pontos de vista seriam.

Freud também descreveu termos utilizados em conexão com o conceito de pulsão: pressão (*Drang*), meta (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*).

A **pressão** – *Drang* - é o fator motor da pulsão, a soma da força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. A pulsão tem como essência exercer pressão sobre o aparelho psíquico. Freud arremata: “Toda a pulsão é uma parcela de atividade; assim, quando, de maneira menos rigorosa, falamos de pulsões passivas, estamos nos referindo a pulsões cuja meta – *Ziel* - é passiva” (FREUD, 1915, p. 148). A pressão por ser um fator motor estaria relacionada com o ponto de vista fisiológico que, como foi demonstrado, é a parte motora, mecânica, do esquema. Quando há estimulação externa, o trabalho motor do aparelho é a fuga ou a esquivia, quando a estimulação é interna, o trabalho exigido é psíquico.

De acordo com Hanns:

No idioma alemão, *Drang* (“ânsia”) expressa a passagem do somático ao psíquico, refere-se à percepção de uma pressão ou incômodo geralmente sufocante e somático e a um intenso anseio por imagens de alívio; afetivamente traz uma urgência ou ímpeto intenso (Hanns, 2004, p. 166).

A **meta** de uma pulsão, como já havia sido mencionada nos *Três Ensaio*s, é sempre a satisfação, que só é alcançada quando o estado de estimulação na fonte pulsional é suspenso. Apesar dessa meta única, vários são os caminhos que podem conduzir até ela. Freud afirma, no texto de 1915, que uma pulsão pode ter metas próximas e metas intermediárias que se combinam e até se permutam entre si antes de chegarem à meta final. Pensamos, então, que a meta da satisfação – cessar a estimulação - converte-se em metas no plural. Concluimos que, se a meta da pulsão é a satisfação, esta parece ser uma exigência do somático ao psíquico, contudo, diversos caminhos conduzem à meta final e vários deles se tornam metas intermediárias ou mais próximas que também acabam sendo prazerosas em si mesmas. Acreditamos que essas metas próximas e intermediárias, esses caminhos pulsionais que buscam realizar a meta final somática, expressam, sim, o psíquico. Concluimos que se a meta da pulsão é a satisfação esta parece ser uma exigência do somático ao psíquico.

Limongi auxilia na compreensão desse raciocínio:

Se a pulsão é maleável é porque o corpo faz uma única exigência ao aparelho psíquico, bastante geral e indefinida – a exigência da descarga -, cabendo a este último encontrar o caminho da satisfação, especificar suas formas e pluralizar aquilo que, do ponto de vista do corpo, se expressa no singular. Ora, isto parece decisivo e bastante esclarecedor para o sentido do mandato orgânico que a pulsão carrega consigo: se ela é maleável é justamente porque a exigência orgânica é muito vaga, cabendo ao psíquico o trabalho de apresentar os caminhos de satisfação, caminhos

estes que, dado a imprecisão da exigência orgânica, podem ser muito variados (LIMONGI, 1994, p. 72).

Os caminhos psíquicos podem ser muitos em contraste com o orgânico cuja meta única é a suspensão do estado de estimulação na fonte da pulsão (do ponto de vista fisiológico o único objetivo da meta é a suspensão da estimulação, para cessar o desprazer e equilibrar o sistema novamente numa homeostase). É o corpo que vai pressionar o psíquico a encontrar entre um ou diversos caminhos o que é mais apto para cumprir à meta de satisfação. A partir do momento que o psíquico seleciona o melhor caminho, esse caminho abre uma via de facilitação no aparelho e essa via facilitada (marca) acaba se apresentando como meta específica por ter um caminho facilitado. Esse caminho facilitado é uma forma de satisfação procurada e pode ser subordinado e reprimido, mas em todo caso, torna-se independente da meta orgânica. Por ser facilitado e conter uma marca, uma memória de satisfação, esse caminho passa a ser procurado mesmo sem haver uma necessidade de descarregar um excesso de estimulação e vemos o ponto de vista fisiológico do aparelho continuar existindo, porém em conjunto com um caminho de satisfação facilitado e em consonância com o princípio do prazer. A meta que é a satisfação de uma necessidade (*Bedürfnis*) em conformidade com o ponto de vista fisiológico (descarregar o excesso de estimulação) e com a economia do aparelho (buscar o prazer e evitar o desprazer) continua existindo juntamente com a meta da satisfação de uma “marca” facilitada que construiu um caminho de prazer/desejo (*Lust*) em conformidade com a economia do aparelho e do princípio do prazer. Essas duas metas podem coexistir separadamente (existir *Lust* que não é uma *Bedürfnis* e assim o orgânico convive com o psíquico) e também podem se sobreporem, assim, uma *Bedürfnis* pode ser também um *Lust* e um *Lust* pode ser também uma *Bedürfnis*.

Bedürfnis é uma palavra alemã com o sentido de “necessidade”, “carência” e, segundo Hanns (2004), essa necessidade não é um dado objetivo, é a falta de algo e essa falta propicia um caráter impelente, que move o aparelho psíquico, assim como *Trieb*, *Reiz*, *Drang* e *Zwang* que também pode significar eventualmente “desejo” ou “vontade”. Por isso, como sugeriu Limongi (1994), pensamos que a pulsão é maleável porque o corpo faz apenas uma exigência ao aparelho psíquico que é a descarga, necessidade originada para a resolução do excesso de tensão que circula nesse mesmo aparelho. Preferimos assim aproximar o termo *Bedürfnis* do ponto de vista fisiológico e econômico da proposta freudiana e contrapô-lo a *Lust*. Segundo Hanns:

Obs.1: Ambos os sentidos de Lust remetem semanticamente ao aumento de “carga excitatória, ao estado de excitação prazerosa, ao “pique” ou “vontade”; portanto, deste ponto de vista, o princípio de prazer seria um “princípio de vontade de obter excitação”, refere-se ao que ocorre no nascedouro das sensações e difere dos sentidos de “prazer” em português (descargas contínuas e eventualmente gozo). Obs.2: O termo Lust é utilizado por Freud em conexão com o prazer do órgão, isto é, com algo que ocorre no nível da excitação e intumescimento dos órgãos ligados às zonas erógenas e voltado ao auto-erotismo. Obs.3: Raramente Lust se refere ao prazer no sentido de “fruição” ou “deleite” e menos ainda na acepção de “gozo”; no entanto, é nessa acepção de “deleite” e “gozo” que o termo é em geral conceptualizado por Freud. Ele mesmo em diversos textos aborda esse descompasso entre o sentido do termo em alemão e sua descrição psicodinâmica, por exemplo, nos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade [ESB, vol.VII, p.127] [...] Ocasionalmente, Lust em alemão é sinônimo de Trieb, e o próprio Freud por vezes mescla ambos, como no texto “Pulsões e Destinos da Pulsão [EPSI, vol. I, p.169, nota 47] (HANNIS, 2006, p.183).

Como demonstra a completa referência ao termo *Lust* feita por Hanns (2006), ele se refere ao prazer de órgão no sentido excitatório (fisiológico), na nascente das sensações, como fonte. Contudo, Freud utiliza o termo em sua psicodinâmica para referir-se a um deleite, um prazer, um gozo e é nesse último significado (psicodinâmico) que estamos nos referindo ao *Lust* e contrapondo-o a *Bedürfnis*.

O **objeto** é o elemento mais variável da pulsão. O objeto não está vinculado à pulsão, mas, sim, acrescentado a ela por sua aptidão em propiciar satisfação. O objeto pode ser uma parte do próprio corpo (auto-erotismo), assim como o objeto pode ser externo e também variável, dado que a exigência, meta da pulsão é a satisfação. Pode acontecer de um mesmo objeto servir ao mesmo tempo à satisfação de várias pulsões. Freud ressalta que pode acontecer uma aderência (*Bindung*) particularmente estreita da pulsão ao objeto e define esse processo como fixação (*Fixierung*). Esse momento aconteceria nos períodos iniciais do desenvolvimento da pulsão e faria oposição a sua mobilidade, trazendo como consequência um laço estreito entre objeto e pulsão. Vejamos a explicação em *Pulsões*:

Essa fixação ocorre com frequência em períodos muito iniciais do desenvolvimento da pulsão, opõe-se então incessantemente à separação entre pulsão e objeto e põe fim à mobilidade da pulsão (FREUD, 1915, p. 149).

A pulsão necessita de um objeto para a sua satisfação, seja esse objeto o próprio corpo do indivíduo, seja um objeto externo. O objeto carrega a marca do ponto de vista biológico na medida em que esse objeto serve (além da meta – *Ziel* - de satisfação pulsional do sujeito) como finalidade – *Zweck* - de manter a perpetuação da espécie, através da reprodução.

Cabe-nos novamente chamar a atenção para uma diferença importante entre os termos meta e finalidade nos textos freudianos, recorrendo aos comentários do editor brasileiro, Luiz Alberto Hanns, sobre os *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente – volume I*, no texto das *Pulsões*:

[...] Conforme mencionado, Freud repassa o conceito de Trieb, em suas diversas dimensões, pelas esferas fisiológica, biológica e psíquica (quando a pulsão assume o formato de afeto, imagem e eventualmente desejo). [...] Seguindo sua estratégia de circunscrever o conceito através de diversas facetas ou “ângulos”, ele se refere aqui ao Trieb do ponto de vista biológico, e especificamente nessa dimensão biológica trata-se de uma função ou finalidade biológica do Trieb que tem raízes na importante temática freudiana do “pressuposto biológico da psicanálise” [...] No âmbito das pulsões, Freud diferencia Zweck, “finalidade”, sempre vinculada à evolução e à biologia, de Ziel, “meta”, vinculada ao princípio do prazer ou a metas derivadas deste e ligadas ao princípio da realidade (HANNS, 2004, p. 142).

Se a meta da pulsão é a satisfação e, para tanto, o objeto pouco importa, é nítido que *meta-Ziel* não é *finalidade-Zweck*, pois o objeto pode proporcionar a satisfação, seja ele qual for, contanto que proporcione prazer-descarga, e isso é independente da *finalidade-Zweck* da pulsão para a espécie que é a sua perpetuação através da reprodução e que exige objeto definido. A compreensão da diferença entre *Ziel* e *Zweck* e da necessidade freudiana de ter um pressuposto biológico para a psicanálise, auxilia-nos a entender, em parte, a aparente complexidade do *trieb* e como Freud, ao tentar construir uma psicologia científica e naturalista, construiu uma ponte entre a Biologia e as Ciências Humanas por meio do seu conceito de pulsão que é o paradigma dessa junção.

Com relação à **fonte** da pulsão, Freud a definiu como sendo o processo somático que ocorre em um órgão ou em uma parte do corpo e esse processo somático dá origem a um estímulo que é representado na vida psíquica pela pulsão. Freud comenta:

Não se sabe se esse processo é sempre de natureza química, ou se também pode corresponder à liberação de outras forças, por exemplo, mecânicas. Todavia, o estudo das fontes pulsionais já não compete à psicologia, e muito embora o elemento mais decisivo para a pulsão seja sua origem na fonte somática, a pulsão só se faz conhecer na vida psíquica por suas metas (FREUD, 1915, p. 149).

A definição do termo fonte no texto das *Pulsões* é mais restritiva que nos *Três Ensaios*, de 1915, em que a fonte da pulsão é orgânica, de natureza química, sem nenhuma referência aos estímulos externos.

Para Limongi o que acontece em *Pulsões* é que se restringe a extensão do termo fonte e diminui-se a importância dessa fonte para a compreensão dos mecanismos da

sexualidade. A psicologia tem o compromisso de pensar nesses mecanismos da sexualidade, em como as metas se substituem e subordinam e esse seria o objeto da psicologia das pulsões e não o estudo de sua fonte.

Mas não é tão simples assim. Freud considera a origem da fonte somática como absolutamente decisiva para a pulsão e que se pode inferir de maneira segura a fonte da pulsão a partir de sua meta e isso marcaria uma relação estreita entre a fonte e a meta ou poderíamos dizer, entre a energia somática e a sua circulação psíquica. E mais importante ainda, isso significaria que a pulsão tem seus caminhos marcados desde a origem, desde o somático.

Com relação à divisão entre as pulsões do Eu ou pulsões de Autoconservação e as pulsões sexuais, Freud afirma que ela é uma construção auxiliar decorrente da história do desenvolvimento da psicanálise e, logo, do estudo das psicose neuroses, em que a raiz dessas doenças foi explicada através de um conflito entre as reivindicações da sexualidade e as do Eu. Essa divisão é uma convenção e o autor levanta a hipótese de que o estudo de outras afecções neuróticas possa trazer uma modificação a essa fórmula, mas, também considera que uma substituição dela fará pouca diferença nos resultados de descrição e categorização psicanalíticos.

Freud menciona que a biologia também contribui para defender a ideia de uma separação entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais. Assim, justifica:

Penso também que seria desejável que pudéssemos tomar esses pressupostos emprestados de outro campo e transferi-los à psicologia. Nesse sentido, cabe mencionar que da biologia provém uma contribuição que corrobora a ideia de uma separação entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais. A biologia ensina que a sexualidade não pode ser equiparada às outras funções do indivíduo, pois suas tendências vão além dele e têm por conteúdo a produção de novos indivíduos, portanto, a conservação da espécie. Além disso, a biologia nos mostra que duas concepções a respeito da relação entre o Eu e a sexualidade coexistem lado a lado, com igual direito. Uma concepção reza que o indivíduo é o elemento principal e a sexualidade, uma de suas atividades, e que a satisfação sexual é uma das necessidades (Bedürfnisse) do indivíduo. A outra concepção afirma que o indivíduo é um apêndice temporário e transitório do plasma germinal – quase imortal – que lhe é confiado de geração a geração. Pelo que sei, a suposição de que a função sexual se diferencia dos outros processos corporais por meio de uma química própria também é uma premissa da pesquisa biológica de Ehrlich (FREUD, 1915, p. 150-151).

A biologia e a clínica psicanalítica das neuroses concordariam e auxiliariam na justificativa da dualidade pulsional, divididas em pulsões sexuais e pulsões do Eu, as metas do indivíduo muitas vezes se contrapondo ou opondo à meta da reprodução da espécie ou a reprodução da espécie subjugando o indivíduo, fazendo-o cumprir sua lei. Com toda essa

duplicidade e imbricamento entre as metas do Eu e metas sexuais, não poderiam, essas duas pulsões, ser vistas e compreendidas como uma só pulsão? Quem conserva o indivíduo são as pulsões do Eu, mas como não pensar que as pulsões sexuais realizam justamente esse papel conservador quando buscam a reprodução da espécie?

Freud afirma que a psicanálise só teria conseguido até aquele momento – 1915 - fornecer informações satisfatórias a respeito das pulsões sexuais, porque foram apenas elas que a psicanálise pode observar isoladamente no tratamento das psiconeuroses. Mesmo assim, não possuindo informações satisfatórias sobre as pulsões do Eu, ele procurou afirmar que estas se diferenciariam das pulsões sexuais, reafirmando a sua teoria dualista das pulsões. O texto de *Pulsões* preocupou-se inicialmente em definir o que era a pulsão, o conceito geral, recorrendo à fisiologia e a biologia e também à clínica psicanalítica, para, posteriormente, passar a caracterizar apenas as pulsões sexuais.

Freud retoma no texto das *Pulsões* parte da discussão dos *Três Ensaio*s, especificamente a ideia de que as pulsões sexuais nascem de múltiplas fontes orgânicas, sendo independentes umas das outras e apoiadas, inicialmente, nas pulsões de autoconservação, para apenas depois serem submetidas a uma síntese e terem como função específica a reprodução.

Em sua primeira manifestação, ainda se veiculam apoiadas nas pulsões de autoconservação, das quais só se separam pouco a pouco. O mesmo ocorre com a busca do objeto, atividade para a qual se servem das trilhas que as pulsões do Eu lhes deixaram indicadas. Uma parte das pulsões sexuais permanece por toda a vida abrigada nas pulsões do Eu, emprestando-lhes componentes libidinais que passam despercebidos durante o funcionamento normal das pulsões do Eu, e só se revelam de modo inequívoco quando do adoecimento. As pulsões sexuais são ainda caracterizadas pelo fato de substituírem-se de forma vicariante umas pelas outras e de poderem trocar seus objetos com facilidade. Devido às propriedades supracitadas, elas são capazes de realizar ações que se encontram muito afastadas das ações dirigidas inicialmente a determinadas metas (sublimação) (FREUD, 1915, p. 151).

As pulsões sexuais podem, então, substituírem-se umas pelas outras e podem trocar de objeto com facilidade, fazendo com que possamos concluir que existe uma grande maleabilidade e plasticidade entre as próprias pulsões sexuais e entre as pulsões e os objetos pulsionais.

Freud procurou também especificar quais seriam os destinos das pulsões sexuais, entendendo esses destinos como modos de defesa contra as pulsões, ou seja, os destinos são os modos como o sujeito consegue lidar com a pressão imperiosa da pulsão para se defender do excesso de estimulação. Ele descreveu os seguintes destinos para as pulsões sexuais: a transformação em seu contrário; o redirecionamento contra a própria pessoa; o

recalque e a sublimação. Como ele afirmou que iria escrever sobre o recalque em outro momento e que não teria intenção ainda de tratar da sublimação, Freud concentrou o restante do texto das *Pulsões* em descrever a transformação em seu contrário e o redirecionamento contra a própria pessoa e foi aí que as descrições propriamente psicanalíticas, fruto das observações clínicas, ganharam dimensão. Se até então o ponto de vista fisiológico e biológico haviam justificado a conceituação e problematização do *trieb*, foi com os destinos da pulsão que a clínica psicanalítica contribuiu para a clarificação da teoria pulsional metapsicológica. Para abordar esses destinos, Freud sugeriu que eles fossem relacionados às forças motivacionais que se contraporiam ao avanço das pulsões. Pensamos ser importante ressaltar esse ponto com a reflexão de que o destino pulsional parece inseparável do que Freud chamou de forças motivacionais que dificultariam ou obstruiriam o caminho do *trieb*, a pulsão seria obrigada a refazer ou criar um novo caminho para lidar com essas forças motivacionais e poderíamos questionar de que natureza seriam essas últimas senão externas, dado que o *trieb* já havia sido caracterizado como biológica e endógena. Sugerimos pensar que as forças motivacionais seriam oriundas da cultura e assimiladas pelo indivíduo através da educação e do convívio familiar, assimilação feita através dos processos psíquicos de identificação e introjeção, dando a natureza inicialmente externa dessas forças motivacionais um caráter intrapsíquico, construído pela realidade psíquica de cada sujeito. Encontramos no texto das *Pulsões*:

Na medida em que é auto-erótico, o Eu não necessita do mundo externo. Entretanto, devido às experiências das pulsões de autoconservação, o Eu passa a receber objetos do mundo externo. Por outro lado, também não pode evitar, por um tempo, perceber as moções pulsionais internas como desprazerosas. Assim, sob o domínio do princípio do prazer, ocorrerá nele agora outro desenvolvimento. Na medida em que os objetos externos oferecidos sejam fontes de prazer, eles são recolhidos pelo Eu, que os introjeta em si (de acordo com a expressão de Ferenczi (1909), e inversamente, tudo aquilo que em seu próprio interior seja motivo de desprazer o Eu expela de si (FREUD, 2004, p. 158).

Os dois destinos pulsionais, a transformação em seu contrário e o redirecionamento contra a própria pessoa, trabalham, respectivamente, o primeiro com uma mudança em relação à meta pulsional e o segundo com a troca do objeto sem alteração da meta. Assim, as contribuições da clínica psicanalítica a teoria pulsional direcionam-nos a olhar primeiramente as variações e transformações na meta pulsional, entendendo meta como *Ziel*, lembrando que a meta é sempre o prazer, e, em segundo lugar, a observar as possibilidades de troca do objeto pulsional, objeto este variado e com plasticidade, contanto

que atenda a meta da satisfação pulsional, também o prazer. Parece cada vez mais clara a imensa possibilidade de variação da satisfação do prazer e da variedade de objeto que pode conduzir a essa satisfação quando refletimos sobre os caminhos que o *trieb* precisa abrir para encontrar satisfação, inclusive uma satisfação, muitas vezes, cada vez mais distanciada de uma necessidade (caminho somático de conservação do indivíduo) e mais próxima de um desejo (caminho psíquico).

A transformação em seu contrário que só se refere às metas da pulsão, se divide em dois processos, o primeiro que é o redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade, cujo exemplo são os pares sadismo-masquismo (torturar/ser torturado) e voyeurismo-exibicionismo (olhar/ser olhado), o segundo, a inversão do conteúdo, cujo exemplo é encontrado apenas na transformação do amor em ódio. A clínica psicanalítica faz a sua contribuição no caminho das pulsões sexuais ao procurar explicar esses fenômenos observados: o sadismo, o masquismo, o voyeurismo, o exibicionismo, o amor e o ódio. Esses fenômenos, vistos e descritos sob a forma de comportamentos e sentimentos, são explicados, na psicanálise, a partir de um ponto de vista metapsicológico, ou seja, são expressões de uma psicodinâmica do aparelho psíquico e mais especificamente, são decorrentes do *trieb*.

O redirecionamento contra a própria pessoa, onde ocorre à troca do objeto sem alteração da meta, encontra a sua expressão no sadismo que se volta contra o próprio Eu, tornando o indivíduo masquista, fazendo com que ele compartilhe o prazer experimentado na agressão contra a sua própria pessoa. A meta da pulsão, aqui, continua ativa, só que o objeto da ação agressiva é o próprio sujeito e, novamente, a clínica psicanalítica procurou auxiliar na compreensão dos caminhos pulsionais.

Os destinos da pulsão também são submetidos, no texto das *Pulsões*, a três grandes polaridades que, segundo Freud, dominam a vida psíquica. Segundo ele:

[...] Dessas três polaridades, poderíamos caracterizar a da atividade-passividade como a biológica, a do Eu-mundo exterior como a real e, por fim, a de prazer-desprazer como a econômica (FREUD, 2004, p. 162).

Os destinos do *trieb* estão submetidos a polaridades constitutivas da vida psíquica da espécie humana e podemos observar que no esquema proposto por Freud, essas polaridades formam um tripé entre o biológico, a realidade e a economia, esta última relacionada com o prazer-desprazer e, portanto, uma polaridade energética da mente (carga-descarga) e também da trilha aberta pelo somático-*Bedürfnis*, mas que pode se afastar dele

através da busca pelo *Lust*. Pensamos que dessa maneira a própria clínica psicanalítica fica irremediavelmente ligada a esse tripé formado pelo biológico, a realidade e a economia e o *trieb* se justifica como um conceito metapsicológico situado na fronteira entre o somático e o psíquico, o somático alicerçado no ponto de vista biológico, fisiológico e econômico e o psíquico também assentado sobre esses mesmos pontos de vista do somático, inclusive, nascendo do somático, indo para além dos ditames finalistas da espécie, construindo metas individuais e únicas, tendo objetos variados (plasticidade) como demonstra a clínica psicanalítica.

No texto *O Recalque* (1915), Freud questiona: como pode o Eu fugir de si mesmo? Quando são estímulos externos que estão atingindo o Eu, a resposta mais apropriada é a fuga, contudo, as pulsões pressionam de dentro para fora e não há como recorrer a essa estratégia. Se o Eu fosse mais maduro ou não fosse pego desprevenido seria possível um juízo de valor como uma resposta para conter a pulsão, mas, sem poder estabelecer um juízo de valor e sem poder fugir, o mecanismo psíquico adotado é o recalque, este, então, se localiza entre a fuga e o juízo de valor.

Gostaríamos de nos deter, brevemente, no texto *O Recalque* (1915) para levantar em quais aspectos ele poderia ajudar na compreensão do conceito de *trieb*.

Freud disse em *Pulsões* que o recalque é um dos destinos da pulsão. Ele acontece quando um prazer obtido a partir da satisfação de uma pulsão é transformado em desprazer, sendo incompatível com outros propósitos, exigindo que o psiquismo barre a pulsão; o recalque só pode surgir como defesa após uma separação entre a atividade psíquica consciente e inconsciente. Segundo Freud:

Temos razões para supor que exista uma primeira fase do recalque, um recalque original, que consiste em interditar ao representante [Repräsentanz] psíquico da pulsão (à sua representação mental [Vorstellung]) a entrada e admissão no consciente. Esse recalque estabelece então uma fixação, e a partir daí o representante em questão subsistirá inalterado e a pulsão permanecerá a ele enlaçada (FREUD, 2004, p. 178-179).

Pensamos que a importância do recalque para a compreensão do *trieb* esteja situada nesse ponto do Recalque Original. Ele barra o representante psíquico da pulsão do consciente, estabelecendo uma fixação e demarcando os limites entre os sistemas inconsciente/consciente do psiquismo, enlaçando a pulsão ao *Vorstellung* num ponto fixo que posteriormente atrairá tudo o que com ele estabelecer conexão (recalque propriamente dito). Novamente percebemos o quanto a pulsão abre novas trilhas na mente, movendo o aparelho e construindo os sistemas

psíquicos. É o próprio movimento do *trieb* que faz nascer à mente humana proposta pela metapsicologia freudiana.

Existe um movimento constitutivo no texto de *Pulsões* que acontece pela dupla filiação a que Freud dá ao *trieb*, de um lado a biologia, do outro lado a clínica psicanalítica. Em *Pulsões*, apesar de Freud inicialmente afirmar que vai dar forma a pulsão através da biologia e da fisiologia, explicações oriundas de observações psicanalíticas vão sendo colocadas pouco a pouco e ajudando a moldar a natureza do conceito.

O texto *Pulsões* não chegou a fornecer um esquema acabado da natureza da pulsão sexual, desde a sua origem auto-erótica até a sua configuração genital – o imenso trabalho a que Freud se propunha ficou limitado a uma tentativa de um projeto metapsicológico incompleto. Contudo, aparentemente, essa descrição do percurso da pulsão sexual a que Freud se propunha no texto é notado pelas colocações sobre as variações da meta sexual e do objeto da pulsão sexual, enfatizando, a nosso ver, que a pulsão nasce de uma fonte endógena (biologia), mas, como só pode ser conhecida através das suas metas, é então, através das metas da pulsão, das formas de satisfação do prazer que o homem pode verdadeiramente conhecê-las. E o que seria esse caminho pulsional, essa satisfação do prazer senão a consequência do entrelaçamento do somático com o psíquico? Ou também as variações da intensidade do somático sobre o psíquico ou do psíquico sobre o somático? Nessas questões encontraríamos a especificidade da clínica psicanalítica para a teoria pulsional freudiana e pensamos que *Pulsões e Destinos da Pulsão* é um artigo que tem uma importância inegável para a metapsicologia freudiana, especialmente no que tange as fronteiras propostas por Freud entre a biologia e a psicanálise.

2.4 Pulsão de morte

Com a progressiva teorização da experiência psicanalítica, Freud percebeu a necessidade da construção do conceito de pulsão de morte para dar conta dos fenômenos da clínica como a resistência do paciente à análise, a repetição ao invés da elaboração pelo paciente durante a análise e os sonhos repetitivos nos casos de neurose traumática. Entretanto, há divergências se a introdução do conceito de pulsão de morte veio dessa necessidade da

clínica ou se já não era algo esboçado e não totalmente teorizado desde o *Projeto de uma Psicologia*.

Caropreso e Simanke (2006) procuraram demonstrar que o conceito de compulsão à repetição introduzido formalmente em *Além do Princípio do Prazer* (1920) já estava presente numa formulação muito próxima no *Projeto de uma Psicologia* (1895), levando-nos a pensar que o conceito de pulsão de morte encontra mesmo suas raízes nos primeiros escritos de Freud, apesar de que no texto de 1920 ele aparece através de argumentações especulativas de cunho biológico, totalmente diferente da proposta sobre o princípio de inércia do *Projeto*. O princípio de inércia foi pensado no contexto de uma visão mecânica do organismo, onde o aparelho neural precisaria descarregar toda e qualquer quantidade de excitação, bem diferente da especulação e mitologia sobre as pulsões descrita por Freud em 1920 para justificar uma tendência do organismo para a morte. Contudo, Caropreso e Simanke (2006) justificam:

Mas, ainda assim, talvez seja plausível pensarmos que a reformulação da teoria que se faz necessária e que Freud empreende nos anos 1920, em medida considerável o leva a retomar um conjunto de hipóteses iniciais, que estavam presentes no *Projeto*, mas que não foram desenvolvidas, até esse momento, nas etapas intermediárias. Os passos à frente de Freud, ao mesmo tempo, o levariam, em certo sentido, para trás. Poderíamos, nesses termos, concluir então que, ao introduzir a noção de compulsão à repetição em 1920, Freud retorna às hipóteses do *Projeto* e que esse retorno o leva para além do princípio do prazer apenas no sentido em que este é pensado no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos*. O passo além de Freud seria, nesse caso, um retorno às origens da metapsicologia, e o *Além do princípio do prazer* consistiria num trabalho em que certas teses do *Projeto*, até então subentendidas nos desenvolvimentos posteriores, começariam a retornar à letra da teorização freudiana (CAROPRESO e SIMANKE, 2006, p. 221).

Monzani (1989) também defende a ideia de que o conceito de pulsão de morte retoma algo que já estava presente na obra freudiana desde o *Projeto* (1895) e que apareceria de forma implícita em vários momentos da metapsicologia e em 1920, Freud estaria apenas corrigindo o erro e descrevendo o que seria essa pulsão. Monzani (1989) também critica a posição de vários autores que acreditam haver uma ruptura radical dos fundamentos da teoria psicanalítica a partir do *Além do Princípio do Prazer*, que pensam que o novo dualismo pulsional reinseriu tudo num novo contexto, e os critica, também, quando dizem que se a psicanálise pretendia ser uma ciência, ficaria, a partir de 1920, apenas com o estatuto de metafísica.

Vale a pena indagar se essa posição é correta. Isto é, se de fato, no corpo dos textos freudianos constatamos essa ruptura, se essa exigência, **(o conceito de pulsão de morte)**, já não é uma velha inquilina da teoria e se o problema enfrentado, **(as argumentações especulativas)**, em vez de ser particular e específico de *Além do princípio do prazer*, não seria uma característica comum aos textos “metapsicológicos”, mesmo que admitamos não haver dúvida de que ele se encontra de maneira muito mais exacerbada nessa obra (MONZANI, 1989, p. 152, grifos nossos).

Pretendemos justamente voltar ao texto do *Além do princípio do prazer* para explicitar melhor a proposta freudiana sobre a pulsão de morte e pensar se ela seria mesmo defendida com argumentações especulativas de cunho biológico, analisando qual teria sido esse biológico proposto por Freud. Faremos um movimento para pensar como as argumentações vão sendo feitas ao longo do texto para justificar a necessidade de um conceito como o de pulsão de morte e principalmente para ressaltar as bases empíricas e especulativas que ele utilizou em suas explicações.

2.5 O conceito de pulsão de morte no *Além do Princípio de Prazer*

Tentaremos compreender a proposta de pulsão de morte no *Além do Princípio do Prazer* (1920), recorrendo ao próprio texto freudiano e a comentadores que estudaram esse conceito e suas relações com outros textos de Freud.

No *Além do Princípio de Prazer*, Freud inicia o capítulo I escrevendo sobre o princípio do prazer, dizendo que os processos psíquicos são regulados por ele, que esse conceito foi desenvolvido a partir de observações e descrições de fatos cotidianos do campo da psicanálise e que o princípio do prazer é definido através de hipóteses especulativas. Percebemos a contradição de Freud ao afirmar que o princípio do prazer advém de observações e depois dizer que sua definição é feita através de hipóteses especulativas. Provavelmente Freud chamava de especulativas suas teorias e conceitos advindos das observações clínicas porque elas não poderiam ser submetidas à experimentação exigida pelas ciências naturais e seriam decorrentes de observações, deduções e interpretações. Mas, vejamos o raciocínio:

Quanto ao princípio de prazer, não cabe definirmos até que ponto nossa formulação nos aproxima ou filia a algum sistema filosófico já historicamente estabelecido, pois chegamos a essas **hipóteses especulativas** sobre o prazer e o desprazer por outro

caminho: ao tentarmos fazer uma descrição e prestar contas dos **fatos cotidianamente observáveis em nosso campo**. No trabalho psicanalítico, não estamos preocupados com a primazia sobre a autoria e a originalidade das ideias; afinal, **as observações que nos levaram à formulação desse princípio são tão evidentes que é quase impossível não vê-las**. [...] Trata-se do território mais obscuro e inacessível da vida psíquica. Assim, uma vez que é impossível evitar travar contato com esses fenômenos, parece-me que o melhor a fazer é enfrentá-los adotando uma hipótese o menos rígida possível (FREUD, 1920, p. 135, grifos nossos).

Logo na sequência, Freud aproxima o princípio do prazer com a concepção de prazer e desprazer proposta por G. Th. Fechner em *Algumas Contribuições para a História da Criação e Evolução dos Organismos* (1873). Defende a ideia de que a hipótese do princípio do prazer na vida psíquica está atrelada ao fato do aparelho psíquico conseguir manter a excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou pelo menos constante. Se a meta do aparelho é manter a quantidade de excitação em um nível baixo, tudo o que aumenta a quantidade da excitação é percebido como desprazer pelo psiquismo. Freud afirma que “O princípio do prazer deriva do princípio de constância, embora, na realidade, o próprio princípio de constância tenha sido, ele mesmo, inferido dos fatos que nos levaram a adotar a hipótese do princípio do prazer” (FREUD, 1920, p. 136-137).

O princípio do prazer seria um conceito decorrente de observações e descrições de fatos cotidianos da psicanálise, sendo, nesse sentido, definido através de hipóteses especulativas, mas, também, da concepção de prazer e desprazer de Fechner e nesta última, podemos afirmar que estaria presente um ponto de vista fisiológico e econômico do aparelho psíquico, pela proposta deste conseguir manter a excitação baixa ou constante para manter o prazer e objetivando, sempre, descarregar a quantidade excessiva de excitação, sentida como desprazerosa.

Demonstramos que em *Pulsões e Destinos da Pulsão*, o ponto de vista fisiológico e o econômico estão sendo utilizados para definir a pulsão de maneira explícita no pensamento freudiano. Monzani (1989) amplia a nossa compreensão quando insiste no fato de não existir um divórcio em Freud entre suas teses explicativas e a interpretação e nem à subordinação da interpretação à explicação. A linguagem de sua metapsicologia é que para ela dar conta dos efeitos de sentido, deve existir “uma subordinação recíproca entre interpretação e explicação, cada uma a seu nível: a interpretação produz teses que a explicação fundamenta” (MONZANI, 1989, p. 114).

Monzani também nos auxilia com a seguinte passagem:

Em geral, há a tendência de esquecer que Freud era, antes de tudo, um clínico. A necessidade de levar em conta os fatos quantitativos e energéticos na estruturação de seu discurso teórico, muito antes de ser uma exigência do esquema positivista no qual Freud se formou, foi o resultado de inúmeras constatações clínicas onde esse fator se impunha com tal peso que era impossível deixá-lo de lado. O ponto de vista econômico em Freud não foi, a priori, uma grade aplicada aos fenômenos patológicos que tentava decifrar. Talvez, muito pelo contrário tenha sido a tentativa de decifração desses fenômenos que o levou a sustentar esse ponto de vista (MONZANI, 1989, p. 100-101).

Percebemos que Monzani (1989) sustenta a ideia de que foi por meio das considerações clínicas que Freud extraiu o princípio de inércia, considerado como princípio básico e fundamental do sistema nervoso, mesmo sendo este impensável para um organismo. Se fosse colocado em prática, como existiria a vida se a base fosse à descarga total?

O que, portanto, nos leva a concluir que foi exatamente essa “leitura” (**das considerações clínicas**) dos fenômenos histéricos e obsessivos que levou Freud a postular tal princípio contra todas as evidências ao contrário da neurologia científica e positivista. Dessa maneira, o neurólogo Freud chega a um princípio neurologicamente inconcebível, o que nos leva a supor que o psicanalista Freud já havia tomado a palavra (MONZANI, 1989, p. 101, grifos nossos).

Analisando essas reflexões, parece-nos que o próprio ponto de vista econômico e fisiológico adotado por Freud se descola da tradição positivista e cientificista da época ao propor um modelo de aparelho psíquico que, apesar de ter forte inspiração nas chamadas ciências naturais, levava em consideração os achados empíricos a partir da atividade clínica, mesmo sendo eles contraditórios à neurologia da época.

E por que estaríamos discutindo com tanta ênfase a questão dos princípios reguladores/ordenadores do psiquismo para pensarmos no conceito de pulsão?

Ora, é a definição da própria pulsão como aquilo que pressiona e move o aparelho psíquico como uma necessidade de descarregar o excesso de excitações para manter o princípio de constância, evitando o desprazer, que nos dá o direito de relacionar a importância desses princípios para a compreensão de sua conceituação. Inclusive é pensando nesse princípio, o de prazer, como regulador do psiquismo que Freud chegará à conclusão de que existem problemas insolúveis ao se elegê-lo como processo dominante e exclusivo, apontando a necessidade de repensar essa questão.

Na sequência do capítulo I de *Além...*, Freud fará um papel inverso, o de demonstrar que o domínio do princípio do prazer sobre o curso dos processos psíquicos é falso, afirmando que se isso fosse verdade, a maioria de nossos processos psíquicos deveria ser acompanhada de prazer ou conduzir-nos ao prazer, porém, a experiência demonstra que

isso não é fato. Ele conclui a partir desse seu argumento, construindo outro, o de que, apesar de existir no psiquismo uma forte tendência ao princípio do prazer, existiriam outras forças ou circunstâncias opostas a esse princípio. Ele assinala duas dessas forças opostas ao princípio do prazer. Uma delas é o princípio de realidade que surge pela necessidade do organismo se impor ao meio ambiente para a satisfação da sua necessidade, apesar da meta continuar sendo a obtenção do prazer. O indivíduo aprende a adiar essa satisfação ou substituí-la por outra ou mesmo renunciá-la. Uma segunda força que libera desprazer, citando Freud: “[...] origina-se dos conflitos e clivagens próprios do processo de desenvolvimento do Eu em direção a organizações psíquicas mais complexas” (FREUD, 1920, p. 138).

A partir desse ponto do texto de 1920, Freud abre o caminho para voltar a discutir, no capítulo II, a neurose traumática que já havia sido esboçada no bojo do quadro conceitual da histeria e retomar as diferenças entre esses dois quadros clínicos, o da histeria e o da neurose traumática. Até o capítulo II do *Além...*, Freud procura retomar seus pressupostos para a existência de um princípio do prazer para ao mesmo tempo apontar as lacunas dessa formulação através da retomada dos sonhos repetitivos nos casos de neurose traumática. Se o sonho noturno transporta pessoas com neurose traumática para a mesma situação geradora do trauma, como manter a hipótese de que os sonhos produzem uma realização do desejo implícito do sonhador? No entanto, ao invés de responder a essa pergunta, Freud nos pede para atentarmos para a brincadeira infantil, com o intuito de refletir sobre outro fenômeno de repetição, que não o dos sonhos repetitivos das neuroses traumáticas, como se esse convite sobre o que se repete fosse imprescindível para abarcar o fenômeno estudado.

Freud parece sempre realizar esse movimento de retomar teses antigas, revê-las, apontar lacunas, justificar o que seriam essas lacunas, descrevendo-as através de exemplos empíricos. Normalmente utiliza-se de sua experiência clínica, para também, em seguida, retomar o desenvolvimento infantil, como se a história da infância auxiliasse na compreensão de fenômenos psíquicos, como se ela possibilitasse um entendimento do funcionamento da mente. Utiliza-a como argumento para a construção de teses teóricas e mais especificamente aqui, Freud está utilizando-se de um recurso comparativo: a descrição necessária de todos os fenômenos clínicos que se repetem, para assim, construir uma matriz teórica comum a todos eles, como também, verificar se a matriz teórica comum, quando volta a ser aplicada a esse mesmo conjunto de fenômenos, consegue justificá-los.

A importância que surge dessa discussão foi a colocação de que haveria outro princípio regulador do psiquismo que não o princípio de prazer, e que aquele seria anterior ao de prazer. As últimas linhas de Freud no capítulo II do *Além...* são:

[...] e nós estamos justamente em busca da ação de tendências que estariam além do princípio de prazer, isto é, tendências que seriam mais arcaicas e que atuariam de forma independente do princípio de prazer [...] (FREUD, 1920, p. 143).

Na continuação, iniciando o capítulo III, deparamo-nos com a descrição do percurso psicanalítico concernente às técnicas, passando primeiramente pela decifração do inconsciente, uma arte de interpretação, até chegar à proposta do próprio doente, através de suas recordações, alcançar a compreensão de seu inconsciente, na construção de seu próprio processo analítico. Com a alteração na técnica psicoterapêutica, ocorreu um deslocamento da ênfase do tratamento para as resistências do doente e a preocupação passou a ser o desvelamento dessas resistências, ou seja, fazer com que o próprio paciente as perceba na transferência para, assim, abrir caminho na elaboração dos processos inconscientes. Como decorrência dessa proposta, Freud observou a grande dificuldade dos pacientes em realizarem esse movimento de percepção das resistências e recordação e constatou que, ao invés de uma recordação que geraria uma conscientização, o paciente tendia a repetir o recalcado - repetição do recalcado como se fosse uma vivência presente.

Freud considera, em parte, necessária essa repetição. Ela seria uma consequência do que ele mesmo chamou de neurose de transferência e seria importante para o paciente ter uma convicção da presença de suas resistências e da existência de seu inconsciente para levá-lo ao sucesso terapêutico; é nesse bojo da repetição na clínica que aparecerá, pela primeira vez, o termo compulsão à repetição.

Sonhos repetitivos nas neuroses traumáticas, brincadeiras infantis repetitivas e repetição do recalcado nas ações do presente por parte de pacientes em análise fariam parte do mesmo fenômeno de repetição observado por Freud, o que o levou a teorizar sobre a existência de tendências do aparelho psíquico que estariam além do princípio do prazer, assim o que parece estar além do princípio do prazer é a compulsão à repetição.

Desse modo, Freud vai afirmar que a compulsão à repetição é mais arcaica e primitiva do que o princípio de prazer, sendo anterior a ele, como um regime que o precederia.

Enfim, ainda restam tantos aspectos sem explicação, que a formulação da hipótese da compulsão à repetição se justifica. Esta de fato nos parece ser mais arcaica, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer, o qual ela suplanta. Mas, se essa compulsão à repetição realmente existir na vida psíquica, então gostaríamos de saber mais sobre a função que lhe corresponde, em que condições ela pode manifestar-se e qual a sua relação com o princípio de prazer, pois foi a ele que até agora atribuímos o domínio sobre o curso dos processos de excitação na vida psíquica (FREUD, 1920, p. 148).

Através das resistências dos pacientes no processo psicoterapêutico e, conseqüentemente, das repetições realizadas por eles, aparecerá o questionamento sobre a origem das forças responsáveis pela compulsão à repetição. A resposta a essas indagações é que a resistência à análise provém do Eu – dado que grande parte dele é em si mesmo inconsciente (núcleo do Eu) e que a compulsão à repetição parte do recalado inconsciente. O recalado, o representante da pulsão, é o que se repete – ele mesmo ou seus derivados.

E como conciliar o princípio de prazer com a compulsão à repetição?

Mas então surge a questão de como se estabelece a relação do princípio de prazer com a compulsão à repetição, que é a manifestação da força do recalado. É claro que quase tudo que a compulsão à repetição consegue fazer o paciente reviver outra vez causa muito desprazer ao Eu, pois nesse processo as atividades de moções pulsionais recaladas são expostas. Mas, como já mostramos, trata-se de um desprazer que não contradiz o princípio de prazer, pois é ao mesmo tempo desprazer para um sistema e prazer para outro. O fato novo e impressionante que iremos descrever em seguida é que a compulsão à repetição também faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recaladas naquela ocasião do passado (FREUD, 1920, p. 145-146).

Vemos pelas observações de Freud que, apesar da compulsão à repetição poder existir concomitantemente com o princípio de prazer com a justificativa de que o desprazer gerado pela repetição é desprazeroso para um sistema e prazeroso para outro (atendendo assim ao conflito entre o Eu e o ID), a sua grande marca é trazer o retorno de experiências passadas que não comportariam nenhuma possibilidade de prazer, que estariam, portanto, totalmente fora do princípio de prazer. Nesse sentido, o princípio de prazer e o regime da compulsão à repetição podem coexistir, um não exclui a existência do outro, mas a compulsão à repetição faria retornar eventos totalmente sem prazer e mostraria a impossibilidade do princípio de prazer operar exclusivamente nessas condições.

E qual seria a origem metapsicológica da compulsão à repetição? Até o momento apenas fenômenos clínicos parecem atestá-la como uma verdade que acontece: as brincadeiras infantis, os sonhos repetitivos das neuroses traumáticas, as chamadas compulsões

de destino e a relação transferencial durante a análise. Contudo, sabemos que Freud procura uma base biológica e materialista para os processos psíquicos e utiliza o ponto de vista tópico, dinâmico e econômico para construir os conceitos metapsicológicos e, especificamente, para o conceito de pulsão, também se utiliza dos pontos de vista biológico e fisiológico.

Até o capítulo III, Freud parece fazer esse movimento em direção a uma justificativa clínica e psicológica da compulsão à repetição, porém, no capítulo IV, procurando responder a questão lançada no anterior, sobre qual seria a função da compulsão à repetição na vida psíquica, qual a sua relação com o princípio do prazer e em que condições ela se manifestaria, ele empreende o que chamou de uma especulação. Essa especulação, que chamou de especulação psicanalítica, parte de um questionamento sobre a consciência. De fato, Freud vai retomar aqui toda conceituação sobre os sistemas psíquicos e sobre a localização da consciência, da construção da memória e do nascimento do Eu, descrevendo esses sistemas e os seus processos, propondo uma mecânica fisiológica muito parecida com a do texto do *Projeto*.

Segundo Caropreso (2008), no *Projeto*, Freud procura explicar os processos psíquicos mecanicamente, mas, toda vez que essa explicação não é suficiente ele busca explicações biológicas para justificar os mesmos. Vejamos:

Freud busca explicar todos os fenômenos psíquicos mecanicamente, mas, quando essa forma de explicação não pode ser alcançada, admite recorrer a justificativas de ordem biológica, isto é, explicar certas características dos processos descritos como consistindo em aquisições condicionadas por adaptações ou regras biológicas (CAROPRESO, 2008, p. 103).

Nesse sentido, percebemos que desde o *Projeto (1895)* existe no bojo da discussão freudiana sobre a construção do aparelho psíquico e de seus processos, uma mecânica (fisiologia e economia) e uma biologia. E é essa sistemática que reaparecerá, ampliada e revisada para justificar o conceito de pulsão de morte no *Além...* (1920).

Toda essa especulação parece servir para explicar o que seria a compulsão à repetição numa justificativa metapsicológica e, conseqüentemente, Freud também recorrerá a um ponto de vista fisiológico e biológico (evolutivo) para alcançar uma explicação metapsicológica. Assim, Freud inseriu a compulsão à repetição no raciocínio psicanalítico da fisiologia e mecânica do aparelho psíquico e da teoria do trauma. A explicação da importância de um escudo protetor contra os estímulos invasores externos e internos e a retomada de ideias psicanalíticas já debatidas anteriormente a 1920, de que o rompimento desse escudo

levaria à dor e ao trauma (ideias desde o *Projeto* e dos *Estudos sobre Histeria*, 1895), levou Freud a retomar a tese de Breuer sobre a existência de duas formas de preenchimento de energia dos sistemas psíquicos, uma, na qual as cargas de investimento fluem livremente e pressionam para a descarga e outra para cargas de investimento em repouso. A grande invasão de estímulos leva o aparelho a uma tentativa de lidar com as cargas, tentando capturá-los, o que em alemão Freud chamou de *Binden*, enlaçar, ligar, realizando o trabalho psíquico para, enfim, processar esse estímulo percebido como dor, trauma.

Talvez possamos supor que o que chamamos de “enlaçamento” ou “captura” [Bindung] da energia que flui para o aparelho psíquico consista em uma passagem do estado de fluxo livre para o estado de repouso (FREUD, 1920, p. 155).

A captura e enlaçamento da carga do estímulo pulsional, a *Bindung*, realiza a passagem do estado de fluxo livre da energia que circula no aparelho psíquico para o estado de repouso, relacionando a capacidade do estímulo pulsional que se encontra solto, para se tornar ligado, o que proporciona a contenção da invasão pulsional, conduzindo o organismo a esse “repouso” que relacionamos com um estado de equilíbrio, de descarga. A conceituação metapsicológica da compulsão à repetição percorre esse trajeto da fisiologia e economia do aparelho psíquico, recorrendo às justificativas sobre os tipos de carga que percorrem os sistemas do inconsciente, do pré-consciente e do consciente.

Com relação à neurose traumática, ela é, então, finalmente, concebida como a consequência de uma extensa ruptura do escudo protetor, entendendo que Freud compreende a teoria do choque como a ação deste no aparelho psíquico a partir da ruptura do escudo protetor e das consequências que resultam daí, e não de um choque que tenha provocado uma lesão direta na fisiologia do sistema nervoso ou na estrutura molecular. Daí a importância do susto, *Schreck*, porque o que o caracteriza é a ausência de prontidão para o medo, viabilizando a invasão dos estímulos e o rompimento do escudo protetor do aparelho psíquico. Se os sonhos repetitivos aparecem nos casos de neurose traumática, fazendo com que os sonhadores revivam oniricamente a situação traumática e nelas, com certeza, a experiência dolorosa, não é de maneira nenhuma uma realização de desejo. Freud conclui que esses sonhos teriam outra finalidade, a de recuperar a capacidade do aparelho psíquico de processar os estímulos dolorosos vividos na situação traumática. Em síntese, os sonhos repetitivos das neuroses traumáticas teriam a função de tentar processar algo que não pôde ser feito no passado, que não obedeceriam ao princípio do prazer e também demonstrariam a existência de outro

princípio regendo a vida psíquica, algo que está além do princípio do prazer, que segue a compulsão à repetição. A compulsão à repetição é outro regime que rege a vida psíquica, além do princípio do prazer, e seria uma tentativa de ligar a energia que é abundante e que, nas situações traumáticas, invade o aparelho psíquico. Ou seja, a compulsão à repetição tem a finalidade de recuperar a capacidade do aparelho psíquico de processar os estímulos dolorosos vividos na situação traumática.

De fato, acreditamos que esses sonhos buscam resgatar a capacidade do aparelho de processar os estímulos que afluem quando do desencadeamento do medo [Angstentwicklung] – processamento cuja ausência no passado foi causa da neurose traumática. Dessa maneira, eles nos mostram uma função do aparelho psíquico que, sem estar em contradição com o princípio de prazer, ocorre de modo independente deste e provavelmente é anterior ao propósito de obter prazer e evitar o desprazer. Assim, chegou o momento de admitir pela primeira vez uma exceção à nossa afirmação de que todo sonho é uma realização de desejo. [...] Entretanto, os já mencionados sonhos da neurose traumática, assim como os sonhos que durante as análises trazem de volta a recordação dos traumas psíquicos da infância, não podem mais ser definidos do ponto de vista da realização de desejo. Esses dois tipos de sonhos obedecem muito mais à compulsão à repetição [Wiederholungszwang] (FREUD, 1920, p. 156).

Segundo Monzani (1989) a compulsão à repetição seria originada de uma falha na *bindung* (ligação), ou falha na ligação da energia, assim:

Atividade originária, primordial, que é a atividade de vinculação, de ligação (*bindung*) da excitação invasora que se manifesta como energia livremente móvel, para posteriormente ser possível, por exemplo, descarregá-la adequadamente. O que está “além do princípio do prazer” é, portanto, a *Bindung* (MONZANI, 1989, p.179).

Para existir o princípio do prazer seria necessário primeiramente ocorrer o processo de *Bindung* – ligação da energia, caso contrário, a energia permaneceria solta e não ligada e compelida a repetir-se, tentando promover a ligação. Pensamos que isso leva conseqüentemente a conclusão de que para o princípio do prazer existir é necessário ocorrer a ligação da energia e sabemos que isso é promovido pelo sistema consciente do aparelho psíquico e constataríamos que nosso prazer está relacionado as nossas funções psíquicas conscientes e ao Eu. Entretanto, esse raciocínio parece pertinente até o capítulo IV do *Além...*, mas, depois, no capítulo V, parece que o princípio do prazer existiria desde o início da vida – pulsão de vida – e também estaria presente nos processos primários, junto com a compulsão à repetição, ficando em aberto essa discussão que não nos cabe finalizar neste momento.

Monzani explica:

O que significa dizer então que, antes mesmo de se poder operar qualquer tipo de defesa ou descarga, é preciso ligar, vincular essa energia pulsional invasora. É preciso, digamos assim, domesticá-la, torná-la tratável antes de se pensar em descarregá-la ou recalá-la (defesa) (MONZANI, 1989, p.180).

A *Bindung* precede o princípio de prazer, mas não o contradiz. Muito pelo contrário, trabalha frequentemente a seu favor. A questão central é a falha da *Bindung*, pois quando ela falha aparece uma fresta, uma lacuna, que faz surgir a compulsão à repetição.

No capítulo V, os estímulos pulsionais serão caracterizados com um processo psíquico que opera com energia livre e móvel, que é o padrão do sistema inconsciente e assim todas as moções pulsionais iniciariam o seu trabalho no sistema inconsciente e obedeceriam ao processo primário. Segundo Freud:

Portanto, a tarefa das camadas superiores do aparelho psíquico seria justamente enlaçar e atar **binden** a excitação das pulsões que chegam ao processo primário. No caso de fracasso desse enlaçamento **Bindung**, provocar-se-ia uma perturbação análoga à da neurose traumática. Só depois de ter havido um enlaçamento bem sucedido é que poder-se-ia se estabelecer o domínio irrestrito do princípio de prazer (e de sua modificação em princípio de realidade). Enquanto isso não acontece, a tarefa do aparelho psíquico de processar **bewältigen** ou enlaçar **binden** a excitação teria prioridade, não em oposição ao princípio de prazer, mas operando independentemente dele e, em parte, sem levá-lo em consideração (FREUD, 1920, p. 158-159, grifos nossos).

O domínio irrestrito do princípio de prazer só é possível depois de ocorrer um enlaçamento das excitações pulsionais. Enquanto isso não ocorre, a compulsão à repetição é o princípio prioritário no aparelho psíquico, apesar de coexistir com o princípio de prazer.

No capítulo V de *Além...*, veremos uma nova tentativa de definir a natureza das pulsões dentro desse novo quadro do funcionamento do aparelho psíquico, agora operando não só no regime do princípio de prazer como também no princípio de compulsão à repetição. A dificuldade dessa proposta aparece em célebre frase de Freud, exatamente neste capítulo: “Entretanto, as pulsões são o mais importante e também o mais obscuro objeto da investigação psicológica” (FREUD, 1920, p. 158).

As pulsões continuam sendo definidas como fontes da excitação de origem interna e como “representantes de todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico” (FREUD, 1920, p. 158). Mas agora teremos mais uma questão a ser resolvida na já enigmática definição do conceito do *trieb* percorrido anteriormente no texto das *Pulsões* e que no texto do *Além...* toma novas proporções, a

pergunta sobre qual seria a natureza da relação entre o que é pulsional e a compulsão a repetir. A resposta encontrada parte do pressuposto de uma característica universal das pulsões, nas palavras de Freud:

Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente (Drang) interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica (FREUD, 1920, p. 160, grifos nossos).

As pulsões até 1915 eram vistas apenas como uma força interna que impele à mudança e ao desenvolvimento e agora, em 1920, elas também passam a manifestar uma natureza **conservadora** do ser vivo. Existiriam as pulsões conservadoras que compelem à repetição e outras que atuariam pressionando para novas formações e promovendo o progresso. Com certeza, esta é **uma transformação dentro da teoria pulsional freudiana**. Perseguindo essa ideia, Freud avançará na especulação psicanalítica recorrendo ao ponto de vista biológico e passará a falar da evolução dos seres vivos, da história da evolução da Terra e sua relação com o sol, para afirmar que as pulsões conservadoras teriam assimilado as modificações que foram ocorrendo nos organismos e que foram preservando-as para a repetição. A conclusão dessa especulação é afirmar que “o objetivo de toda a vida é a morte” (Freud, 1920, p. 161). Se retomarmos todo o raciocínio proposto, veremos que existe na nova conceituação da pulsão, os pontos de vista fisiológico, econômico e o biológico. Primeiramente, a compulsão a repetir, cujo objetivo é promover a ligação do estímulo pulsional, trouxe a conceituação de que a pulsão visa restabelecer um estado anterior, um estado de não-excitação, de repouso, de descarga do excesso de estimulação, logo a compulsão à repetição trabalha com o ponto de vista fisiológico e econômico do funcionamento psíquico e justifica essa natureza conservadora – de descarregar para ficar em repouso – da pulsão. Contudo, não satisfeito em ficar apenas com o ponto de vista fisiológico e econômico, Freud recorreu à Biologia, mais especificamente à teoria da evolução, como era de seu costume, para justificar o emprego de suas conceituações metapsicológicas. Passamos a perceber as influências Lamarckistas e Darwinistas nas considerações freudianas para justificar a natureza conservadora da pulsão seguindo um ponto de vista biológico. E é precisamente ao final da discussão deste ponto de vista que aparecerá pela primeira vez nos textos psicanalíticos o conceito de pulsão de morte, como uma necessidade de nomear a pulsão que carrega essa natureza conservadora da vida, vida cujo fim último é a morte. Vejamos como o termo aparece no texto de 1920:

Abordemos agora os grandes grupos de pulsões que antes havíamos postulado estar por trás das manifestações vitais dos organismos. À luz de nossa nova hipótese sobre a **pulsão de morte**, veremos que o papel dessas pulsões causará certo estranhamento. Afinal, ao postularmos para todo o ser vivo a existência das pulsões de auto-conservação, colocamo-nos em flagrante oposição ao pressuposto de que o conjunto da vida pulsional visa conduzir à morte (FREUD, 1920, p. 162, grifos nossos).

No capítulo V, ocorrerá uma oposição entre as pulsões de morte, que Freud exemplificou como sendo as “pulsões do Eu” e que impelem em direção à morte e as pulsões sexuais que impelem para a continuidade da vida, porque ele ainda estará tentando repensar o dualismo pulsional a partir da primeira teoria das pulsões (pensando onde as pulsões do eu e as pulsões sexuais se encaixariam) e por isso, na sequência do seu raciocínio, ele irá modificar definitivamente o antagonismo pulsional. Na nova conceituação da teoria das pulsões, as pulsões sexuais são opostas à pulsão de morte e para justificar essa mudança, ele recorre ao ponto de vista biológico, descrevendo a história do desenvolvimento dos organismos e das células germinativas e as definindo como células que trabalhariam contra a morte da substância viva e que elas conseguiriam assegurar um potencial para a imortalidade ou apenas prolongar o caminho para a morte. O certo é verificarmos, com essas explicações, que Freud está mesmo retomando a sua teoria pulsional numa nova conceituação, diferente da que fez em 1915, em *Pulsões*, no sentido de transformar o dualismo expresso numa oposição entre Pulsões Sexuais e Pulsões do Eu; ele está revendo-a e colocando-a num novo parâmetro a partir da conclusão de existir um novo princípio regendo o aparelho psíquico, a compulsão à repetição. As pulsões sexuais são nomeadas como pulsões de vida, pois elas manteriam o organismo em segurança e proporcionariam o seu encontro com outras células germinativas, prolongando a vida, contudo, também teriam a propriedade de serem conservadoras porque retornariam a estados arcaicos da substância viva e também preservariam a vida por um período mais longo. Ao final do capítulo V, Freud nomeará as pulsões de vida de Eros:

Gostaria de mencionar, ainda, que provavelmente o anseio de Eros em agregar a substância orgânica em unidades cada vez maiores talvez funcione como um substituto para essa suposta “pulsão de atingir a completude”, cuja existência de fato não há como admitir. Assim, o anseio de Eros conjugado com os efeitos do recalque poderia explicar os fenômenos que se atribuem à “pulsão de atingir a completude (FREUD, 1920, p. 165).

Até esse momento do texto, a pergunta sobre qual seria a natureza da relação entre o que é pulsional e a compulsão a repetir pareceu-nos ficar um pouco confusa, porque temos a

ideia de que as pulsões (as de vida e as de morte) têm uma natureza conservadora e impelente, tendendo a retomar a “inércia” e a outra afirmação de que existiriam pulsões conservadoras que compelem à repetição e outras que atuariam pressionando para novas formações e promovendo o progresso. Pensamos que, ou tanto as pulsões de vida como as pulsões de morte estarão submetidas ao regime de compulsão à repetição pela primeira hipótese apresentada ou, de fato, somente a pulsão de morte teria a característica de compulsão à repetição, dada a sua tendência conservadora e oposta a Eros que empurra para o progresso. Precisamos avançar mais um pouco sobre a análise do texto do “*Além...*” para chegarmos a algum tipo de conclusão.

No capítulo VI, Freud deixará mais claro a reformulação de suas ideias com relação à divisão entre as pulsões de vida e de morte, não mais associando as pulsões do Eu como pulsões de morte e a teoria dualista passará a ser agora a oposição entre Eros (pulsões sexuais e pulsões do Eu) e pulsão de morte. Nesse bojo, Freud quis submeter à pulsão de morte, sua validade, à ciência biológica e recorreu a teorias de autores como W. Fliess, A. Weismann, Goethe, Woodruff, Maupas, Calkins, E. Hering entre outros, descrevendo uma série de teorias e estudos sobre a existência da chamada morte natural e da dificuldade em não existir nenhuma unanimidade entre os biólogos sobre o conceito de morte. Desfila nessa série de autores e nas próprias especulações freudianas, concepções de natureza lamarckista e darwinista. O importante é ressaltar a procura por uma justificativa biológica para o conceito de pulsão morte, porque, como explicamos, o aparelho psíquico tem sua tendência a descarregar o que justifica a natureza conservadora (volta ao repouso) das pulsões, mas isso não é conclusivo o suficiente para a psicanálise nomear a existência de algo como uma pulsão de morte, que estaria na raiz dos processos psíquicos. Por isso o questionamento psicanalítico sobre a morte precisa recorrer à Biologia, a ciência da vida, para tentar entendê-la. A conclusão desse recurso à Biologia é vaga, com várias teses sobre o que seria a morte e nenhuma delas conclusiva, e Freud apenas consegue obter a lição de que a Biologia não teria como refutar a existência da pulsão de morte.

Além disso, pelo que sabemos, as observações dos biólogos permitem supor que mesmo entre os protistas existam processos internos que conduzem à morte. Mas, ainda que os protistas se provassem imortais no sentido de Weismann, sua afirmação de que a morte é uma aquisição tardia seria válida apenas no que tange aos sinais visíveis de morte, e não inviabilizaria nenhuma hipótese sobre os processos inerentes que pressionam para a morte. Portanto, nossa expectativa de que a biologia refutasse a existência das pulsões de morte não se realizou, e podemos continuar nos interrogando sobre a possibilidade da existência das pulsões de morte (FREUD, 1920, p. 170-171).

Com as pulsões sexuais e pulsões do Eu a redefinição é mais precisa, primeiro porque os estudos sobre o Narcisismo levaram à conclusão de que o Eu fazia parte do rol dos objetos sexuais, sendo, inclusive, o principal desses objetos e a libido que se alojava no Eu passou a ser chamada de narcísica, desfazendo por completo esse primeiro dualismo proposto entre esse grupo de pulsões. As pulsões de auto-conservação, possuindo um caráter libidinal, só poderiam estar associadas com as pulsões de vida, assim como as próprias pulsões sexuais, que Freud chamou de Eros: “É preciso identificar a pulsão sexual com Eros – que tudo preserva – e concluir que a libido narcísica do Eu nasce dos estoques de libido utilizados pelas células somáticas para aderirem umas às outras” (FREUD, 1920, p. 173).

Se existe uma oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte, Freud irá afirmar que existe uma outra polaridade opositiva, o amor e o ódio e que a teoria avançaria se demonstrasse à relação entre essas duas polaridades, como também que uma deriva da outra. O par, amor e ódio, já havia sido descrito no texto das “*Pulsões*” como um dos destinos pulsionais, “a transformação em seu contrário” que se desdobra em dois processos distintos, “o redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade” e a “inversão de conteúdo”. Freud citou este último processo como exemplo da transformação do amor em ódio. No texto do *Além...*, ele retomou a discussão sobre o amor e o ódio não mais como um destino pulsional, mas avançando na compreensão e na distinção entre as pulsões de vida e as pulsões de morte; ele estava interessado em entender como do amor, Eros, poderia nascer uma pulsão de morte-destruição como o sadismo. Sua explicação parte da ideia de que o sadismo é a pulsão de morte que a libido narcísica afastou do Eu colocando-a nos objetos da realidade e que esse sadismo exteriorizado passou a servir à função sexual.

Sabemos que na fase de organização oral da libido o apoderamento do objeto amoroso e o aniquilamento do objeto ainda coincidem. Posteriormente, a pulsão sádica se tornaria então autônoma e, por fim, na fase em que se instala o primado genital com a finalidade de reprodução, a pulsão sádica assumiria uma função que se faz necessária para a realização do ato sexual: enfrentar e lidar com [bewältigen] o objeto sexual. De fato, poderíamos dizer que foi o sadismo anteriormente expulso do Eu que indicou aos componentes libidinais da pulsão sexual o caminho em direção ao objeto. Só depois disso é que esses componentes poderiam seguir em direção ao objeto. Nos casos em que o sadismo original não foi mitigado ou fusionado a outros elementos, veremos instaurar-se na vida amorosa a conhecida ambivalência amor-ódio (FREUD, 1920, p. 175).

Com essa explicação Freud procurou estabelecer relações não apenas entre o amor e o ódio, mas, sim, principalmente entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Entretanto,

acreditava que ainda sua sustentação não era de todo completa e buscava fazer um paralelo também entre o par sadismo-masochismo, considerando que este possuía o redirecionamento da pulsão objetal contra o próprio Eu. Quando os comentários sobre o masochismo se esgotaram, ele mesmo percebeu a urgência de um estudo posterior que auxiliasse melhor nessas considerações e isso culminou mais tarde com o artigo *O Problema Econômico do Masochismo* (1924), onde aparecerá o conceito de um masochismo erógeno, que discutiremos no próximo capítulo. Freud escreveu:

Entretanto, em um ponto a formulação sobre o masochismo que apresentamos àquela época deveria ser corrigida por se mostrar demasiado limitadora, ou seja, além do masochismo secundário que retorna ao Eu, poderia também existir um masochismo primário que emana do Eu, embora naquele momento eu tenha contestado essa possibilidade (FREUD, 1920, p. 175).

Pensando sobre a existência da pulsão de morte, encontraremos, no capítulo VI, outra justificativa para ela, ou seja, a explicação de que a tendência dominante do psiquismo é o anseio por reduzir, manter constante e suspender a tensão interna ocasionada por estímulos (pensamos se tratar do ponto de vista fisiológico e econômico). Essa tendência, Freud nomeou, nesse momento, de princípio de Nirvana (pela primeira vez nos escritos psicanalíticos), dizendo ser uma expressão de Bárbara Low, porém afirmou que essa tendência dominante de constância seria expressa pelo princípio de prazer, o que em 1924 precisou ser reformulado.

No capítulo VI do *Além...*, continua a dificuldade teórica a respeito da relação entre a compulsão à repetição e a pulsão de vida. Senão vejamos:

Entretanto, o que ainda nos incomoda é o fato de não podermos provar, justamente no caso da pulsão sexual, a existência de um caráter de compulsão à repetição [Wiederholungszwang]. Afinal, foi a compulsão à repetição que inicialmente nos incitou a seguir a pista das pulsões de morte. [...] devemos admitir que o fator essencial ao qual as pulsões sexuais visam é a fusão de dois corpos celulares. É somente através da fusão que se garante a imortalidade da substância viva nos seres vivos superiores (FREUD, 1920, p. 176).

Se a compulsão à repetição foi que conduziu às pulsões de morte, é lícito afirmarmos que o regime de repetição é condizente com a pulsão de morte, presente nos processos e representantes onde ela aparece. Agora, para encontrar respostas para a pergunta sobre a suposição da pulsão de vida se relacionar com a compulsão à repetição, Freud fará considerações sobre o surgimento da reprodução sexuada e sobre a origem das pulsões

sexuais em geral, porém não chega a uma única conclusão, convidando-nos a pensar a vida e a morte em conjunto com a seguinte afirmativa: “Então, se não quisermos abandonar a hipótese sobre as pulsões de morte, teremos de associá-las já desde o início às pulsões de vida” (FREUD, 1920, p. 177).

Essa afirmação só será bem compreendida quando recorrermos ao capítulo IV de *O Eu e o Id* (1923), em que encontraremos as definições de fusão e defusão pulsional que explicaremos mais adiante. Contudo, no momento, achamos que, se só podemos pensar a morte a partir da vida, poderemos pensar que o regime de compulsão à repetição estaria presente nas pulsões de vida quando estas estiverem associadas aos processos da pulsão de morte. Contudo, gostaríamos de deixar claro que o regime de compulsão à repetição por ser mais arcaico e mais primitivo que o princípio de prazer é um regime típico da pulsão de morte. Pensamos também que a relação deste regime de repetição com o princípio de prazer deve se pautar no que Freud escreveu sobre a associação das pulsões de vida com as pulsões de morte, ou seja, a compulsão à repetição não é o regime típico de Eros e quando aparece em suas manifestações, em seus representantes, é por estar associado à pulsão de morte.

A dificuldade freudiana em explicar as pulsões de vida e as pulsões de morte continua no *Além...* e acaba levando o leitor a pensar que outras ciências, talvez, um dia, expliquem-nas melhor:

Quando se trata de avaliar nossas especulações sobre as pulsões de vida e de morte, pouco nos incomoda se encontramos tantos processos estranhos e difíceis de entender, tais como a expulsão de uma pulsão por outra ou seu redirecionamento do Eu para o objeto, etc. Isto se deve apenas ao fato de ser necessário trabalharmos com os termos científicos, isto é, com a linguagem figurada própria da psicologia (melhor dizendo, da psicologia profunda). Se não fosse assim, não poderíamos nem descrever os processos em questão e, na verdade, nem sequer os teríamos percebido. Se já pudéssemos substituir os termos psicológicos pelos termos fisiológicos ou químicos, talvez desaparecessem as falhas de nossa descrição (FREUD, 1920, p. 179).

Mesmo apontando à química e a biologia como ciências que poderão no futuro apresentar respostas sobre a origem das pulsões, Freud pensou que as considerações metapsicológicas eram dignas de serem levadas em consideração e que ele deveria propô-las.

O fechamento do capítulo VII do *Além...* reafirmou a ideia da existência de fenômenos sobre os quais o princípio de prazer não teria controle, porém estes fenômenos não estariam necessariamente em oposição a ele, apenas precisavam ser melhor observados e analisados, como também a relação entre os processos de repetição e a soberania do princípio de prazer.

O caráter regressivo das pulsões foi também reafirmado como universal e a mais arcaica das funções do aparelho psíquico seria a *binden*, “capturar e atar” os estímulos pulsionais que chegam até ele, substituindo o processo primário pelo processo secundário e transformando a energia livre e móvel das cargas de investimento em energia ligada, isto é, em estado de repouso. Essas transformações estariam muito mais a serviço do princípio do prazer, pois o enlaçamento, a *Bindung*, das moções seria um ato anterior, que introduziria a soberania do princípio de prazer. Nesse trecho do texto, observamos a volta da discussão sobre o princípio de prazer e sua função no aparelho psíquico, ou seja, manter a quantidade de excitação constante ou tão baixa quanto possível. Percebemos também a dificuldade do autor em finalizar certas ideias como aquelas sobre as sensações de prazer e desprazer e suas relações com os processos primário e secundário. Em 1920, Freud deixou muitas perguntas sem respostas:

Será que devemos diferenciar por meio dessas sensações (**de prazer e desprazer**) os processos de energia capturada e enlaçada [*gebundenen*] daqueles de energia não capturada [*ungebundenen*]? Ou devemos relacionar a sensação de tensão com uma magnitude absoluta ou, eventualmente, com a intensidade das cargas de investimento, enquanto deveríamos considerar que a série prazer-desprazer indicaria a modificação da magnitude das cargas de investimento em certa unidade do tempo? (FREUD, 1920, p. 181, grifos nossos).

Na sequência teremos a frase, “O princípio de prazer parece, de fato, estar a serviço das pulsões de morte” (p. 181), e nos parece que essa afirmação é para lembrar-nos a tendência do aparelho psíquico em conduzir ao prazer, num sentido de descarregar o excesso de estimulação, num esvaziamento da tensão, ou seja, buscando a constância esse aparelho passa a servir à morte, relembrando a ideia anterior de que para pensar na pulsão de morte teremos de associá-la desde o início às pulsões de vida. Como já mencionamos anteriormente, pensamos que a dificuldade do próprio Freud em 1920 de conseguir definir por completo, inclusive com exemplos, a pulsão de morte, fez com que essa frase se tornasse enigmática e seu raciocínio ficasse incompleto no texto do *Além...*, por isso, o capítulo IV de *O Eu e o Id* que discutiremos a seguir, é importante e complementar com respeito a uma resposta mais completa a essas questões.

Nosso objetivo foi explicitar melhor a proposta freudiana sobre a pulsão de morte no *Além do princípio de Prazer* investigando se sua natureza seria mesmo decorrência de especulações de cunho biológico. Pensamos que com nossa análise chegamos a perceber a importância da biologia para a definição do conceito metapsicológico, contudo também

constatamos ao longo de todo o texto a presença constante de propostas que recorrem a explicações, do que Freud chamou de ponto de vista fisiológico, econômico e mesmo psicodinâmico. Estes últimos estão nitidamente registrados na exposição do conceito de compulsão à repetição e na formulação do princípio do prazer. Também percebemos o esforço de Freud em retomar vários de seus pontos anteriores sobre a natureza das pulsões, explicitados em *Pulsões e Destinos da Pulsão* (1915), a fim de colocá-los em uma nova teoria dualista das pulsões e por isso achamos que o biológico, o fisiológico e o econômico do texto de 1920 não são conceitos novos, pois já estavam desde sempre presentes, como em 1915 e, principalmente, são reapresentados quando reaparece no cenário psicanalítico o conceito de trauma psíquico como havia sido proposto no *Projeto* (1895) e nos *Estudos sobre Histeria* (1895). Foi com a teoria do trauma psíquico, repensada a partir dos sonhos repetitivos das neuroses traumáticas que compreendemos a existência de outro princípio (nomeado de princípio do Nirvana), que não o de prazer, regulando o aparelho psíquico, cuja manifestação se dá através da compulsão à repetição. Pela descoberta dessa força arcaica dentro do psiquismo, ou seja, a tendência a repetir, Freud percebeu a natureza conservadora das pulsões e a existência de uma pulsão de morte. Provavelmente, uma das maiores dificuldades com o conceito de pulsão de morte é que ele é algo obscuro para a própria Biologia, dificultando a tarefa da Psicanálise que procura também elucidá-lo por meio da clínica psicanalítica e da metapsicologia. Freud conseguiu, pelo menos, deixar-nos “pistas”, como a relação da pulsão de morte com o princípio do Nirvana e a compulsão à repetição como seu regime, aparecendo com força nos tratamentos clínicos (como a repetição na transferência e a neurose de destino), e, também, aparecendo como o que não consegue se ligar, o que não pode ser laçado, controlado e que irrompe como demoníaco; uma pulsão “muda”, sem representação e para aquém de todo o princípio de prazer.

2.6 Pulsão de Morte e Eros: percorrendo *O Problema Econômico do Masoquismo* e o capítulo IV de *O Eu e o Id*

A dificuldade em compreender o conceito de pulsão de morte levou-nos a procurar exemplos de sua manifestação, principalmente porque no *Além..* ela se justifica primordialmente pelo ponto de vista biológico. A aparente facilidade em encontrar exemplos

das pulsões de vida nas manifestações da sexualidade choca-se com o enigma da pulsão de morte, entendida como pulsão que tenderia para o nada.

No *Problema Econômico do Masoquismo*, Freud começará voltando para a explicação sobre o princípio do prazer e o princípio do Nirvana. Lembremo-nos que este último apareceu pela primeira vez no texto do *Além...*, mas como sinônimo do princípio de prazer. Sabemos que o princípio do Nirvana é o da constância, e apesar de que, em 1920, ele era equivalente ao princípio de prazer, no artigo de 1924 eles aparecem distintos um do outro. Se do ponto de vista fisiológico, o aumento da estimulação e a descarga da mesma, ponto de vista quantitativo da energia, foi utilizado para explicar o princípio de prazer/princípio do Nirvana, neste artigo ele cai por terra. Não há mais como relacionar o prazer com a descarga do excesso de estimulação. Freud dirá que o prazer parece mais depender de uma natureza qualitativa de difícil descrição e que o mais próximo de sua caracterização seria o ritmo ao qual está circunscrito.

Tudo indica que os aumentos e as diminuições das magnitudes de estimulação são diretamente percebidos como uma sequência de sensações de tensão e obviamente há tensões que são sentidas como prazerosas, bem como distensões percebidas como prazerosas. O exemplo mais evidente, mas não o único, de um aumento de estímulos [Reiz] percebido como prazeroso, é o estado da excitação sexual. Assim, muito embora prazer e desprazer estejam ligados a esse fator, não mais podemos associá-los de modo direto ao aumento ou à diminuição dessa quantidade de estimulação (magnitude que denominávamos tensão-derivada-de-estímulos [Reizspannung]). Na verdade, parece que eles não dependem desse fator quantitativo, mas de uma determinada característica dele que, no momento, apenas conseguimos designar genericamente como de natureza qualitativa. Talvez seja o **ritmo**, o decurso temporal nas transformações, as elevações e as quedas da quantidade de estímulo, não o sabemos (FREUD, 1924, p. 106, grifos nossos).

A origem metapsicológica da compulsão à repetição, especulada no *Além...*, ganha agora uma ampliação definitiva, ela adviria desse outro princípio, o do Nirvana, que é o princípio que está aquém (anterior) ao princípio de prazer. A compulsão à repetição é o regime pulsional específico do princípio do Nirvana. A partir de agora, o princípio do Nirvana ficará associado à pulsão de morte e o princípio de prazer ligado às pulsões de vida, e, se inicialmente, a matéria seria inorgânica (ponto de vista biológico), forças atuariam para a vida começar. No início, o princípio do Nirvana reinaria absoluto e assim, com ele, as pulsões de morte. Eros teria, por meio da força da libido, atuado no inorgânico e iniciado a vida, impondo a sua co-participação na regulação dos processos de vida. Nesse momento do texto, teremos a definição e relação de três princípios que operam no psiquismo: o princípio de Nirvana, o princípio de prazer e o princípio de realidade. O primeiro expressando a pulsão de

morte, o segundo a transformação do princípio de Nirvana pela libido e o terceiro a influência do mundo exterior, sendo que esses princípios convivem entre si, apesar dos conflitos e nenhum destitui o poder do outro. Vejamos o próprio texto:

Aliás, em geral, eles sabem conviver bem uns com os outros, embora, é claro, conflitos ocasionais sejam inevitáveis, pois um lado privilegia a redução quantitativa da carga de estímulos, o outro, as características qualitativas dessa redução de carga, e o terceiro, um adiamento do escoamento dos estímulos acumulados [Reizabfuhr], exigindo uma aceitação temporária da tensão gerada pelo desprazer (FREUD, 1924, p. 107).

Nesse trecho, entendemos que o princípio do Nirvana e, logo, a pulsão de morte, estão associados à redução da quantidade da carga de estímulos e assim, o ponto de vista fisiológico e quantitativo da energia no aparelho psíquico ficam em destaque na regulação deste princípio, bem como o ponto de vista biológico que marca a tendência da matéria voltar a ser matéria inorgânica. O princípio de prazer e as pulsões de vida se relacionam com as características mais qualitativas da redução dos estímulos, com seu ritmo, se afastando de uma primazia do ponto de vista biológico (Zweck – finalidade) e se aproximando da relação entre os sistemas psíquicos e da economia da energia nesses aparelhos (ponto de vista econômico), enfatizando uma psicodinâmica e por isso a impossibilidade em normatizar ou generalizar a experiência do prazer; essa função qualitativa compreende que a psicodinâmica do psiquismo siga leis metapsicológicas, contudo cada sujeito terá um ritmo próprio de suas pulsões de vida. Pensamos que o princípio de realidade se relaciona com o ponto de vista econômico e também com a psicodinâmica do aparelho psíquico, em sua relação com a energia no Id, Eu e Supra-Eu, principalmente na estruturação e controle do Eu sobre os impulsos, com a economia-circulação da energia em destaque porque visa um adiamento no escoamento da energia acumulada, aceitando a tensão e o desprazer temporariamente.

Essa nova reorganização dos princípios que regem o aparelho psíquico serve para auxiliar o entendimento sobre a nova teoria pulsional e como as pulsões se relacionam com eles. Entretanto, o foco é o masoquismo e suas formas de manifestação, o erógeno, o feminino e o moral. Particularmente, Freud define que é o chamado masoquismo erógeno (o prazer derivado da dor) que fundamentaria as duas outras formas e o faz com uma justificativa biológica e constitucional, como uma contingência da excitação sexual. Basicamente para aprofundar o tema da pulsão de morte é especificamente este tipo de masoquismo que iremos descrever com mais intensidade.

O masoquismo primário e erógeno é justificado por Freud recorrendo aos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. No segundo ensaio, sobre a sexualidade infantil, ele formula a ideia de que a excitação sexual resulta de variados processos interiores e para tanto é apenas necessário que ocorra um excesso, um transbordamento da quantidade e esse excesso contribuiria para as pulsões sexuais se manifestarem, mas, o mais importante, é a constatação de que as excitações derivadas da dor e do desprazer também contribuiriam para a excitação das pulsões sexuais.

Também supomos que, no caso da tensão gerada pela dor e pelo desprazer, essa solidariedade excitatória libidinosa seria um mecanismo fisiológico infantil que mais tarde se selaria. Assim, dependendo das diferentes constituições sexuais de cada um, antes de selar-se, esse mecanismo atingiria um determinado grau de desenvolvimento e magnitude. Portanto, seria sobre essa base fisiológica que se formaria psiquicamente o masoquismo erógeno (FREUD, 1924, p. 109).

Após recorrer ao texto de 1905, Freud partirá para a nova teoria das pulsões e retomará, em parte, propostas que já havia feito no capítulo IV de *O Eu e o Id* (1923). A pulsão de morte – também chamada de pulsão de destruição – reinaria absoluta e teria como meta desfazer os seres multicelulares, retornando-os ao estado de estabilidade inorgânica. Pensamos que se a finalidade (*Zweck*) das pulsões sexuais – como foi pensada nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* e em *Pulsões e Destinos da Pulsão* - era a descarga das substâncias genésicas, a reprodução como uma finalidade ancorada no ponto de vista biológico, a pulsão de morte teria a finalidade (*Zweck*) biológica de conduzir os seres vivos para o inorgânico. Com relação à meta (*Ziel*), as pulsões sexuais no texto de 1915 tinham sempre o objetivo da satisfação – seguindo o princípio do prazer – e para isso o estado de estimulação da fonte precisava ser suspenso, ou seja, a descarga da excitação seria responsável pela obtenção da satisfação (ponto de vista fisiológico). Contudo, existe a explicação que mesmo se a meta é sempre esta (descarga), serão vários os caminhos que conduziriam a meta, inclusive com metas intermediárias e mais próximas que se combinariam ou permutariam antes da meta final. O que seriam esses caminhos, senão o ritmo, ou função qualitativa que Freud está propondo em 1924 para explicar o prazer, inclusive o prazer derivado da dor? Pensamos que a meta (*Ziel*) comporta o ponto de vista biológico como origem endógena e de pressão constante da pulsão, e também comporta o fisiológico e o econômico da teoria pulsional e, logo, justifica a função qualitativa da pulsão sexual (possui vários caminhos, possui plasticidade). A pulsão de morte, por causa da fusão pulsional com as pulsões de vida e da solidariedade excitatória libidinosa, também teria como expressão de sua

meta (*Ziel*) vários caminhos na sua função de ritmo pulsional, mas, com relação ao ponto de vista quantitativo, a pulsão de morte tem como objetivo a descarga excitatória total.

Nesse cenário dominado pelo princípio do Nirvana, a libido mobilizaria os processos de vida, lutando contra a pulsão de morte. Para cumprir seus objetivos, a libido encontraria na musculatura um forte aliado, que desviaria grandes quantidades da pulsão de morte para fora, direcionando-as sobre os objetos do mundo exterior. A pulsão de morte exteriorizada passaria a atuar como pulsão de destruição, pulsão de apoderamento ou como vontade de exercer poder; esses seriam os primeiros exemplos de manifestação da pulsão de morte: a destruição, desejar exercer poder e querer se apoderar. Desse modo, Freud não nomeará os objetos dessa destruição, os objetos desse desejo de poder e do apoderamento. Com esse raciocínio, podemos novamente aplicar a definição que Freud apresentou em *Pulsões e Destinos da Pulsão* sobre o objeto pulsional e concluir que não só para as pulsões sexuais (objeto de estudo e definição em 1915), mas também para a pulsão de morte, o objeto deve ser o elemento mais variável da pulsão e, logo, não está originariamente vinculado a ela, mas é através dele que a pulsão atinge a sua meta - a descarga. No caso da pulsão de morte a finalidade (*Zweck*) é expressar a morte, pois apenas ela poderia reconduzir a pulsão para um aquietamento das excitações (tendência do princípio do Nirvana).

A meta pulsional – *Ziel* - possui vários caminhos também para a pulsão de morte quando esta é colocada para fora do psiquismo pela libido e podemos pensar que serão variadas as maneiras de expressão e de intensidade dessa pulsão de destruição sobre os seus objetos, dotando-a de um ritmo, de uma função qualitativa em cada ser humano, mas, basicamente, poderíamos nos atrever a sugerir que ela se expressaria como uma vontade de destruição, de poder ou de se apoderar de algo e que, conjuntamente com a eleição do objeto, extremamente variável (pessoa, coisa, lugar, qualidade), propiciariam uma grande variabilidade expressiva da pulsão de morte.

Acontece que também existe outra parcela dessa pulsão que é dirigida para fora, mas que fica a serviço da pulsão sexual. O nome dessa parcela é o “sadismo propriamente dito”, que tem um importante papel na vida sexual, o de propiciar as condições de força necessárias para o ato do coito. Este é um exemplo do desvio da pulsão de morte que se combina com a pulsão sexual através da solidariedade excitatória libidinosa e fica a serviço do princípio de prazer.

Mas e o masoquismo erógeno? Ele seria a parcela da pulsão de morte que não teria feito nenhuma dessas transposições, nem para fora, através da musculatura, nem para

fora para servir a pulsão sexual e permaneceria dentro do organismo e com a ajuda do excesso da excitação sexual – como foi proposta nos Três Ensaios – da confluência entre a dor e o prazer, teria se fixado libidinalmente. Assim, o masoquismo teria se tornado um componente da libido e também teria como objeto o próprio corpo do ser humano. O masoquismo também seria, então, um exemplo da manifestação da pulsão de morte e um dos objetos desta pulsão é o próprio corpo do homem.

Assim, esse masoquismo seria um testemunho e um resquício da antiga fase de formação tão essencial para a vida, em que houve um amálgama [Legierung] entre a pulsão de morte e Eros. Portanto, não devemos nos espantar em ouvir que, sob certas circunstâncias, o sadismo – ou pulsão de destruição – projetado e voltado para fora, poderá novamente ser reintrojado, redirecionado para dentro, regredindo assim à sua antiga condição e resultando, então, em um masoquismo secundário que se somaria ao masoquismo original (FREUD, 1924, p. 110).

Percebemos que para o próprio corpo ser tomado como objeto da pulsão de morte, o ponto de vista quantitativo participa ativamente desse processo, porque é a pulsão de destruição ou sadismo reintrojado no psiquismo que propiciaria um excesso de estímulo destrutivo (quantidade), reativando o masoquismo originário e ganhando então o nome de masoquismo secundário. O masoquismo originário, de acordo com as palavras de Freud, seria o resultado do amálgama entre a pulsão de morte e Eros por causa da solidariedade excitatória libidínica, em que ao aumento da tensão de dor e desprazer soma-se como quantidade a tensão prazerosa da libido, juntando os dois tipos de tensão. É por defusão pulsional que o sadismo é reintrojado e ativa o masoquismo erógeno, ganhando o nome de masoquismo secundário e são nesses casos que o próprio corpo pode ser tomado como objeto da pulsão de morte.

Antes de falarmos de outros tipos de masoquismo precisamos pensar em outros termos que se relacionam com o conceito de pulsão como foram colocados em 1915 e submetê-los a nova teoria pulsional, para saber como ficariam no caso da pulsão de morte. Estamos nos referindo à pressão [*Drang*] e a fonte [*Quelle*] da pulsão. A pressão de uma pulsão é o seu fator motor, a exigência de trabalho que ela representa e essa propriedade de exercer pressão é universal em todas as pulsões. Assim, deduzimos que esse raciocínio metapsicológico referente às pulsões sexuais também é pertinente à pulsão de morte, porque ela também pressionaria o aparelho psíquico para descarregar seu excesso de quantidade, atendendo ao princípio do Nirvana, do ponto de vista biológico e fisiológico do aparelho.

Por fonte de pulsão, Freud definiu não só o processo somático que ocorre num órgão ou em uma parte do corpo, mas, também, o estímulo representado na vida psíquica pela pulsão. Ele escreveu em 1915 que não saberia dizer se esse processo todo é sempre de natureza química ou se é devido à liberação de outras forças, como as mecânicas e finalizou dizendo que a fonte pulsional não seria um estudo de competência da psicologia, dado que a pulsão só se faz conhecer por suas metas na vida psíquica.

A natureza das pulsões de vida e da pulsão de morte e suas inter-relações estão descritas em *O Eu e o Id* (1923), em que Freud pela primeira vez retoma a proposta que fez no *Além do Princípio de Prazer* (1920) para ampliar sua discussão e colocá-la dentro de sua nova tópica, com as relações com o Id, o Eu e o Supra-Eu. No capítulo IV do texto de 1923, novamente veremos Eros sendo exemplificado como pulsão sexual, não apenas como as pulsões sexuais propriamente ditas, mas também como pulsões sexuais sublimadas e também como pulsões de autoconservação. Depois, nesse artigo de 1923, teremos uma afirmação da existência da pulsão de morte, cujo único exemplo citado foi o sadismo, o que acarretou a necessidade posterior de elaborar, no texto do *Masoquismo* de 1924, uma descrição mais abrangente de todos os representantes da pulsão de morte. Especificamente nos interessa ressaltar no capítulo IV do texto freudiano de 1923, a colocação de que a cada uma das pulsões, as de vida e a de morte, corresponderia um processo fisiológico específico de construção e de demolição, de tal maneira que em toda a substância viva existiriam ambas as pulsões, combinadas em diferentes proporções, mesmo sem que a metapsicologia consiga dizer de que maneira os dois tipos de pulsão se interligariam, misturariam e se amalgamariam; esse processo foi chamado de **fusão pulsional**. Partindo da aceitação da existência dessa fusão pulsional, aparece, conseqüentemente, com ela a possibilidade das pulsões também se tornarem opostas, por meio da chamada **defusão de pulsões**. Vejamos os dois exemplos clássicos, um da fusão e o outro da defusão:

Podemos responder dizendo que o exemplo clássico de uma fusão perfeitamente adequada à meta é a existência de componentes sádicos incorporados à pulsão sexual. O modelo típico de uma defusão, ainda que parcial, é oferecido pelo sadismo autonomizado e transformado em perversão (FREUD, 1923, p. 50).

Temos então que o sadismo, como exemplo de pulsão de morte, se não for transposto para fora, através da musculatura, como pulsão de destruição, ou se ele não estiver fusionado à Eros e incorporado a pulsão sexual, ele ganhará, por defusão pulsional, autonomia e se transformará em perversão.

Outros exemplos de defusão pulsional apontados como manifestação da pulsão de morte, são os produtos produzidos pelas neuroses graves como no caso da neurose obsessiva. Concluindo, a pulsão de morte se manifestaria por defusão pulsional em todos os quadros de doenças psíquicas graves e, como frisa Freud, mais especificamente nas neuroses e pensamos que, quando ele afirma que a manifestação da pulsão de morte acontece nos produtos das neuroses, ele está se referindo aos sintomas graves destas doenças. Também em *O Eu e o Id* (1923), existe a colocação de que a regressão da libido de uma fase do desenvolvimento psico-sexual para a outra, como da fase genital para a fase oral-sádica acontece em virtude da defusão das pulsões, da mesma maneira que a progressão da libido para a fase genital definitiva necessitaria de quantidades fusionais maiores do componente erótico.

A antiga discussão já proposta em *Além...*(1920) de aprofundar a compreensão sobre as pulsões de vida e a pulsão de morte através da substituição desta oposição por outra, a do amor e do ódio é novamente apresentada. Esse trabalho é empreendido, porque no bojo dele Freud teceu o raciocínio de que a transformação do amor em ódio e vice e versa seria uma mera alternância entre dois pólos opostos, uma vez que na base da pulsão de vida e da pulsão de morte existiriam processos fisiológicos distintos. Tudo isso para justificar que não é um que se transforma no outro dentro do psiquismo, mas para dizer que existe mesmo um dualismo pulsional. Freud propôs exemplos recorrendo à descrição dos mecanismos da paranoia persecutória e da homossexualidade e especificamente explicando a primeira delas, ele apontou a possibilidade da existência de um mecanismo diferente de transformação: nos casos de paranoia existiria uma ambivalência com o objeto e ocorreria uma realocação do investimento reativo, a energia seria retirada de Eros e acrescentada à pulsão de morte. Para aceitar esse mecanismo chamado de mecanismo da realocação, Freud precisou criar a hipótese de que existiria na vida psíquica uma energia deslocável e não diferenciada. Vejamos a explicação através das próprias palavras do autor:

Contudo, ao adotarmos o mecanismo de realocação para descrever a transformação de amor em ódio, estamos implicitamente aceitando uma nova hipótese, que agora precisa ser claramente explicitada. Na verdade, estamos procedendo como se houvesse, na vida psíquica, indistintamente no Eu ou no Id, uma energia deslocável e não diferenciada. Essa energia poderia, então, somar-se tanto à moção pulsional erótica quanto à destrutiva – ambas qualitativamente diversas -, aumentando, assim, a carga total de energia investida em uma delas. Fica agora claro que a hipótese da existência de uma tal energia deslocável é fundamental em nosso modelo. Precisamos, todavia, ainda, elucidar de onde essa energia vem, a quem ela pertence e o que ela significa (FREUD, 1923, p. 53).

Essa energia deslocável e não diferenciada viria do estoque de libido narcísica e ela seria, assim, Eros dessexualizado e poderia atuar tanto no Eu como no Id. E por que seria de Eros essa energia e não da pulsão de morte? Freud afirma que as pulsões eróticas são mais plásticas, desviáveis e deslocáveis e assim justifica a origem dessa energia em Eros. Essa libido deslocável trabalha sempre a serviço do princípio do prazer com o objetivo de evitar represamentos, buscando vias de escoamento, não importando qual a via de escoamento, mas apenas garantindo que ele ocorra e em sintonia com Eros, ou seja, unindo e atando. Essa energia utilizada nesse tipo de deslocamento foi chamada de **energia sublimada**.

Denominamos essa energia utilizada no deslocamento – quando ela consiste de libido dessexualizada – de energia sublimada. Ela estaria em sintonia com o principal objetivo de Eros: unir e atar. Estaria, portanto, a serviço de estabelecer a unidade que é característica do Eu, ou melhor, pela qual o Eu caracteristicamente anseia. Assim, podemos também incluir nesses processos de deslocamento os processos do pensar, no sentido mais amplo do termo. Daí resulta que, na verdade, é a sublimação da força pulsional erótica que também alimenta o trabalho do pensar (FREUD, 1923, p. 54).

Essa energia sublimada e que trabalha a serviço do princípio do prazer encontra vias de escoamento tanto através do Eu como do Id, aliás, Freud comenta esse escoamento como um alocamento; um deslocamento de carga é um traço característico dos processos de investimento que ocorrem no Id, e ele dá, como exemplo, a transferência de cargas nos deslocamentos do processo primário que acontecem durante o trabalho onírico. Também se pode observar esse fenômeno nas transferências que ocorrem durante uma análise, como o exemplo da sublimação utilizada através do Id. O Eu está envolvido nesse processo porque os objetivos de Eros de unir e de atar coincidem com o anseio de unidade que é objetivo do Eu e essa libido dessexualizada, sublimada, é deslocada e realocada para os processos do pensar. Inclusive no texto de 1923, vemos que a sublimação ocorre regularmente pelo intermédio do Eu porque ele mesmo é objeto de amor de Eros, por meio da conversão da libido erótica em libido do Eu, assim, ele (o Eu) se apodera da libido dos investimentos objetais e se impõe como único objeto de amor, dessexualizando ou sublimando a libido do Id. Quando atua dessa maneira, ele trabalha contra os propósitos de Eros – investir a libido nos objetos e realizar a meta especificamente sexual.

Constatamos que essa energia utilizada no deslocamento, energia sublimada, libido dessexualizada, se relaciona com Eros e o princípio do prazer, seja através de processos que ocorrem no Id ou de processos realizados pelo Eu, de tal forma que poderíamos ter como

um sub-produto de Eros, a sublimação. A sublimação se manifestaria no Id como deslocamento de cargas no inconsciente através do processo primário, muito comum nos sonhos, mas também apareceria frequentemente na transferência das análises e se manifestaria no Eu como força pulsional erótica que alimenta o trabalho do pensar.

Pensamos que a importância do capítulo IV de *O Eu e o Id* foi no sentido de auxiliar no entendimento da fusão e defusão pulsional entre Eros e a pulsão de morte para propiciar uma maior clareza nos representantes destes dois grupos de pulsões, principalmente nos da pulsão de morte, porque entendemos que ela estava até então um pouco obscura devido a sua definição estar extremamente presa ao ponto de vista biológico que lhe deu forma no *Além...* (1920). Com o texto de 1923, podemos perceber um avanço na construção teórica da nova teoria pulsional, porque com a criação de estruturas psíquicas (Id, Eu, supra-Eu) e de como estas se relacionariam tópicamente, dinamicamente e economicamente, pulsões de vida e pulsão de morte também puderam começar a serem pensadas nesses parâmetros, inclusive foi possível dar sustentação ao conceito de pulsão de morte. A defusão e fusão pulsional justificaram com mais clareza o antigo conceito de regressão e progressão da libido e também, sobretudo, impulsionaram o artigo *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924), dada a dificuldade de, até 1923, localizar os representantes da pulsão de morte e de compreender como o princípio do prazer, até então associado ao princípio de estabilidade de Fechner, também teria um deslizar para a morte. Vimos no início do nosso raciocínio que, com certeza, isso mobilizou a necessidade de começar o texto de 1924 diferenciando o princípio do prazer do princípio do Nirvana.

Retomemos agora a discussão sobre as outras duas formas de masoquismo. Vimos que o masoquismo erógeno fundamenta outras duas formas, a feminina e a moral porque, como o descrevemos no início, ele pode ser justificado biológica e constitucionalmente.

O masoquismo feminino recebe este nome em virtude do grande número de homens que Freud observou na clínica que se colocavam (nas fantasias inconscientes) na situação típica da condição feminina, ou seja, a de ser castrado, a de ser objeto de coito ou de dar à luz. O masoquismo feminino ou é expresso em fantasias que precedem o ato masturbatório ou essas mesmas fantasias se constituem como a satisfação sexual almejada. Essas fantasias podem ficar restritas, existindo apenas dentro do próprio sujeito ou podem ser encenadas em atos e rituais. Os conteúdos manifestos das fantasias masoquistas podem ser: ser amarrado, amordaçado, apanhar, ser açoitado, humilhado, maltratado, ser sujado e

obrigado a ser obediente. Também no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas aparece um sentimento de culpa, como se o sujeito tivesse cometido uma falta grave ou um ato delituoso e isto precisasse ser expurgado através de procedimentos dolorosos. Freud acredita que por detrás desse sentimento de culpa se esconde a masturbação infantil e é deste momento de culpa do masoquismo feminino que derivaria a terceira forma, o masoquismo moral.

Nesta última forma de masoquismo proposta por Freud, o moral, existe um afrouxamento da relação masoquista com a sexualidade porque o sofrimento não precisa ser causado pela pessoa amada, pode se originar de uma figura qualquer, inclusive podendo ser provocado por forças ou contingências impessoais, atuando como pulsão de destruição voltada para dentro, agindo contra a própria pessoa. Existem exemplos de masoquismo moral, quando pacientes resistem ao tratamento analítico por causa de um sentimento de culpa inconsciente.

Via de regra os diferentes ganhos obtidos com a permanência neste estado de doença derivam de um somatório de forças que se rebelam contra a cura, mas eu diria que dentre esses ganhos é o apaziguamento [Befriedigung] do sentimento de culpa inconsciente o mais significativo e poderoso. É justamente pelo sofrimento propiciado que a neurose se torna mais valiosa para a tendência masoquista. Também é instrutivo notar que, em oposição ao que propõe, a teoria, e ao contrário de toda a expectativa, uma neurose que vinha resistindo aos nossos esforços terapêuticos pode surpreendentemente desaparecer assim que o paciente entra em um casamento infeliz, perde seu patrimônio ou contrai uma perigosa doença orgânica. Vemos, então, que uma forma de sofrimento foi rendida pela outra, era apenas uma questão de manter ativa uma certa magnitude de sofrimento (FREUD, 1924, p. 111).

Os pacientes resistem quando são analisados nessa culpa inconsciente, que Freud preferiu nomear depois de “necessidade de punição” e não conseguem acreditar em algo que não percebem. Para ele, essa culpa inconsciente é o motor do masoquismo moral. Nesse caso, já possuímos uma pista quando Freud escreveu que da culpa pela masturbação infantil, no masoquismo feminino, derivaria o masoquismo moral. O masoquismo moral adviria das relações conflituosas entre o Eu e o Supra-Eu, pois a consciência de culpa é resultante da tensão entre estas duas instâncias e quem exerce a função de consciência moral é o Supra-Eu. O Supra-Eu nasce quando os primeiros objetos libidinais do Id, os pais, foram introjetados no Eu, pois as metas sexuais dirigidas aos pais se dessexualizam, tornando possível a resolução do complexo de Édipo. O Eu se sente temeroso para com o Supra-Eu porque este último encarna as imagens introjetadas desses pais e com elas o poder deles sobre os filhos, a severidade, o controle e a tendência a punir. Depois dos pais, com o amadurecimento na infância, existe uma libertação da influência parental que é substituída por

outras figuras de autoridade, como os professores, heróis, pessoas importantes publicamente, sem o imperativo de serem introjetadas pelo Eu. Esse poder também se encontra exemplificado na terrível determinação do Destino e na tendência a acreditar que existiria um Deus ou um poder na natureza que tudo poderia controlar como substituição dos pais em crenças de autoridade sobrenatural.

Teremos uma diferença entre o que Freud chamou de prolongamento inconsciente da moral e o masoquismo moral. Recorramos ao próprio trecho:

Todavia, se observarmos mais de perto, perceberemos a diferença que separa o prolongamento inconsciente da moral ao qual aludimos no parágrafo acima, do masoquismo moral. No primeiro, a ênfase recai sobre o sadismo exacerbado do Supra-Eu ao qual o Eu se submete; no segundo, a ênfase recai sobre o próprio masoquismo do Eu, que anseia por um castigo provindo do Supra-Eu, ou dos poderes parentais. Entretanto, a confusão inicial que fizemos entre ambos os fenômenos é desculpável, pois, nos dois casos, trata-se de uma relação entre o Eu e o Supra-Eu, ou entre poderes que lhes são equivalentes. Além disso, em ambos, há uma necessidade que só pode ser satisfeita pelo castigo e pelo sofrimento. Sendo assim, não é uma circunstância fortuita o fato de o sadismo do Supra-Eu, na maioria das vezes, tornar-se consciente de forma tão crassa, enquanto os esforços e anseios masoquistas do Eu, via de regra, permanecem ocultos para a própria pessoa, só podendo ser deduzidos pelo analista a partir do comportamento observado (FREUD, 1924, p. 113-114).

O prolongamento inconsciente da moral se deveria ao poder exacerbado do sadismo do Supra-Eu sobre o Eu e estaria representado numa consciência moral extremamente severa como se uma instância superior estivesse julgando a pessoa e considerando-a culpada. O masoquismo moral é um masoquismo do Eu que anseia por uma punição advinda do Supra-Eu, ou dos poderes parentais. Não podemos esquecer que não se afrouxa essa forma de masoquismo com o erotismo, pois como explicamos antes, o masoquismo erógeno é a base também do masoquismo moral, e o primeiro é o resultado da pulsão de morte que não foi externalizada na musculatura ou no ato sexual e que habitando o sujeito está enlaçada a Eros.

Compreendendo pelos exemplos acima descritos a grande presença de Eros em quase todos os exemplos de pulsão de morte por causa da fusão pulsional e do erotismo presente nos processos de dor e desprazer, fica difícil delimitar exemplos puros da pulsão de morte, ou como disse Freud em *O Problema Econômico do Masoquismo*, esses exemplos puros não existiriam:

É verdade que nos falta toda e qualquer compreensão fisiológica em relação aos caminhos e aos meios que permitem à libido amansar e domar a pulsão de morte,

mas, no âmbito psicanalítico, temos de supor que, de algum modo, os dois tipos de pulsão sempre são amplamente misturados e amalgamados em variadas proporções. Assim, não teríamos pulsões de morte ou de vida puras, mas apenas combinações de diversas magnitudes (FREUD, 1924, p. 110).

Talvez, como escreveu Freud, em 1923, no capítulo IV de *O Eu e o Id*, as pulsões de morte devam ser essencialmente mudas e “todo o ruidoso rumor da vida provém de Eros” (p. 55). Contudo, através da existência de uma fusão e defusão pulsional, podemos pensar nos exemplos aqui descritos como representantes da manifestação da pulsão de morte. Nossa ideia é corroborada por esse trecho do texto do *Masoquismo* de 1924:

Contudo, é possível também que a cada uma das diferentes fusões pulsionais correspondam, sob certas condições, determinadas defusões [Entmischung] pulsionais, a partir das quais algumas parcelas de pulsões de morte escapem desse atrelamento às porções libidinais, não se deixando mais domar, mas, no momento, não temos como saber qual a eventual extensão dessas parcelas (FREUD, 1924, p. 110).

Finalmente, podemos dizer, como escreveu Freud, que uma pulsão só pode ser reconhecida pelas suas metas, pelos seus caminhos de manifestação e, assim, pensamos que o sadismo na perversão, as três formas de masoquismos descritos anteriormente, o sadismo exteriorizado como pulsão de destruição (destruir, desejar exercer poder e querer se apoderar) e os sintomas produzidos nas neuroses graves são representantes da manifestação da pulsão de morte por defusão pulsional. Pensamos que nossa proposta de aumentar a compreensão sobre o conceito de pulsão de morte caminhou mais um pouco e, se não conseguimos elucidá-lo por completo, com certeza demos mais um passo a frente.

3 O CONCEITO BIOLÓGICO DE INSTINTO

O conceito de instinto na Biologia está no bojo da grande controvérsia sobre o inato e o adquirido. Existiriam elementos inteiramente inatos no comportamento? É impossível excluir a aprendizagem como um elemento presente em todo e qualquer comportamento?

Várias escolas de biologia mantêm posições controversas e algumas vezes complementares sobre a questão do que é inato e do que é aprendido no comportamento. Watson (1913) do movimento behaviorista defendeu que o comportamento é essencialmente aprendido e foi muito criticado por Lorenz e sua escola dos “teoristas do instinto” que defende a noção de que certos elementos do comportamento são aprendidos e outros são inatos (LEHRMAN apud NOGUEIRA-NETO, 1984, p.14). Lorenz (1986) criticou a ideia de que o inato e o aprendido só possam ser definidos pela exclusão de um ou de outro, pois, de acordo com ele, “o comportamento nunca pode ser considerado como sendo um produto de um processo aleatório ou de um determinismo quando se adapta a um ponto de correspondência do meio ambiente da espécie” (LORENZ, apud NOGUEIRA-NETO, 1984, p. 16).

Os behavioristas realizaram pesquisas na esfera do aprendizado e outros pesquisadores debateram o problema procurando chegar a conclusões comuns, acreditando que as áreas do aprendizado e do inato não eram necessariamente conflitantes, mas apenas diferentes.

Segundo Nogueira-Neto (1984), a Escola de Schneirla opôs-se à divisão entre inato e adquirido por acreditar que não se pode separar ou distinguir no comportamento o que é de origem inata, de um lado, e o que é de origem adquirida, de outro, e isso estava em confronto com as ideias de Lorenz que foi, então, obrigado a reformular suas teorias. Lehrman (1953), discípulo de Schneirla, afirmou que o conceito de comportamento inato é destituído de valor heurístico porque seria muito difícil excluir, por não serem observáveis, a participação da aprendizagem nos mais antigos processos ontogenéticos no ovo ou in útero, que não são observáveis. Nogueira-Neto (1984) explica:

[...] Embora não sustente mais haver sempre uma completa dicotomia, para Lorenz não somente é possível reconhecer elementos inatos, como isso teria fundamental importância; uma sequência de atos de comportamento seria, em resumo, uma sucessão de elos inatos e elos correspondentes a uma capacidade de adquirir; esses elos todos se sucederiam imediatamente uns aos outros. A modificação proposta por Lorenz, em relação à sua posição anterior, na realidade consistiu em considerar que o adquirido se instala sobre uma base inata. Segundo os seus novos conceitos,

“contrastar o “inato” com o “aprendizado” é sem dúvida uma falácia... (sugiro ver Lorenz 1967:18,19,29,48,80-81) (NOGUEIRA-NETO, 1984, p. 15).

Lorenz (1986) escreveu:

Hebb, no seu julgamento da Etologia, diz que seria difícil exagerar a importância atribuída por etólogos à distinção entre inato e o aprendido, concluindo, é claro, que superestimamos essa importância. Eu não poderia concordar mais com a implicação do que com a afirmação. Se, como fisiologistas do comportamento, quiséssemos analisar a causalidade do comportamento adaptado, não vejo como podemos alcançar esse tema sem apurar a fonte de informação sujeita à adaptação. Há também razões práticas que fazem a distinção importante. Por exemplo, a crença de que a agressão humana é baseada não na adaptação filogenética, mas na aprendizagem implica uma tremenda não-determinação de seus perigos. Até agora essa crença somente levou à produção de milhares de crianças não-frustradas intoleravelmente agressivas, mas isto pode levar a muitas coisas piores (LORENZ, 1986, p. 27-28).

Para Nogueira-Neto, Lorenz constatava e reconhecia o trabalho dos geneticistas que afirmam que todos os caracteres são produto da herança genética e da ação do meio ambiente. Lorenz escreveu: “o que está pré formado no genoma e herdado pelo indivíduo não é qualquer “caráter” como os que podemos ver e descrever num organismo vivo, mas uma gama limitada de formas possíveis, nas quais um plano genético idêntico pode alcançar a sua expressão na fenogénia” (LORENZ, 1967, p. 1; 107 apud NOGUEIRA-NETO, 1984, p. 15). Nessa afirmação está o fato de que o meio pode influir na expressão do genoma, embora sejam limitadas “as formas possíveis” dessa expressão.

Nogueira-Neto auxilia a compreensão entre a controvérsia entre as escolas de Schneirla e de Lorenz:

Se examinarmos o que a escola de Schneirla e a de Lorenz tinham em comum, veremos que ambas aceitavam no comportamento a existência do inato. Este, para Lorenz, poderia em certos casos ser identificado como um dos elementos ou elos de uma sequência do comportamento; para Schneirla, tal reconhecimento ou isolamento teórico não seria possível, de tal modo estão integrados no desenvolvimento os fatores intrínsecos e extrínsecos. Quanto à existência do adquirido, ambas escolas a aceitavam, embora a vinculassem ao inato de modo diverso. Mesmo nos tempos em que Lorenz defendia a existência de ampla dicotomia inato-adquirido e Schneirla a negava totalmente, ambos tinham posições antagônicas que coincidiam na não aceitação de situações intermediárias que pudessem ser chamadas de predominantemente inatas ou predominantemente adquiridas (NOGUEIRA-NETO, 1984, p. 16).

Para Lorenz (1986) o que foi chamado no início, dos estudos dos biólogos, de inato deveria chamar-se “informação adquirida filogeneticamente” e o que foi chamado de aprendizagem, no seu sentido mais amplo, é para ele uma “modificação adaptativa do

comportamento”. Lorenz usou os termos “adaptação filogenética” como equivalente de “inato” e “modificação adaptativa” como equivalente de aprendido.

O cientista Edward O. Wilson publicou o livro *Sociobiology – The New Synthesis* (Sociobiologia – A Nova Síntese), sem tradução para o português, em 1975, no qual definiu a Sociobiologia como “o estudo sistemático de base biológica de todo comportamento social” (WILSON, 1975, p. 4 apud NOGUEIRA-NETO, 1984, p. 16). Nesse seu livro, o autor demonstrou a primazia do inato sobre o adquirido e atribuiu ao adquirido um papel secundário no comportamento animal e mesmo em relação à espécie humana, no tocante ao comportamento humano, valorizando muito mais a herança genética do que as manifestações culturais, mesmo reconhecendo a importância dessas últimas.

Nogueira-Neto (1984) afirma que apesar de Wilson defender um conceito de inato fundamentalmente semelhante ao de Lorenz, o primeiro apresenta esse conceito de maneira bem mais ampla e flexível na sua “Sociobiologia”. Nogueira-Neto descreve que para Wilson um instinto ou comportamento inato pode ser reconhecido de duas maneiras:

- A – Uma diferença inata de comportamento, ao menos em parte está baseada numa diferença genética;
- B – Um instinto ou padrão inato de comportamento, está sujeito a uma modificação relativamente pequena durante a vida de um organismo, ou varia muito pouco numa população, ou atende simultaneamente a esses dois requisitos (NOGUEIRA-NETO, 1984, p. 17).

Aginaldo Garcia (2001) apontou em sua tese de doutorado que as noções de inato e de instinto parecem ser o ponto mais frágil do sistema teórico de Konrad Lorenz, principalmente para etólogos da América do Norte que rejeitam esses conceitos da maneira como ele os emprega.

Para o presente trabalho que procura discutir a pulsão na metapsicologia freudiana e iniciar um diálogo com a biologia do comportamento sobre o conceito de instinto, optou-se por centrar a discussão de instinto a partir da conceituação teórica de Konrad Lorenz já que, além de ser um dos fundadores da Etologia, ele também é um grande pesquisador da organização do comportamento animal e humano, da Teoria da Evolução e da própria epistemologia. Contudo, também faremos uma incursão no pensamento de Edward O. Wilson, analisando o seu pensamento sobre instinto, mais especificamente sobre o instinto sexual. O apontamento feito anteriormente a respeito de existirem controvérsias no conceito de instinto entre os próprios biólogos foi descrito no sentido de se mapear a dificuldade teórica que essa definição de instinto possui entre os próprios pesquisadores da área da

biologia do comportamento, ocasionando controvérsias e divisões entre seus membros. É certo que a divisão se pauta na controvérsia entre o inato e o adquirido, principalmente por causa da influência da aprendizagem sobre o instinto, como já mencionamos. Lorenz, segundo Garcia (2001), ocupa uma posição de liderança intelectual na fundação de duas novas disciplinas científicas, a Etologia e a Epistemologia Evolucionista e sua obra é ampla e articulada com várias ciências como a Psicologia, Filosofia da Ciência, Epistemologia, Estética, Ética e Axiologia. Garcia (2001) afirmou a importância de Lorenz para a psicanálise:

Do ponto de vista científico, discuti aspectos mais amplos da teoria da evolução e o papel da Psicologia, da Sociologia e das ciências físicas para seu núcleo teórico. Dialogou com Max Planck, um dos maiores físicos do século XX, e com Karl Popper, um dos principais filósofos da ciência de nosso tempo. Conheceu a obra de psicólogos ingleses e americanos (como MacDougall e Tolman), de psicanalistas austríacos e suíços (Freud e Jung), dando grande atenção para aspectos psicológicos no homem. (...) Além disso, foi influenciado por psicólogos ingleses e americanos (como MacDougall e Tolman) e seu pensamento, por vezes, aproxima-se da Psicanálise, mesmo no vocabulário, ao empregar termos como recalçamento, transferência, sublimação ao lado da reorientação do comportamento (GARCIA, 2001, p. 7-8).

Pensamos ter conseguido justificar a importância do pensamento de Lorenz para nosso trabalho no que diz respeito ao *trieb* freudiano e, no tocante a utilizar a Sociobiologia defendida por Wilson, porém existe a necessidade de complementar as ideias de Lorenz com relação ao instinto, dado que ambos possuem várias posições convergentes e algumas outras divergentes, a fim de checá-las em suas ressonâncias e dissonâncias com o conceito de pulsão freudiano; prossigamos, então, retomando o pensamento de Lorenz sobre o instinto.

3.1 O instinto na obra de Konrad Lorenz

Lorenz descreve em seu livro *Três Ensaios sobre o Comportamento Animal e Humano* (1975) um pouco da história do conceito de instinto, afirmando que a ideia de que existem comportamentos inatos, cuja finalidade é inata, vem desde a Idade Média, e foi à escolástica que denominou esses comportamentos de “instintos”, permitindo que essa palavra passasse a fazer parte da linguagem comum com um sentido que é o mesmo do conceito escolástico. Para a escolástica a compreensão do instinto: “[...] o de um fator extraordinário que não é acessível nem necessário à análise causal, mas que é exposto como aparência de explicação de um comportamento, em toda a parte onde esse comportamento evidentemente aparece num sentido pleno e orientado para um fim útil à conservação da espécie, sem que a

sua finalidade se possa explicar sobre uma base de estruturas intelectuais correntes tiradas da própria experiência” (LORENZ, 1975, p. 94)

Lorenz comenta que o instinto foi, então, uma palavra que apareceu justamente em um momento em que os conceitos para explicá-lo ainda não existiam e por isso o termo ficou marcado pelo sentido escolástico que o dotou com uma explicação sobrenatural para processos naturais. A história da origem do conceito de instinto parece ter impregnado de certa maneira a controvérsia entre duas correntes do pensamento da filosofia da Natureza, a dos mecanicistas e a dos vitalistas. Os vitalistas aceitavam a ideia de um comportamento inato, mas o fator inato não admitia nenhum tipo de explicação causal, porque a totalidade estruturada do inato era engendrada numa força sobrenatural – força vital, enteléquia, solicitação onipotente – ou seja, a alma – que a impelia para um devir orgânico, para uma finalidade determinada. Os mecanicistas estavam divididos em duas escolas de pensamento, a dos behavioristas e a escola pavloviana da reflexologia. Os behavioristas não acreditavam que pudessem existir sequências de movimentos inatos e complexos e, logo, também não haveria objetivos inatos e mais, a finalidade do inato existir como justificativa à conservação da espécie seria apenas aparentemente inata porque, na realidade, ela seria adquirida e essa aquisição seria feita durante a vida individual de cada organismo através da experiência e do erro. A reflexologia concordava que existiam sequências de movimentos inatos altamente especializados, contudo interpretava-os como encadeamentos de reflexos incondicionados. Ambas as escolas mecanicistas tomavam a ideia a priori de que o reflexo e o reflexo condicionado eram os únicos “elementos” em que se baseava o comportamento animal e humano e, conseqüentemente, seus experimentos eram feitos a partir da observação da alteração nas condições ambientais com ação sobre o organismo e a resposta do organismo a essa mudança. Assim, segundo Lorenz, o sistema nervoso central analisado não tinha como demonstrar que era capaz de realizar outra coisa além de responder aos estímulos exteriores.

Para Lorenz, foi preciso que pesquisadores familiarizados com os métodos de pensamento e de trabalho da investigação científica indutiva, em geral, e com métodos de análise numa frente ampla retomassem as pesquisas sobre o instinto para: “aprender a conhecer, na totalidade das suas expressões vitais, pelo menos uma espécie animal, ou em fazer o inventário dos modos de ação e reação de que essa espécie dispõe, em investigar as relações com o seu espaço vital natural” (LORENZ, 1975, p. 99). Assim, o método filogenético comparado foi introduzido tardiamente nas investigações sobre o comportamento animal e humano.

H. J. Jennings, segundo Lorenz (1975), foi um dos primeiros pesquisadores que, a partir de suas investigações, defendeu o fato de os comportamentos de uma espécie animal não serem variáveis infinitamente porque as espécies possuiriam um número finito de modelos de ação e reação, elaborando desse modo o conceito de “sistema de ação” para designar a totalidade de comportamentos de que dispõe uma determinada espécie animal.

Outros investigadores também contribuíram:

Se Jennings se meteu a fazer uma descrição verdadeiramente exata e sem preconceitos das particularidades do comportamento animal, C. O. Witman e O. Heinroth foram os primeiros que, de forma sistemática, compararam os sistemas de ação de formas animais com parentesco entre si, tornando-se por essa mesma razão, os pioneiros da investigação comparada sobre o comportamento no sentido filogenético (LORENZ, 1975, p. 100).

Foi o método filogenético que possibilitou a descoberta do objeto de estudo e a consequente continuidade da análise desse objeto, o instinto:

A existência de coordenações de movimentos inatos, determinados, absolutamente idênticas de indivíduo para indivíduo da mesma espécie, características das espécies, dos gêneros, das ordens e mesmo das classes e de categorias ainda mais vastas, só podia ser descoberta por investigadores capazes de relacionar os sistemas de ação de formas animais aparentadas pela filogênese, servindo-se para os descrever e classificar, de um método semelhante ao que se usa para as estruturas corporais, a sistemática comparada filogenética (LORENZ, 1975, p. 101).

A primeira grande descoberta para a etologia, descoberta que, inclusive, deu origem ao próprio campo de investigação, foi à invenção de uma autêntica *homologia* filogenética entre os movimentos inatos específicos das formas animais aparentadas. Contudo, os primeiros pesquisadores ficaram limitados:

Todavia Whitman e Heiroth não exprimiram senão uma conjectura sobre a natureza fisiológica das coordenações de movimentos específicos inatos. **Whitman** dava-lhes ainda simplesmente o nome “de instintos”. **Heiroth evitou esse termo**, cujo **passado estava comprometido**, e falou de “actos-pulsões” (*Triehandlungen*), “**específicos-inatos**”. Nem um nem outro fazia ainda, o que é bem compreensível, a distinção conceptual entre as coordenações de movimentos e os comportamentos inatos de outra categoria, cuja natureza é verdadeiramente relativa ao reflexo, como o são principalmente as reações de orientação e as taxias (LORENZ, 1975, p. 104, grifos nossos).

Procurando esclarecer o pensamento de Lorenz, diremos que o conceito de inato é indissociável do conceito de instinto. Estes conceitos são utilizados para expressar

conclusões decorrentes do pensamento evolucionista e, assim, inato ou instintivo são movimentos cuja informação é proveniente do processo filogenético.

É compreensível que essas ideias de Lorenz tenham causado e ainda causem polêmica, principalmente entre os pesquisadores das teorias da aprendizagem que vêm descartando a utilidade do conceito de inato para o estudo do comportamento animal. Garcia procura sintetizar a explicação de Lorenz sobre a diferença entre o inato e o adquirido:

[...] rejeitou a artificialidade do conceito que, segundo os críticos, somente poderia ser definido de forma negativa, como o “não-aprendido”. Lorenz nega que os conceitos de inato e aprendido se definam pela exclusão um do outro. A diferença entre inato e aprendido, segundo Lorenz, é positiva, e repousa na via de entrada da informação para a adaptação do comportamento. No comportamento inato, a informação é proveniente da filogênese, no aprendido, a informação é adquirida na ontogênese. Pode-se inferir desta informação que as informações adquiridas na filogênese estarão presentes no processo de ontogênese e possibilitarão a aquisição de novas informações (GARCIA, 2001, p. 42).

A concepção de Lorenz sobre o instinto é diferente da visão dos reflexologistas porque estes concordavam com a existência de sequências de movimentos inatos altamente especializados e relativamente prolongados, mas essa cadeia de movimentos inatos como eram coordenados por via reflexa não dariam lugar a nenhuma espontaneidade, ou seja, só seriam produzidos mediante a estimulação exterior eliciadora. Já Lorenz demonstrou que os movimentos inatos poderiam ser desencadeados por si mesmos, independentemente de uma estimulação exterior ativá-los e assim, eles não poderiam, de modo algum, serem explicados pelo princípio do reflexo. Inclusive, através das observações dos animais, ele descobriu que quanto mais longo é o período em que uma dessas cadeias de movimentos instintivos não é desencadeada, o que ele chamou de recalçamento, mais baixo é o nível do limiar da excitação que desencadeia a sequência, chegando ao ponto de não precisar haver nenhuma excitação exterior para iniciar a sequência inata. O instinto pressionaria para ser executado, mesmo sem ter existido uma estimulação exterior, Lorenz nomeou essa sequência de “reação no vazio”: “[...] não se revelando nenhuma excitação exterior, a sequência, “chamada reação no vazio”, explode brutalmente, sem de modo algum cumprir nesse caso, como é evidente, o seu “papel” conservador da espécie” (LORENZ, 1975, p. 104). Com essa explicação, confirma-se o pensamento de Lorenz sobre os instintos, onde os porquês não são os para quê do comportamento e que não se pode explicar o desencadeamento dos movimentos instintivos

apenas com a finalidade de conservação da espécie. Eles se manifestariam mesmo sem ter a presença da situação externa desencadeadora.

Garcia explica que: “Os padrões de comportamento instintivos formam o fundamento sobre os quais os mecanismos de aprendizagem foram construídos” (GARCIA, 2001, p. 43). E como o próprio Lorenz define:

O aspecto importante é que as estruturas filogeneticamente adaptadas e suas funções são o que afetam toda a modificação adaptativa. A respeito do comportamento, o inato não é somente o que não é aprendido, mas o que existe antes de toda aprendizagem individual e que a torna possível. Assim, parafraseando conscientemente a definição de Kant do a priori, podemos definir nosso conceito de inato (LORENZ, 1986, p. 46).

Esse elemento a priori vai determinar que o desempenho de um padrão de comportamento requer que seu potencial seja fornecido pelas estruturas do sistema nervoso central da espécie, mesmo nas conquistas mentais superiores do homem. Essa estrutura nervosa teria evoluído através da pressão da seleção e seria a base de um padrão específico da espécie por sua dependência estrutural e Lorenz pensa que a estrutura pode ser vista, evolutivamente, como um órgão, ou como a função de um órgão, o próprio sistema nervoso central. Assim o instinto ou impulso, do ponto de vista fisiológico, é um sistema ativo de mecanismos comportamentais ligados por uma função comum, a função do sistema nervoso central. Existe um sistema ativo de mecanismos comportamentais conectados por uma função comum, mas não existe um processo fisiológico único, ‘monocausal’ responsável pela espontaneidade do sistema.

Lorenz (1974) comparou os mecanismos dos instintos a uma assembleia porque eles representariam um sistema, mais ou menos completo, de interações entre um grande número de variáveis independentes e os seus métodos seriam democráticos, ou seja, os mecanismos instintivos seriam o resultado de uma prova histórica quando fossem capazes de criar compromissos entre diferentes interesses e tornariam a vida possível. Lorenz fará a pergunta, “Que é um instinto?”, e criticará os que confundem a pergunta “por que” com a pergunta “para que”, dizendo que a compreensão do conceito de instinto está marcada por uma herança nefasta do pensamento finalista. Dizer que, por exemplo, tanto a alimentação como a reprodução são instintos porque possuem valor para a sobrevivência da espécie é explicar sua causa através da finalidade. Lorenz afirma:

Seria portanto um grave erro julgar, por exemplo, que um movimento instintivo que serve para a conservação da espécie pela absorção de alimentos deve necessariamente ser causado pela fome. Sabemos pelos nossos cães que eles executam apaixonadamente os gestos de farejar, levantar a caça, correr, cercar, abocanhar e sacudir até à morte uma presa imaginária, sem terem fome (LORENZ, 1974, p. 101).

Apesar do comportamento instintivo ser visto como uma organização hierarquizada e filogeneticamente programada e assim as modificações produzidas pela aprendizagem desempenharem um papel moderado, essa organização hierarquizada – o comportamento – possui plasticidade e adaptabilidade para possíveis mudanças de condições ambientais. Lorenz afirma que o comportamento ‘vêm em pedaços’, ‘intercalando’ comportamento instintivo e aprendido e que, com base nesse pressuposto, a tendência na evolução do comportamento em direção a uma maior plasticidade e maior influência da aprendizagem e insight deve ser vista como uma consequência da redução ou diminuição da influência dos padrões fixos inatos bem como de um desenvolvimento superior das funções que afetam a modificação adaptativa do comportamento na vida do sujeito. Para o pensamento de Lorenz é justamente por existir um programa filogenético que as mudanças no comportamento humano são tão vagarosas, pois os comportamentos mais básicos, mais primitivos, são frutos das aquisições filogenéticas da espécie e assim qualquer mudança mais radical exige um longo período de tempo.

Lorenz comenta no seu livro *A Agressão*:

Como já dissemos, **fome, sexualidade, fuga e agressão – as “quatro grandes”** – estão longe de fornecer sempre a principal motivação do comportamento animal, e ainda menos do comportamento humano. Também não é de crer que exista sempre entre uma dessas **“grandes” e veneráveis pulsões** e os **instintos filogeneticamente mais novos** uma relação de predominância, a tal ponto que as primeiras eliminem os segundos. Em muitas espécies, são mecanismos de comportamento, indubitavelmente bastante “modernos” – nas ovelhas, por exemplo, as pulsões particulares que garantem a contínua unidade do rebanho -, que dominam o indivíduo a ponto de cobrirem por vezes todas as outras (LORENZ, 1974, p. 116, grifos nossos).

Por essa citação percebemos que Lorenz se refere à fome, a sexualidade, a fuga e a agressão como pulsão, inclusive situando-as como os ‘instintos mais primitivos ou arcaicos’, presentes no comportamento ao lado de outros instintos que seriam filogeneticamente mais novos e que comporiam o comportamento. Contudo, afirma que não existe uma relação de predominância entre essas pulsões e outros instintos “mais novos”, inclusive aponta como possível à preponderância dos mais “modernos” instintos dominarem a

ponto de encobrirem os outros, mas, veja bem, isto não significa que as primitivas pulsões desapareçam, pelo contrário, elas fazem parte de uma aquisição filogenética responsável pela própria existência da vida.

Lorenz (1974) afirma que entre duas pulsões variáveis, independentes uma da outra, todas as interações são possíveis. Elas podem ficar juntas, se sobrepor ou se adicionar, podem se ajudar num mesmo comportamento ou se travarem mutuamente. Ele também definiu o que chamou de “movimentos instintivos” e os chamados “grandes instintos”:

Os **movimentos instintivos** “quotidianos”, “de trazer por casa”, aqueles a que chamei os “**ajudantes**” da conservação da espécie, estão muitas vezes à disposição de vários “**grandes**” instintos. É o que sucede com os movimentos de locomoção: correr, voar, nadar e muitos outros ainda, como debicar, roer, escavar, que podem ajudar a **alimentação, a reprodução, a fuga e a agressão**, aos quais queremos chamar aqui “**grandes instintos**”. Dado que servem assim de utensílios aos diversos sistemas superiores, fontes de motivação, e sobretudo aos “quatro grandes” que acabo de mencionar, chamei-lhes já algures ‘**atividades-utensílio**’. Isto não significa que tais movimentos sejam desprovidos de toda a espontaneidade própria; muito pelo contrário (LORENZ, 1974, p. 102-103, grifos nossos).

Parece que os chamados movimentos instintivos se relacionam a um padrão de movimento motor (correr, nadar, roer, cavar, etc.) e que iniciam ou poderíamos dizer, impulsionam o aparecimento dos “grandes instintos” e mais, Lorenz afirmou que esses movimentos teriam uma certa espontaneidade, dando a entender que eles poderiam ser, talvez, alterados, ou que novos movimentos poderiam surgir na sequência inata. Essa diferença entre movimento instintivo e grande instinto pode ser melhor compreendida se retomarmos algumas ideias sobre ‘ritualização’.

Segundo Lorenz, Sir Julian Huxley chamou de ritualização o processo em que “certos modos de movimento perdem no decurso da filogênese a sua função primitiva para se tornarem cerimônias puramente ‘simbólicas’” (LORENZ, 1974, p. 73). Devemos novamente apontar que para Lorenz existem diferenças entre processos históricos e processos filogenéticos, mas também dizer que para ele existem várias analogias entre os ritos que possuem origem filogenética e os ritos que possuem origem na história cultural:

Ainda que não devamos nunca esquecer as diferenças entre os processos históricos e filogenéticos, é meu dever fazer sobressair as espantosas analogias entre os ritos de proveniência filogenética e os que são produto da história cultural. Irei mostrar como elas se explicam nos dois casos pela identidade da função (LORENZ, 1974, p. 73-74).

Por meio da explicação sobre um comportamento ritual das patas, chamado de instigação, Lorenz explica como esse comportamento agressivo da pata para com o “inimigo da própria espécie” para poder depois pedir a ajuda do macho e a posterior utilização desse mesmo comportamento mesmo na ausência de um possível adversário (durante a filogênese, perda da função primitiva), se torna um comportamento com elementos fixados por ritualização. Logo, os movimentos instintivos, que seriam os “ajudantes” dos grandes instintos, quando perdem essa sua função exclusiva de conservação da espécie e mesmo assim são executados, por serem filogenéticos, eles se tornam ritos. Acontece que Lorenz também diz que, no decorrer da evolução filogenética, novos fatores se acrescentam aos fatores mais primitivos do movimento instintivo do comportamento: “Trata-se sempre aí do nascimento de um novo movimento instintivo cuja forma imita a do modo de comportamento variável, causado por vários impulsos” (LORENZ, 1974, p. 77). Assim, o rito filogenético é composto por movimentos instintivos que perderam a sua função primitiva no decorrer da evolução de uma espécie e também é composto de novos movimentos instintivos que surgem a partir de vários impulsos. Como havíamos escrito mais acima, com essa sua concepção, Lorenz abre a possibilidade da sequência de movimentos instintivos ser alterada para ganhar variações com a aquisição de outros movimentos instintivos que pertenceriam a outras sequências inatas. Contudo, não é o instinto que pode ganhar plasticidade, o instinto é inato (alimentação, sexualidade, agressão, fuga), a variação é na cadeia de movimentos instintivos que conduzem à execução do instinto.

Segundo Lorenz, o nascimento de uma nova coordenação hereditária desempenharia um papel essencial na formação de novos ritos, ou seja, um novo movimento instintivo que até então não existia, passa a ter uma função informativa determinada em um dos congêneres de uma determinada espécie, chamado “ator”, mas também aparece uma compreensão inata no outro dos congêneres, “reator”, citando Lorenz: “O mecanismo recém-formado do comportamento ritualizado tem nitidamente o caráter de um movimento instintivo autônomo. [...] Por outras palavras a cadeia de ações que servia na origem para outros fins objetivos ou subjetivos *torna-se um fim em si logo que é transformada em rito autônomo*” (LORENZ, 1974, p. 81). Vejamos um exemplo, em que a pata executa o movimento de instigação para indicar ao macho de sua espécie o seu interesse “sexual” por ele, esperando eliciar uma resposta no congêneres:

No pato de olhos dourados, por fim, a instigação tornou-se praticamente independente da presença de um congêneres que represente o “inimigo”. A pata nada

atrás do seu macho, fazendo em ritmo regular amplos movimentos de cabeça e de pescoço, alternadamente da direita para trás e da esquerda para trás, movimentos que teríamos dificuldade em identificar como sequelas de movimentos de fuga se não conhecêssemos os estados filogenéticos intermediários (LORENZ, 1974, p. 78).

O rito filogenético compreenderia, então, os movimentos instintivos que perderam, no decurso da filogênese, a sua função primitiva e também novos fatores que foram acrescentados aos mecanismos de movimento instintivos mais antigos. Lorenz escreve sobre as diferenças entre esses novos movimentos instintivos e os ‘grandes instintos’:

O que seria preciso mostrar aqui é o fato particularmente importante de que o processo da ritualização filogenética faz nascer, em cada caso, **um instinto novo** e perfeitamente autônomo, em princípio tão autônomo como cada uma das chamadas “grandes” pulsões: **instintos de alimentação, acasalamento, de fuga ou de agressão**. Com tanto direito como as outras, **a nova pulsão** recém-nascida tem o seu lugar e a sua voz no grande capítulo dos instintos (LORENZ, 1974, p. 82, grifos nossos).

Mesmo que novos movimentos instintivos surjam, apresentando, diríamos, uma certa plasticidade no filogenético, eles podem vir a se configurar como um verdadeiro instinto autônomo diferenciando-se das grandes pulsões e concorrendo com elas.

Gostaríamos também de ressaltar que Lorenz chamou tanto de “grandes instintos” como de “pulsões”, a alimentação, a sexualidade (por vezes esta é chamada de acasalamento, outras de reprodução), a fuga e a agressão e, portanto, concluímos que ele alterna indiscriminadamente esses dois termos, instinto e pulsão utilizando-os como sinônimos. Além disso, percebemos que os chamados “novos instintos” decorrentes do processo de ritualização filogenética também recebem o nome de pulsões, reforçando a ideia de que Lorenz realmente alterna os dois termos indiscriminadamente.

Para Lorenz existem outros ritos presentes no comportamento do homem, além dos filogenéticos, os chamados ritos culturais, e estes se formam no decorrer da história e, portanto, não são incorporados ao patrimônio hereditário. É exatamente neles que poderíamos estabelecer uma fronteira entre o animal e o homem porque esses ritos culturais são transmitidos através de uma tradição, ou seja, apenas uma espécie que possuísse uma grande capacidade de aprender aliada a uma vida social amplamente desenvolvida passaria os seus ritos culturais de uma geração para a outra. Nesse sentido, mesmo que certas espécies animais transmitissem por ensino e aprendizagem alguns conhecimentos que se tornam ritos, esses conhecimentos são sempre informações limitadas, muito simples, como, por exemplo, informações sobre certos alimentos ou inimigos perigosos ou certos venenos. Constatamos,

então, que existe uma grande variedade de ritos culturais apenas na espécie humana, contudo, mesmo assim, existe um elemento indispensável tanto nas tradições animais muito simples como nas tradições culturais mais evoluídas do homem que é o hábito. O hábito é um comportamento que preserva aquilo que é de grande utilidade para a conservação de uma espécie, mas que não é transmitido filogeneticamente. Citando Lorenz:

Mesmo que um ser humano não ignore que este ou aquele hábito remontam a uma origem puramente fortuita e saiba perfeitamente que o fato de o infringir não pode acarretar qualquer perigo, há uma excitação inegavelmente angustiante que o leva a manter-se-lhe fiel (como mostra o meu exemplo do trajeto de automóvel). Pouco a pouco, o comportamento assim “rodado” torna-se um hábito “caro”. Sob este aspecto, parece não haver diferença entre o homem e o animal. No entanto, qualquer coisa de novo soa quando o homem não adquire o hábito por si mesmo mas o recebe dos pais ou da civilização. Em primeiro lugar, já não sabe nesse caso as razões que engendraram a regra do comportamento em questão (LORENZ, 1974, p. 86).

E como se forma esse hábito? Lorenz parece explicar que quando um homem se encontra numa situação de conflito, tomado por várias motivações diferentes, ou quando pulsões diferentes estão em jogo e ele está impossibilitado de demonstrar o que sente ou não pode executar o que quer que seja que demonstre o problema, então, o homem realiza algo neutro, executa um gesto que não trai suas emoções, denominado “gesto de embaraço”. Muitas vezes é preciso milhares de anos para que a execução de um gesto de embaraço vá, pouco a pouco, se tornando um hábito, sendo repetido e transmitido através da tradição. O rito é um hábito – um gesto de embaraço – “caro” porque é sentido como uma necessidade, mesmo que não faça sentido para quem o executa. Vejamos: “Embora ordenado e sagrado pelo superego cultural, o rito mantém-se sempre um hábito ‘caro’; é mesmo mais amado, mais sentido como uma necessidade, do que qualquer outro hábito adquirido no decorrer da vida individual” (LORENZ, 1974, p. 88). Desse modo, um rito cultural é sentido como uma necessidade pelos indivíduos da espécie humana e isso terá como consequência a função de atuar como uma verdadeira pulsão autônoma no homem. Vejam bem, entendemos aqui que não é que o rito cultural que se torna uma pulsão, isso não seria possível porque ele não é incorporado ao patrimônio filogenético (não passa a fazer parte do genoma humano por seleção e mutação) da espécie humana, mas existe a compreensão de que sua força no interior do homem é equivalente a de uma pulsão. Vejamos a explicação de Lorenz que confirma a nossa compreensão:

Entre as **funções comuns ao rito de origem cultural e ao de origem filogenética**, uma das mais importantes, se não a mais importante, é que **ambas atuam como**

pulsões autônomas e ativas no comportamento social. **Para que amemos tudo o que nos é transmitido pela tradição**, é preciso que todos esses pormenores pitorescos que rodeiam um velho costume – como a decoração da árvore de Natal e o ato solene de acender velas – **nos deem prazer**. É do calor desse sentimento que depende a fidelidade que somos capazes de ter pelo símbolo e de tudo aquilo que ele representa. A intensidade desse sentimento faz também com que **olhemos como valores os bens produzidos pela nossa cultura**. A vida autônoma da cultura, a criação de uma comunidade para além do indivíduo e que lhe sobrevive, tudo o que constitui, enfim, **a verdadeira essência do homem, assenta portanto na autonomia do rito que dele faz um motivo autônomo das ações humanas** (LORENZ, 1974, p. 88, grifos nossos).

Também gostaríamos de ressaltar que para um rito cultural ter se constituído, ele precisa gerar prazer, ou seja, ele é um hábito caro, transmitido pela tradição e precisa dar prazer e mais, a intensidade desse prazer faz com que apareça um sentimento comum que é, então, percebido como coletivo para determinada comunidade, povo ou raça, de tal modo que lhe atribuímos um valor, um significado. Com relação ao rito filogenético, ele também tem a força de uma pulsão autônoma e assim, tanto na ritualização filogenética como na cultural, novos modelos de comportamento adquirem uma autonomia de espécie muito particular. Segundo Lorenz, esses dois rituais tornam-se motivações independentes de comportamento. Citando Lorenz:

[...] esses dois rituais tornam-se motivações independentes de comportamento que criam novas finalidades ou objetivos que o organismo prossegue por si mesmos. É enquanto fatores motivadores independentes que os rituais transcendem a sua primitiva função de comunicação e se tornam capazes de assumir esta segunda tarefa de igual importância – criar um laço e controlar a agressão entre determinados indivíduos (LORENZ, 1974, p. 90-91).

Os ritos culturais agindo como pulsões autônomas ou motivações independentes transcendem o sentido da sua própria origem primitiva e passam a exercer uma função de comunicação, a de um laço entre os homens.

Acreditamos que avançamos até aqui na compreensão do conceito de instinto para Lorenz e prosseguiremos com o nosso intento, investigando o seu pensamento sobre a agressão na espécie humana.

3.2 A Agressão na teoria de Konrad Lorenz

Lorenz no seu livro *A Agressão* (1974) pretende responder a pergunta de porque os seres vivos lutam uns contra os outros e afirma recorrer a Charles Darwin para realizar essa tarefa.

A primeira questão a ser apontada por Lorenz, e que gostaríamos de ressaltar, é que ‘a luta pela vida’, que faz progredir a vida num sentido de evolução, é primeiramente uma luta dentro da própria espécie. É claro que também existem lutas entre espécies diferentes e, quando estamos diante desses fatos, fica muito mais evidente a função conservadora da espécie, no sentido de luta pela sobrevivência. E mais, existe uma corrida evolutiva entre as armas defensivas e as armas ofensivas nas espécies, contudo, isto é acompanhado por um estabelecimento de um equilíbrio suportável, de tal forma que nunca uma determinada forma de combate tem como resultado o extermínio completo de uma determinada espécie. Na verdade, segundo Lorenz, o que ameaça mesmo a existência de uma espécie não é o adversário que dela se alimenta, mas, sim o concorrente da mesma espécie.

Ele nos apresenta uma questão, que é pensar sobre o que é o mal e, nesse bojo, defende a ideia de que os animais quando matam pela necessidade de se alimentarem não estariam demonstrando um comportamento agressivo (matar, nesse sentido, não é um mal), assim como suas vítimas não teriam realizado nenhum tipo de comportamento agressivo que tivesse provocado o combate; Lorenz afirma que mesmo a expressão dos predadores nesse momento não é de alguém ‘mau’: “Na caça, os animais de rapina não rosnam ou abaixam as orelhas (ou seja, não fazem os movimentos expressivos característicos de um comportamento combativo, limitando-se de resto a esboçá-lo) senão quando têm muito medo de uma presa capaz de se defender” (LORENZ, 1974, p. 39).

Parece que a verdadeira agressão é encontrada no comportamento de contra-ataque da presa contra o ‘inimigo consumidor’ e Lorenz afirma que são principalmente os animais que vivem em sociedade os que mais atacam os predadores sempre que os encontram e que esse fenômeno é chamado de *mobbing*, a chamada ‘guerra de perseguição’, e ela age no sentido da conservação da espécie. Vemos que o *mobbing* que Lorenz considera como sendo um comportamento agressivo das espécies que o praticam como uma agressão necessária para a manutenção da vida de determinadas espécies, ou seja, a questão levantada por ele, ‘Para que é que o mal é bom?’, começa a ser respondida; ser malvado, agir com agressividade é

algo bom para determinadas espécies que assim conseguem sobreviver. Na verdade, *mobbing* é um combate entre espécies diferentes de animais.

Outra categoria de comportamento combativo é denominada de *reação crítica* e ela é uma luta desesperada, em que um dos combatentes está cercado, sem ter como fugir e sem poder esperar uma trégua; o perigo é demasiado próximo e essa forma de comportamento combativo é a mais violenta de todas e também acontece entre espécies diferentes de animais.

As formas de combate entre espécies diferentes de animais possuem vantagens no interesse da conservação de cada um dos grupos envolvidos e, segundo Lorenz, esta mesma função de conservação está presente na agressão intra-espécie, agressão entre congêneres, conforme sua explicação:

Como se sabe, o próprio Darwin já tinha posto o problema e dera-lhe uma resposta satisfatória: é sempre vantajoso para o futuro da espécie que, de dois rivais, o mais forte conquiste o território ou a fêmea desejada. Esta verdade de ontem continua a ser a verdade de hoje. Mas, como sucede muitas vezes, ela constitui agora apenas um caso particular; os ecologistas conseguiram demonstrar há muito pouco tempo que a agressão possui ainda uma outra função, bem mais essencial para a conservação da espécie. [...] Por vezes, os interesses particulares de um organismo social exigem uma estreita coabitação, mas geralmente é útil – por razões fáceis de entender – que os indivíduos estejam repartidos tão regularmente quanto possível no espaço vital disponível. [...] O perigo de que, numa parte do biótipo disponível, uma população demasiado densa de uma só espécie de animais esgote todos os recursos alimentares é eliminado do modo mais simples se esses animais da mesma espécie sentirem repugnância uns pelos outros (LORENZ, 1974, p. 44).

A vantagem evolutiva da agressão intra-espécie seria a de selecionar os mais fortes e aptos reprodutivamente (podem gerar, criar e proteger os filhotes), a conquistar território, e, também, a manter certo equilíbrio entre o número de indivíduos de uma dada espécie e que compartilham um mesmo território, de modo que estes não esgotem todos os recursos alimentares do biótipo comum. Para Lorenz: “Podemos aceitar como certo que a mais importante função da agressão intra-específica é garantir a repartição regular de animais da mesma espécie num território” (LORENZ, 1974, p. 51).

O mais interessante da seleção produzida pela agressão intra-específica é que ela produz, às vezes, formas e/ou comportamentos que além de não possuírem valor de adaptação, podem prejudicar diretamente a conservação de uma espécie. Um dos exemplos citados é o das hastes do veado que foram desenvolvidas por causa da luta entre rivais para a disputa da fêmea e reprodução, mas que não possui outra utilidade, porque eles se defendem de animais ferozes com os cascos. Outro exemplo é o das aves do paraíso, em que o macho possui asas muito grandes, tanto que praticamente já não pode mais voar, podendo ser

devorado por predadores, mas quanto maiores às asas são, mais excitam as fêmeas e maior será a chance dele produzir descendentes e Lorenz afirma que é por isso que a capacidade de desenvolver as plumas peitorais enormes irá se conservar, contra o interesse de conservação da espécie. Este tipo de comportamento citado é apontado como sendo um efeito que a própria seleção provocou, levando a um “beco sem saída”. Segundo Lorenz, esse efeito nefasto da seleção intra-específica acontece toda a vez que a seleção é feita apenas pela concorrência dentro da espécie, sem relação com o meio extra-específico. Como o homem dominou o seu meio extra-específico, pode-se dizer que ele se encontra exposto aos efeitos ruins da seleção específica e, segundo Oskar Heinroth, o ritmo de trabalho do homem civilizado é o “produto mais estúpido da seleção unicamente intra-específica” (HEINROTH apud LORENZ, 1974, p. 53).

Para Lorenz, a vantagem seletiva da agressão intra-específica nos humanos, a de manter certo equilíbrio entre o número de seus indivíduos num mesmo território, de modo a não se esgotarem os recursos materiais do biótipo, caminhou para um destino nefasto, a guerra:

Mal a humanidade atingiu uma fase em que, graças às suas armas, vestuário e organização social, se encontrava quase em estado de dominar os perigos e ameaças do exterior (morrer de frio, ser comida pelas feras, etc), estes deixaram de ser os fatores essenciais da seleção; foi nessa altura que começou uma seleção intra-específica prejudicial. O fator seletivo passou a ser a guerra entre hordas vizinhas de homens inimigos. Esta guerra deve ter provocado uma seleção extrema de todas as pretensas “virtudes guerreiras” que, infelizmente, para muitos de nós parecem representar um ideal invejável (LORENZ, 1974, p. 54).

A guerra por território ou por recursos materiais (alimento) como finalidade de conservação da espécie, perdeu sua função original básica de sobrevivência no homem e se constituiu como um produto nefasto dessa seleção intra-específica, onde a espécie, conseguindo controlar os meios adversos do meio extra-específico voltou o seu instinto de agressão para os próprios congêneres.

Mas e sem pensar nos produtos nefastos da seleção intra-específica da espécie humana, haveria alguma utilidade nos combates entre rivais para a conservação das espécies? A resposta é afirmativa. Seria a de selecionar os defensores mais combativos dentro dos grupos e os que poderiam melhor defender seus filhos. Também existe outro papel desempenhado pela agressão na sociedade, em várias espécies, que é o de determinar uma hierarquia social que evita que os membros de uma mesma comunidade se batam ou se machuquem, mantendo um equilíbrio interno. São os mais velhos que costumam comandar

essa hierarquia e nos perguntamos o motivo de não serem os mais jovens e fortes a ocupar essas posições. A resposta caminha em direção a reforçar os papéis desempenhados pela experiência individual e aprendizagem na construção da hierarquia social:

Quanto mais uma espécie animal evolui, maior é geralmente o papel que nela desempenha a experiência individual e a aprendizagem. O comportamento inato, em contrapartida, embora conservando a sua importância, reduz-se a elementos mais simples. Esta tendência geral da evolução tem como consequência fazer aumentar cada vez mais o prestígio de que gozam os animais mais velhos e experientes. Pode mesmo dizer-se que se desenvolve assim, entre os mais inteligentes dos mamíferos, uma nova função no interesse da conservação da espécie, graças à coexistência social que lhes permite transmitir, por via da tradição, as informações adquiridas individualmente. A inversa contém igualmente, é claro, a sua parte de verdade: a coexistência social exerce uma pressão de seleção levando a um melhor desenvolvimento da faculdade de aprender, pois esta aproveita, nos animais sociais, não apenas ao indivíduo mas também a comunidade (LORENZ, 1974, p. 56-57).

Pelo pensamento de Lorenz, descrito acima, fica assinalada a importância da aprendizagem na construção de uma hierarquia social e que, não se pode confundir, o que ele chama de experiência individual com o comportamento inato, que é definido como sendo um comportamento que se reduz a elementos mais simples. Assim, o instinto, em Lorenz é compreendido como o comportamento inato, filogeneticamente herdado e reduzido a elementos simples.

Resumindo, a agressão intra-específica é útil à conservação da espécie por vários fatores como, a repartição do espaço vital (de tal maneira que todos os membros possam ter chances de sobreviver), a seleção do melhor pai e da melhor mãe, a proteção aos descendentes e a organização da comunidade de tal forma que exista uma hierarquia onde os mais velhos e sábios têm a autoridade de tomar decisões no interesse de todos e as fazem respeitar. Nesse bojo, Lorenz critica a psicanálise:

[...] verificamos que a agressão intra-específica, longe de ser um princípio diabólico, destruidor, como a psicanálise nos quer levar a crer, é indubitavelmente uma parte essencial da organização dos instintos em vista da proteção da vida (LORENZ, 1974, p. 59).

Apesar dessa crítica à psicanálise, Lorenz diz que a situação da humanidade é preocupante porque simples mudanças no ambiente de uma espécie podem desequilibrar totalmente os mecanismos do comportamento inato e, se a espécie não for capaz de se adaptar rapidamente a estas modificações, ela poderá se destruir e nada pode ser mais alterado pelo próprio homem do que o seu ambiente. Lorenz afirma que o homem moderno tem o instinto

de agressão de seus antepassados convivendo com um meio totalmente diferente dessa sua ancestralidade e mais, afirma que esse instinto não é apenas uma reação a fatores externos, ele é um dispositivo interno que pode ser acionado sozinho: “Mas um método de educação americano fundado nesta hipótese limitou-se apenas a mostrar que **a pulsão agressiva, como muitos outros instintos, surge “espontaneamente”** do coração do homem [...] (LORENZ, 1974, p. 66, grifos nossos).

Só há uma dezena de anos para cá é que investigadores como Adrian, Paul Weiss, Kenneth Roeder e sobretudo Erich von Holst nos revelaram que o sistema nervoso central não precisa, para responder, de esperar pelos estímulos, tal como uma campainha precisa que lhe carreguem no botão. Ele pode produzir por si próprio os estímulos, o que na verdade dá uma explicação natural fisiológica do comportamento espontâneo dos animais e dos seres humanos (LORENZ, 1974, p. 64-65).

Com esse pensamento, Lorenz explica que o instinto de agressão é um instinto destinado à conservação da espécie e por isso é tão perigoso, pois ele possuiria uma espontaneidade de manifestação que vai além de ser uma mera reação a fatores externos. Nesse sentido, Lorenz é contrário a ideia de que o comportamento animal e humano é em primeiro lugar uma reação, pelo contrário, ele possui, sim, uma base inata. Logo, o instinto de agressão possui uma base inata e não são fatores externos que, necessariamente, originam o desencadeamento de um comportamento agressivo. Vários experimentos com casais de pombos (de Wallace Craig) puderam demonstrar que quando um comportamento instintivo é interrompido por um tempo prolongado (Lorenz chamou de recalçamento), o limiar dos estímulos provocadores diminui e essa diminuição do limiar dos estímulos pode aproximar-se de zero, fazendo com que um comportamento instintivo se inicie sem ter havido qualquer estímulo externo que o desencadeie. Se um verdadeiro movimento instintivo é impossibilitado de ser executado até seu destino, ele pode ter como efeito colocar o animal num grande estado de agitação e fazê-lo procurar movimentos instintivos, “os ajudantes”, aptos a desencadarem o instinto de correr, voar, etc. e podendo incluir aí comportamentos de aprendizagem ou insight (compreensão de uma situação). Este comportamento foi chamado por Wallace Craig de apetência.

Segundo Lorenz:

Infelizmente sou forçado a dizer que não existem muitos modos de comportamento instintivo em que o abaixamento do limiar e o comportamento de apetência sejam mais evidentes do que, precisamente, a agressão intra-específica (LORENZ, 1974, p. 66).

É na agressão intra-específica que aparecerá com grande ênfase o comportamento de apetência e esse comportamento agressivo pode ser desencadeado por fatores externos mínimos ou mesmo apenas ser desencadeado por um dispositivo endógeno e inato. Isto porque o instinto de agressão, na espécie humana, teria sofrido, segundo Lorenz, um recalçamento, ou seja, ele teria sido suprimido por um longo período de tempo dentro da espécie (mecanismos refreadores) para, justamente, poder conservá-la e agora, com o sucesso do controle do meio extra-específico ele viria à tona com poucos estímulos ou mesmo nenhum.

Quando falamos sobre a ritualização na espécie humana, um pouco antes, e sobre os ritos filogenéticos e culturais e que estes possuem uma função comum - a de atuarem como pulsões autônomas e ativas no comportamento social e que essas pulsões (ritos) se mantêm porque proporcionam prazer - Lorenz diz que é a intensidade do sentimento de prazer que faz com que olhemos como valores os bens produzidos pela cultura. A partir da intensidade desse prazer experimentado pelos ritos culturais (que funcionam como pulsões autônomas), eles são preservados e buscados pelo indivíduo de geração em geração, a tal ponto que a cultura ganhou uma vida autônoma, ela é a construção de algo que sobrevive ao indivíduo e se perpetua através do tempo. O pensamento conceitual e a linguagem parecem ser os produtos máximos da evolução filogenética e cultural, segundo Lorenz:

O pensamento conceitual e a palavra modificaram toda a evolução do homem, porque produziram qualquer coisa de equivalente à hereditariedade dos caracteres adquiridos. Esquecemos um pouco que o verbo “herdar”, muito antes de ter um significado biológico, tinha um significado jurídico. Se um homem inventa, por exemplo, o arco e as flechas, não é apenas a sua descendência, mas toda a comunidade que herda o conhecimento e a utilização dessas armas e que as possui de modo tão seguro como um órgão que cresce em seu corpo. E a sua perda assemelha-se em tudo à regressão de um órgão que tem o mesmo valor para a sua sobrevivência. [...] Não é de admirar, na verdade, que a evolução dos instintos sociais e, o que é mais importante ainda, das inibições sociais não tenha podido caminhar a par do rápido desenvolvimento que o acréscimo da cultura transmitida por tradição, e sobretudo o da civilização material, impôs à sociedade humana (LORENZ, 1974, p. 249).

Se como Lorenz afirma, o pensamento conceitual e a palavra (linguagem) são equivalentes a algo como a herança dos caracteres adquiridos e modificaram toda a evolução do homem, entendemos que é como se o próprio pensamento conceitual e a linguagem possuíssem a força de uma pulsão no interior do ser humano. A cultura, como herança, no sentido jurídico de herdar, passa por meio da transmissão do conhecimento de geração a

geração e se torna tão importante e vital para a sobrevivência da espécie quanto os instintos transmitidos filogeneticamente.

E por que estamos falando da cultura?

Para responder, precisamos desenvolver algumas ideias. Segundo Lorenz existem mecanismos de inibição que controlam a agressão em diferentes animais sociais, impedindo-os de se ferirem ou de matarem os seus pares. Essas inibições são muito importantes principalmente em animais capazes de matar criaturas de mais ou menos seu tamanho e esses mecanismos inibitórios instintivos possuem sobre o comportamento um funcionamento análogo à moral. Lorenz afirma que todo grande predador carnívoro, que possui grandes presas, também possui fortes mecanismos de inibição da agressão o que os impede de matar seus pares, enquanto que, a desgraça do homem é justamente ele ser uma espécie inofensiva e onívora, o que possibilitou que os mecanismos inibitórios contra o assassinio ficassem supérfluos ao longo da evolução. Por isso, durante toda a pré-história do homem, não houve uma pressão da seleção para produzir uma inibição do assassinio dos congêneres. Porém, a história começa a mudar quando surge a invenção das armas artificiais. O homem não dispunha de boas armas inatas (como presas, por exemplo) para se defender e mesmo para caçar e a invenção das armas e sua eficácia, sendo propagada através da tradição cultural, assegurou ao homem um melhor controle do seu ambiente extra-específico e a sobrevivência da espécie, contudo também perturbou o equilíbrio entre as possibilidades de matar e as inibições sociais. Digamos, então, que é por isso que começamos a falar da cultura; a produção de ideias, a ciência e a tecnologia aliadas ao poder do capital militar têm, cada vez mais, produzido armas mais poderosas: “uma consequência indireta da invenção das armas artificiais é ela provocar uma seleção intra-específica muito pouco desejável entre os homens” (LORENZ, 1974, p. 253). Segundo Lorenz, não é que os seres humanos, na sua pré-história, não possuíssem instintos sociais e inibições da agressão – gestos obsequiosos e atitudes de apaziguamento -, contudo suas normas sociais inatas ficaram avariadas com a invenção das armas. Para Lorenz o desenvolvimento cultural desequilibrou mecanismos de comportamento que eram filogeneticamente adaptados:

O comportamento agressivo e a inibição de matar representam apenas um caso particular entre tantos outros em que a rápida transformação da ecologia e da sociologia humanas pelo desenvolvimento cultural desequilibraram mecanismos de comportamento outrora filogeneticamente adaptados. Para explicar a função da moral, que é restabelecer um equilíbrio aceitável entre os instintos do homem e as necessidades de uma ordem social evoluída pela cultura, digamos para começar algumas palavras sobre os instintos sociais em geral. Uma opinião muito espalhada que, de resto, é partilhada por alguns filósofos contemporâneos, pretende que todos

os tipos de comportamento que servem para o bem-estar da comunidade são ditados por um pensamento racional, especificamente humano. Não apenas esta opinião é errada, mas é a sua contrária que é verdadeira. Se o homem não tivesse sido tão ricamente provido de instintos sociais, nunca teria podido elevar-se acima do mundo animal. Todas as faculdades especificamente humanas, o dom das línguas, a tradição, a responsabilidade moral, só puderam desenvolver-se num ser que vivia já em sociedades bem organizadas antes das primeiras luzes do pensamento conceptual (LORENZ, 1974, p. 255-256).

As espécies animais possuem mecanismos inatos, que inibem o instinto agressivo intra-espécie, impedindo-as de matar seus congêneres. Lorenz descreve vários comportamentos nos animais, que ele chamou de apaziguadores, esses mecanismos apaziguadores são comportamentos animais que são equivalentes à moral social humana. Assim, para Lorenz, as próprias boas maneiras humanas podem ser vistas como mecanismos apaziguadores da agressividade e têm por objetivo evitar conflitos que conduzam a um possível dano maior – morte – dentro do grupo. Muitos dessas boas maneiras surgiram a partir de hábitos que através de gerações foram perpetuados, tornando-se muitas vezes ritos culturais. Os ritos culturais deram origem a costumes dentro de um grupo, um povo, uma raça e também deram origem a tabus. Podemos dizer que no homem, os ritos culturais têm e sempre terão um grande papel a desempenhar como mecanismos refreadores da agressão intra-específica. Os rituais de paz, as boas maneiras, a chamada educação podem ter se originado a partir da busca por gestos de submissão e apaziguamento (filogenéticos e históricos) entre os homens e reorientaram a agressividade destinando-a a outros congêneres anônimos e mantendo gestos de amizade e solidariedade entre os congêneres próximos, construía-se, dessa maneira, o laço entre os homens. Vejamos Lorenz:

[...] quero referir-me aos ritos de submissão e saudação já mencionados que, nascidos de movimentos agressivos, receberam uma nova orientação. Eles distinguem-se de todas as cerimônias de apaziguamento de que até agora tratamos pelo fato de não travarem a agressão, mas de a desviarem de certos congêneres para a canalizarem noutra direção. Esta reorientação do comportamento agressivo representa, como já disse, uma das mais engenhosas invenções da evolução. Mas ela é bem mais do que isso. Por todo o lado onde se observam esses ritos de apaziguamento recém-orientados, o cerimonial está ligado à individualidade dos participantes. A agressividade de um indivíduo determinado é desviada de outro indivíduo igualmente determinado, enquanto nenhum freio é posto em ação contra esta hostilidade relativamente a todos os outros congêneres anônimos. Assim nasce a distinção entre o *amigo* e o estranho e aparece, pela primeira vez, o *laço pessoal* entre dois indivíduos. [...] os laços pessoais fazem parte desses mecanismos de comportamento que acalmam e travam a agressão (LORENZ, 1974, p. 148).

Lorenz enfatiza a força dos costumes e dos tabus na espécie humana: “[...] os costumes e tabus podem tornar-se suficientemente fortes para motivar o comportamento de maneira comparável à dos instintos autônomos (LORENZ, 1974, p. 265).

Pensamos que a explanação feita até aqui é suficiente para a compreensão do conceito de instinto de agressão em Konrad Lorenz, ou seja, o instinto de agressão na espécie humana é inato, filogeneticamente adquirido e possui como função à conservação da espécie, mas, principalmente a função de seleção dentro da própria espécie, selecionando os mais fortes e aptos reprodutivamente (proteger e criar os filhos), também com funções como a conquista de território e a manutenção de um equilíbrio entre o número de indivíduos que compartilham o mesmo ambiente, de modo que os recursos naturais não se esgotem. Vimos também como a vantagem seletiva da agressão intra-específica na espécie humana para manter o equilíbrio entre um número de indivíduos ocupando um mesmo território, sem ter mais a necessidade de precisar lutar contra um meio extra-específico, produziu uma consequência nefasta, a guerra e a possibilidade do extermínio da espécie com o desenvolvimento tecnológico das armas. Desse modo, evidenciou-se no pensamento de Lorenz, como os costumes e os tabus decorrentes dos ritos históricos possuem a força de uma pulsão a motivar o comportamento humano e, também, o importante papel que o pensamento conceitual e a linguagem, produtos da filogênese e da história cultural, exercem não só no controle da agressividade humana, mas também em outros comportamentos da espécie.

3.3 A sociobiologia de Edward O. Wilson

Todo o livro *Da Natureza Humana* (publicado em 1978) de Edward Wilson é uma defesa do naturalismo darwiniano para demonstrar que a humanidade teria evoluído segundo a seleção natural. Para Wilson, quando o próprio homem se indaga sobre a origem de sua natureza, ele deveria procurar a resposta nas Ciências Naturais, mais especificamente na Genética, na Etologia e na Ecologia. Para ele, com a Sociobiologia, a natureza humana seria detalhadamente estudada e explicitada como um objeto de estudo empírico, e a Biologia poderia e deveria ser integrada no quadro das Ciências Humanas, porque só assim os marcadores biológicos da espécie humana seriam conhecidos e poderiam ser controlados através do conhecimento.

Wilson declarou enfaticamente sua opinião:

Esse oráculo reside nos centros emocionais profundos do cérebro, muito provavelmente dentro do sistema límbico, um complexo conjunto de neurônios e células secretoras de hormônios localizado logo abaixo da porção “pensante” do córtex cerebral. As respostas emocionais humanas e as práticas éticas mais gerais nelas baseadas foram programadas, em grande parte, pela seleção natural ao longo de milhares de gerações. O desafio para a Ciência é medir a inflexibilidade das restrições causadas pela programação, achar sua fonte no cérebro, e decodificar seu significado através da reconstrução da história evolutiva da mente. Este empreendimento será o complemento lógico do estudo contínuo da evolução cultural. [...] Em alguma época, no futuro, teremos que decidir o quão humanos desejaremos permanecer – nesse sentido biológico extremo – porque precisamos conscientemente escolher entre os guias emocionais alternativos que herdamos. Mapear o nosso destino significa que devemos mudar o controle automático baseado nas nossas propriedades biológicas para uma direção precisa baseada nos conhecimentos biológicos (WILSON, 1981, p. 06).

A Sociobiologia “é definida como o estudo sistemático das bases biológicas de todo comportamento social” (WILSON, 1981, p. 04). O interesse central dessa disciplina é o comportamento animal e mais especificamente a interação do comportamento animal.

Wilson acredita que apenas o conhecimento empírico sobre a natureza biológica humana permitirá ao homem fazer as melhores escolhas em direção ao progresso. Ele também pensa que existe um grande antagonismo entre as ciências humanas e as ciências biológicas, contudo enxerga esse antagonismo, que ele chama de “antidisciplina”, como uma relação frequente e existente quando áreas do conhecimento com níveis adjacentes de organização começam a interagir. Nesse caso, a Biologia seria a “antidisciplina” das Ciências Sociais e, apesar da tensão existente entre os campos, existe a possibilidade de muita criatividade surgir e também com o passar do tempo essas disciplinas se tornariam complementares.

Percebemos ao ler a proposta de Wilson, todo seu esforço para defender esse ponto de vista, apresentando sua “Sociobiologia” como uma ciência interessada em estudar o comportamento humano e em cooperar com o campo das Humanidades. Sua crítica ao antropocentrismo das ciências humanas e a visão desta de que o naturalismo científico não seria competente para o estudo do que é próprio do homem é definida por Wilson como obscurantismo. Ele defende claramente que para reconstruir os níveis superiores de organização humana existe a necessidade de um estudo com a especificação das unidades inferiores de organização, uma vez que, a redução dos fenômenos é o instrumento do método científico, não para reduzir o fenômeno, mas para melhor explicá-lo e posteriormente passar a reconstruí-lo em toda a sua complexidade. Nesse sentido, Wilson faz uma defesa enfática do

homem sendo estudado e compreendido como um ser natural e de que essa sua naturalização é que revelará a verdadeira natureza humana. Senão vejamos:

A redução é o instrumento tradicional da análise científica, mas é temida e hostilizada. Se o comportamento humano pudesse ser reduzido e determinado em qualquer grau considerável pelas leis da Biologia, então a humanidade poderia parecer estar longe de ser única e, nesse sentido, seria desumanizada. Poucos cientistas sociais e scholars da área das Humanidades estão preparados para entrar em tal conspiração, e menos ainda para ceder qualquer parte de seu terreno. Mas esta abordagem, que equipara o método da redução com a filosofia da diminuição, está inteiramente errada. As leis de um assunto são necessárias para a disciplina acima dela; elas desafiam e forçam uma reestruturação mentalmente mais eficiente, mas não são suficientes para os propósitos da disciplina. A Biologia é a chave para a natureza humana, e os cientistas sociais não podem se dar ao luxo de ignorar seus princípios em rápida estruturação. Mas as Ciências Sociais são potencialmente mais ricas em conteúdo. Acabarão por absorver as ideias relevantes da Biologia e passarão a implorá-las. O estudo adequado do Homem é, por motivos que agora transcendem o antropocentrismo, o Homem (WILSON, 1981, p. 12-13).

A base biológica da Sociobiologia é encontrada na obra de Charles Darwin, “*Sobre a Origem das Espécies*” porque nela vemos o autor preocupado em descrever, não só, os aspectos morfológicos dos organismos em termos de sua evolução, como também a explicação dos aspectos comportamentais desses mesmos organismos.¹ 1 Ora, quando se fala na teoria da evolução devemos pensar na teoria moderna da evolução porque o pensamento evolucionista avançou depois de Darwin e no que tange a base biológica da Sociobiologia, devemos incluir aí a Genética. Claro que a dicotomia causal genético-ambiental é considerada por esta última e que o dilema se a influência maior é da hereditariedade ou do ambiente precisa ser considerado em cada fenômeno estudado.

Nas palavras de Ruse (1983) temos a explicação sobre os objetivos da Sociobiologia:

E assim chegamos ao objetivo primordial dos sociobiologistas. Basicamente, o que eles desejam é apresentar a Sociobiologia como um outro membro da família

¹ Boa parte das críticas à Sociobiologia são devido ao fato dela ser muito confundida com o Darwinismo Social. A Sociobiologia de Edward O. Wilson (1975) é diferente da proposta do Darwinismo Social de Herbert Spencer (1944). O darwinismo social é a tentativa de aplicar o darwinismo nas sociedades humanas de maneira a justificar teses baseadas na sobrevivência do mais adaptado e da importância do controle demográfico da população. É um conceito muito usado no capitalismo laissez-faire (competição dos indivíduos) e motivou ideias de eugenia, racismo, imperialismo, fascismo e nazismo. Spencer popularizou ideias de que apenas através do conflito e da competição grupos e sociedades evoluem. A Sociobiologia estuda o comportamento social dos animais (usa conceitos da etologia, evolução, sociologia e genética de populações) e do homem, que é um animal social, e leva em consideração um fator que torna o homem diferente dos demais animais sociais: a cultura. A cultura tem a capacidade de transformar a maneira como os homens interagem com seu ambiente, independentemente de sua herança genética. Para a sociobiologia, o comportamento é fenótipo, produto dos genes com o ambiente.

evolucionária. Querem adaptá-la ao estudo do comportamento social animal, como uma subdisciplina ligada ao resto pelo núcleo comum da Biologia da Genética de Populações. Ou, para sermos mais precisos, eles pretendem desenvolver a teoria do comportamento social animal mostrando a sua base genética e, dessa forma, reforçar a importância da teoria no campo da evolução (RUSE, 1983, p. 28).

Esse texto não pretende expor exaustivamente todos os pontos estudados pela Sociobiologia e nem tampouco defendê-la ou criticá-la, contudo pretende brevemente levantar as principais teses defendidas pelos sociobiologistas a respeito da agressão e do sexo na espécie humana para posteriormente, no próximo capítulo, traçar um paralelo entre estes e o pensamento freudiano sobre a pulsão sexual e a pulsão de morte.

Sobre o comportamento de agressão na espécie humana ser inato, a resposta, da Sociobiologia, é afirmativa, os seres humanos teriam uma predisposição hereditária para o comportamento agressivo. É certo, porém, que Wilson tem uma definição de agressão diferente da de Konrad Lorenz. Para o primeiro, o comportamento de agressão no homem é um conjunto mal definido de respostas diferentes com controles separados no sistema nervoso e defende que as pesquisas zoológicas estabeleceram que nenhuma das categorias de comportamento agressivo teria a forma de um instinto geral que abrangeria inúmeros grupos de espécies. Por isso, ele defendeu que a agressão estaria circunscrita a sete categorias de comportamento, ou seja:

[...] a defesa e conquista de território, a afirmação de dominância nos grupos bem organizados, a agressão sexual, os atos de hostilidade pelos quais o desmame é completado, a agressão contra as presas, os contra-ataques defensivos contra predadores e a agressão moralista e disciplinar usada para fazer cumprir as regras da sociedade (WILSON, 1981, p. 101-102).

De acordo com o modo que o comportamento de agressão aparece expresso em cada uma dessas categorias, Wilson defende que nas espécies, cada uma dessas categorias poderia ser acrescentada, modificada ou eliminada por cada uma das espécies no transcorrer de sua evolução genética. É dessa maneira que se percebe a diferença entre sua compreensão sobre a agressão e a de Lorenz. Conforme suas próprias palavras:

Devido ao fato de existir uma escala complexa de respostas, e não uma resposta simples, do tipo reflexo, tanto psicanalistas como zoólogos têm encontrado uma dificuldade extraordinária para chegar a uma caracterização geral satisfatória da agressão humana. Eles encontrariam exatamente a mesma dificuldade para definir a agressão do gorila ou do tigre. Freud interpretou o comportamento dos seres humanos como o resultado de um impulso que constantemente procura a libertação. Konrad Lorenz, em seu livro, *Agressão*, modernizou esse ponto de vista com novos dados provenientes de estudos sobre o comportamento animal. Concluiu que os

seres humanos compartilham um instinto geral de comportamento agressivo com outras espécies animais. Esse impulso deve ser aliviado de algum modo, nem que seja através dos esportes competitivos (WILSON, 1981, p. 101).

Percebe-se em Wilson que o comportamento agressivo é uma das características mais geneticamente instáveis nas espécies, variando de acordo com a seleção natural. Desse modo, por exemplo, a categoria de defesa e conquista de território poderia ser acrescentada, modificada ou eliminada durante a evolução genética de uma espécie. Segundo ele, a maior parte dos tipos de comportamento agressivo entre membros da mesma espécie é devido ao excesso de indivíduos no meio ambiente e a luta por território para a posse de alimentos e abrigo ser sinônimo de sobrevivência. As espécies que não possuem uma alta densidade populacional raramente ou nunca se viram privadas das necessidades básicas de sobrevivência e não têm a necessidade de manifestar um comportamento de agressão intra-espécie. Essas espécies consideradas “pacíficas” têm seu número populacional regulado ou reduzido por causa dos predadores, parasitas ou emigração, e a natureza pacífica delas é explicada porque raramente tornam-se numerosas o suficiente para que o comportamento agressivo seja de alguma utilidade. Para Wilson, se da agressão não provém nenhuma vantagem, é pouco provável que ela seja selecionada para pertencer ao repertório de comportamento inato da espécie.

Os sociobiologistas não acreditam que somente as espécies animais possuam mecanismos refreadores da agressividade e que o homem teria sido a única espécie a desenvolver uma “seleção intra-específica” maléfica, não conseguindo manter a hostilidade sob controle e correndo mais riscos de desenvolver batalhas com seres da própria espécie. Muito pelo contrário, Wilson pensa que o assassinato é muito mais comum em outras espécies de vertebrados do que na raça humana. Ruse reforça esse ponto de vista em sua leitura da Sociobiologia:

Similarmente, Wilson vê a agressão nos seres humanos não como traço sombrio mostrando nosso caráter essencialmente sanguinário, e sim como algo amplamente difundido na espécie e de grande significância, no que respeita à adaptação, para a sobrevivência e reprodução do indivíduo, particularmente quando esse indivíduo tem de competir por recursos limitados, tais como alimento ou espaço vital. Além disso, e embora Wilson demonstre indiferença com relação à origem da agressão, se é genética ou aprendida, torna-se claro que a considera, em sua essência, genética ou inata (RUSE, 1983, p. 66).

Wilson critica Lorenz no que se refere ao instinto agressivo da espécie humana:

Jornalistas seguidores de Lorenz e Fromm descreveram, no passado, a humanidade como uma espécie sanguinária não alcançada pelos poderes explicativos da Ciência. Contudo, isso também está errado. Embora marcadamente predispostos à agressividade, estamos longe de ser animais excessivamente violentos. Estudos recentes de hienas, leões e macacos langures, só para tomar três espécies familiares, revelaram que os indivíduos empenham-se em lutas fatais, infanticídios e até mesmo canibalismo, numa proporção muito maior que aquela encontrada nas sociedades humanas (WILSON, 1981, p. 103-104).

E quase na sequência, critica novamente Lorenz e também Freud:

Finalmente, as formas mais violentas de agressão humana não são as manifestações de impulsos inatos que periodicamente rompem as barreiras da inibição. O modelo “impulso-descarga” criado por Freud e Lorenz foi substituído por uma explicação mais sutil, baseada na interação do potencial genético com a aprendizagem (WILSON, 1981, p. 105).

Notamos nitidamente a divergência entre o pensamento de Wilson e o de Lorenz no tocante a agressão na espécie humana, enfatizando que o criador da Sociobiologia defende claramente a participação da aprendizagem no comportamento agressivo. Claro que essa defesa é também acompanhada da afirmação da existência da interação entre genes e ambiente para o comportamento agressivo humano. Isso é coerente com a teoria da evolução e se o comportamento agressivo é de um lado aprendido, de outro, existe no homem a presença de uma hostilidade profunda e irracional que sob certas circunstâncias provoca uma violência descontrolada. Entretanto, Wilson afirma que formas específicas de violência organizada não são herdadas porque os genes não diferenciam o tipo de violência empregado e assim, é a cultura que dará uma forma particular à agressão e universalizará sua execução entre seus membros. Por isso ele defende que há uma predisposição inata à produção do aparato cultural da agressão e a partir dessa ideia demonstra que a evolução cultural da agressão seria guiada conjuntamente por três forças, citando-o: “1) predisposição genética para a aprendizagem de alguma forma de agressão comunal; 2) necessidades impostas pelo ambiente no qual a sociedade se encontra; e 3) história anterior do grupo, que o predispõe à adoção de uma determinada inovação cultural, e não de outra” (WILSON, 1981, p. 114).

Como Wilson citou Claude Lévi-Strauss, este afirma que cada cultura usa o *bricolage* que lhe é disponível, ou seja, certos costumes relacionados com a agressão são influenciados pelos materiais disponíveis e pelos traços de antigos costumes de uma determinada civilização e são adaptados e acabam aparecendo e se sobressaindo em determinada cultura.

Wilson argumenta que a agressão humana não pode ser explicada como uma imperfeição espiritual ou como um instinto bestial e nem tampouco seria um sintoma patológico decorrente da criação num ambiente cruel. Existe mesmo uma predisposição a reagir com hostilidade quando existem ameaças externas de sobrevivência e essas regras de aprendizagem teriam se desenvolvido durante as últimas centenas de milhares de anos de evolução humana e teriam premiado com uma vantagem biológica os descendentes da espécie humana que mais se ajustaram à sobrevivência.

Apesar das evidências da natureza biológica da evolução da agressão organizada, Wilson acredita que o final dessa evolução será determinado por processos culturais paulatinamente colocados sob o controle do pensamento racional, onde a prática da guerra é um exemplo direto de uma predisposição biológica hipertrofiada. Foi com o surgimento das primeiras chefias e dos Estados que a agressividade tornou-se institucionalizada e a guerra foi adotada como instrumento desses governos. Wilson também pensa que como o pacifismo é uma meta da Humanidade, serão necessários cada vez mais estudos de Antropologia e Psicologia Social, bem como das Ciências Políticas para produzirem um conhecimento técnico que encaminhe para a diplomacia a agressividade humana.

Pensamos que o que foi descrito até aqui é o que basta para a compreensão sobre a agressão no pensamento da Sociobiologia para podermos mais à frente relacioná-la com o pensamento freudiano sobre a pulsão de morte. Contudo, para se fazer uma reflexão mais completa entre o conceito freudiano de *pulsão sexual* e o conceito de instinto de reprodução na Sociobiologia há a urgência em descrever em linhas gerais como esta define e compreende o sexo na espécie humana.

O sexo é outro tópico abordado no livro *Da Natureza Humana* e Wilson enfatiza sua importância para a biologia humana e destaca que o objetivo principal deste não é a atividade de reprodução. Suas palavras deixam isso bem demarcado:

O sexo é básico para a biologia humana; é um fenômeno multiforme que permeia todos os aspectos de nossa existência e assume novas formas a cada passo no ciclo da vida. Sua complexidade e ambiguidade são devidas ao fato de o sexo não ter na reprodução o seu objetivo primordial (WILSON, 1981, p. 121).

Para justificar a sua afirmativa, Wilson explicará que a reprodução assexuada é um meio muito mais eficiente e menos complicado que o acasalamento e a fecundação da reprodução sexuada, inclusive porque nela existe uma garantia de toda a prole possuir a

mesma carga genética. Temos, então, uma reprodução que pode ser individual, direta, segura e ele ainda endossa, com mais economia de energia e egoísta porque garante a transmissão genética e a continuidade do progenitor na descendência. Se fosse dessa maneira, poderíamos pensar o motivo de todos nós não nos reproduzirmos como bactérias e fungos e Wilson concluirá que como a evolução do sexo caminhou para a reprodução sexuada e assim ficou nítido que o objetivo central do sexo não é o mesmo que o da reprodução.

Ele também aponta o fato de que a função central do sexo não seria o dar e receber prazer, dado que a maioria das espécies animais possui um ato sexual mecânico e com poucas preparações introdutórias ao ato de penetração sexual. Ele afirmará que o prazer é, no máximo, um mecanismo desenvolvido para induzir os pares das espécies a copularem, já que eles terão que fazer um grande investimento de tempo na corte, relação sexual e principalmente no cuidado da prole.

O sexo, segundo a Sociobiologia, teria evoluído porque a reprodução sexuada cria a diversidade e esta é a melhor alternativa evolutiva para um ambiente mutável. Espécies animais que possuíssem organismos com uma maior variabilidade genética, logo maior diversidade, teriam uma probabilidade maior de gerarem descendentes que sobrevivessem a alterações no ambiente. Esse pensamento está corroborado abaixo:

A diversidade, e por conseguinte a adaptabilidade, explicam por que tantos tipos de organismos se preocupam com a reprodução sexuada. Esses organismos excedem grandemente em número as espécies que dependem dos métodos diretos e simples mas a longo prazo menos prudentes de multiplicação assexuada (WILSON, 1981, p. 123).

Após todas essas considerações, a pergunta lançada é o porquê existiriam dois sexos e não apenas um, pois um único organismo dotado de células reprodutivas que pudessem se combinar infinitamente resolveria o problema da diversidade. A resposta a essa indagação é a de que parece que a existência de dois sexos permitiria uma divisão de trabalho mais eficiente. Wilson fará toda uma explanação sobre as células germinativas da fêmea e do macho, suas diferenças e o investimento de cada um deles na produção de uma descendência. Isso conduzirá como raciocínio à diferença entre os sexos desde as diferenças biológicas conquistadas a partir da história evolutiva da espécie humana. O autor construirá e defenderá um sistema de pensamento para pensar as diferenças de gênero a partir da biologia evolutiva.

A mulher investe muito mais em suas células sexuais do que o homem porque o tipo de célula sexual feminina, o óvulo, é aproximadamente oitenta e cinco mil vezes maior

que o espermatozóide masculino, e a mulher possui, então, um número limitado de óvulos, enquanto o homem libera cerca de cem milhões de espermatozóides a cada ejaculação e os produz até o final de sua vida. O comprometimento físico da mulher também é maior, pois ela carregará o feto por nove meses de gestação e também precisará alimentar o bebê após o nascimento e prestar-lhe os cuidados necessários à sobrevivência, enquanto que o homem, após a fecundação não possui mais nenhum comprometimento físico no processo reprodutivo. Ao macho de cada espécie é mais lucrativo, no sentido evolutivo, inseminar várias fêmeas para garantir a transmissão de seus genes, assim como para as fêmeas é lucrativo investir no óvulo fecundado e cuidar para que ela nasça saudável e sobreviva, dado o tempo gasto com a gestação. Segundo Wilson:

Os genes do homem terão seu papel, assim como os da mulher, mas seu investimento será muito inferior ao dela, a menos que ela possa induzi-lo a ajudar na criação da prole. Se fosse dada a um homem liberdade total para agir, teoricamente ele poderia inseminar milhares de mulheres ao longo de sua vida (WILSON, 1981, p. 124).

Consequentemente há um conflito de interesses entre os sexos e isso, de acordo com a Sociobiologia, não apenas entre os seres humanos, mas também na maioria das espécies animais. Por causa dessas ideias, a Sociobiologia foi taxada de sexista porque ela rebaixaria as mulheres e fêmeas e enalteceria os homens entre os seres humanos e os machos entre os animais; Ruse (1983) considera difícil levar a sério essas críticas porque, principalmente à distinção que se faz é entre o menor e o maior esforço despendido com a reprodução e com relação à corte. A citação de compra e venda é apenas uma metáfora empregada para descrever uma situação que ocorre durante a corte:

O indivíduo cortejado tem de zelar por seus interesses e não se deixar levar por uma conversa fiada – e o que é isso senão algo muito semelhante à falsa timidez? Em terceiro lugar, é difícil que as metáforas mencionadas e as descrições feitas tracem um quadro assim tão superior do homem, mesmo que admitamos ser o sexo masculino que normalmente investe o esforço menor na criação dos filhos. A mulher faz todo o serviço pesado. O plano do homem é fazer muito pouco ou quase nada, ainda por cima disfarçando suas deficiências! (RUSE, 1983, p. 110).

Os críticos da Sociobiologia continuarão a dizer que ela é sexista, porque as mulheres são perdedoras desde o início – ficam sozinhas com os bebês – precisando criar maneiras de manipular suas desvantagens biológicas (estratégia da “paz doméstica” ou vendendo-se para o macho que der maior lance, “estratégia do machão”). Segundo Ruse, o

que é fundamental para a Sociobiologia do relacionamento sexual é a noção de que machos e fêmeas são mesmo adversários porque adotam diferentes estratégias sexuais, ou seja, biologicamente falando, machos e fêmeas são diferentes e seus objetivos não são todos os mesmos, por isso não adiantaria negar que os sociobiologistas separam machos e fêmeas porque isso é o que eles fazem por causa das diferenças biológicas. Fica a indagação, então, de como a partir da própria Biologia teremos uma saída para essa desvantagem das fêmeas.

Acontece que as fêmeas terão um grande interesse em selecionar os machos que tenham uma maior probabilidade de permanecer com elas após a inseminação e a ajudar a cuidar da prole após o nascimento. Percebemos como então, Wilson, desenvolve o raciocínio em que, a partir do conflito entre os sexos nasce a formação de vínculos entre os pares, cimentada na luta pela sobrevivência de seus descendentes. O vínculo entre pares que procriam e se unem pela defesa da prole é, em nosso entendimento, a base do nascimento do que chamamos de sociedade humana.

O que se segue no capítulo sobre “Sexo” na leitura *Da Natureza Humana* é uma explanação sobre como a sociedade humana nasce a partir da própria divisão entre dois sexos, baseada nas diferenças entre os gêneros, pensando na monogamia e na poliginia (defendendo que a espécie humana seria naturalmente polígama), nas leis construídas para a preservação dos laços consanguíneos e da sobrevivência do grupo, na divisão sexual do trabalho (homens mais fortes fisicamente, mais agressivos e com as atividades de caça e as mulheres mais leves e mais resistentes fisicamente com as atividades de plantação e colheita), na forma de tratar as mulheres como recurso limitado e propriedade valiosa e como elas são as beneficiárias da chamada hipergamia, a prática do casamento que leva a ascensão social. Wilson escreverá sobre tudo isso e também sobre as diferenças físicas e de temperamento entre homens e mulheres, como essas diferenças foram ampliadas ainda mais pela cultura e como anomalias genéticas e hormonais influenciarem no comportamento do homem e da mulher, o que para ele, confirma a hipótese de existirem diferenças biológicas entre os sexos determinadas desde a origem uterina.

Ele também defenderá a organização social familiar, mesmo apontando que em meados da década de setenta, a família, nos EUA, estava em declínio, ou melhor, o declínio da família como conhecida no século XIX, baseada em vínculos sexuais duradouros, na mobilidade geográfica e na submissão feminina. Isto por causa do grande número de divórcios e de mulheres que passaram a ser chefes-provedores do sustento financeiro de si mesmas e de seus próprios filhos. Wilson afirma:

A família, definida grosso modo como um conjunto de adultos e seus filhos intimamente relacionados, continua a ser uma das características universais da organização social humana. Mesmo as sociedades que parecem quebrar a regra, os nayar da Índia e os moradores dos *Kibutzim* israelenses, não são grupos sociais realmente autônomos, mas sub-grupos especiais que vivem dentro de comunidades maiores. A família, seja de forma nuclear ou ampliada, recuperou-se de inúmeros reveses em muitas sociedades ao longo da História (WILSON, 1981, p. 136).

Gostaria de ressaltar que Wilson, apesar de afirmar que a poliginia e as diferenças sexuais de temperamento podem ser previstas diretamente a partir da teoria da evolução, afirma que o mesmo não pode ser feito com as funções ocultas da família e do vínculo sexual.

A característica mais expressiva do vínculo sexual, de significado preponderante para a organização social humana, é que ele transcende a atividade sexual. A diversificação genética, função última do sexo, é secundada pelo prazer físico do ato sexual e supera em importância o processo de reprodução. O vínculo sexual é também secundado pelo prazer, e cumpre, por sua vez, outros papéis, alguns dos quais estão relacionados com a reprodução apenas remotamente. Essas múltiplas funções e complexas cadeias causais são a razão mais profunda pela qual a consciência sexual tanto permeia a existência humana (WILSON, 1981, p. 138).

O vínculo sexual humano é descrito como transcendendo a atividade sexual em si, e o prazer físico do ato sexual é superior ao processo reprodutivo na espécie humana, existindo uma grande complexidade nas funções do sexo, o que permite compreender como a sexualidade faz parte da consciência humana.

A pesquisa sociobiológica conduz ao estudo de que os seres humanos são a única espécie, entre os primatas, com variedade na intensidade e prática sexual. Wilson afirma que, dentre os mamíferos, apenas os leões superam a espécie humana no atletismo sexual. Também existe outra peculiaridade com relação ao período do cio, porque as fêmeas da maioria das outras espécies de primatas tornam-se sexualmente ativas apenas durante a época de ovulação, enquanto as mulheres não apresentam o período do cio, chamado de estro, mantendo-se a ovulação escondida, o que dificulta tanto iniciar uma gravidez como evitá-la. As mulheres possuem a característica de se manterem receptivas sexualmente durante todo o ciclo menstrual (com pequena variação na resposta), não definindo o momento do estro com exatidão. A consequência é que a capacidade de reagir sexualmente tornou-se quase contínua na espécie humana e segundo Wilson, a resposta mais coerente para isso é que essa característica facilita a formação de vínculo, unindo os parceiros e fortalecendo os vínculos dentro do grupo porque reduz a agressividade entre os machos. O normal, entre os primatas

era existir um aumento da hostilidade durante o cio das fêmeas, porém com a falta do estro das fêmeas humanas ocorreu a diminuição da competição dentro da espécie o que permitiu a formação de alianças.

Vejamos mais algumas particularidades do sexo na espécie humana descritas por Wilson:

Os seres humanos são *connoisseurs* do prazer sexual. Deleitam-se com a inspeção casual dos parceiros em potencial, com fantasias, com a poesia e com a canção, e com todas as nuances deliciosas do flerte que conduzem às carícias amorosas e ao coito. Tudo isso tem pouco ou nada a ver com a reprodução; mas tem muito a ver com a união. Se a inseminação fosse a única forma biológica do sexo, poderia ser realizada muito mais economicamente em alguns segundos de cobertura e penetração. Com efeito, os mamíferos menos sociais acasalam-se com uma cerimônia muito pouco mais elaborada do que isso. As espécies que desenvolveram vínculos duradouros também são, de um modo geral, aquelas que dependem de elaborados rituais de corte. É coerente com essa tendência o fato de a maioria dos prazeres sexuais na espécie humana constituírem reforçadores primários que facilitam a união. O amor e o sexo sem dúvida, caminham juntos (WILSON, 1981, p. 141).

Wilson demonstra, em sua Sociobiologia, o como o sexo na espécie humana deixou apenas de ter uma função reprodutiva para ter uma função de construção de vínculos, vínculos entre os pares, macho e fêmea, e por extensão o da aliança na construção de grupos e também como função biológica: a sobrevivência dos descendentes.

Extensos e frequentes rituais de corte e acasalamento são realizados na espécie humana, já que o período do estro da fêmea não aparece e também porque mantém o vínculo tão necessário entre os casais para a criação da prole. Contudo, apesar dessas matrizes biológicas do sexo, Wilson aponta que os prazeres sexuais também são reforçadores primários que facilitam a união e deixa claro quão importante é o que o prazer sexual representa para a espécie humana. É nesse contexto que ele faz uma crítica ao judaísmo e ao cristianismo, principalmente à igreja Católica Romana que afirma que o papel principal do comportamento sexual é a inseminação da esposa pelo marido e por consequência proíbe qualquer forma de controle de natalidade para seus adeptos, exceto a abstinência durante o período fértil. Ele também critica a Igreja por condenar o sexo fora do casamento e considerar a masturbação um ato patológico e não como uma parte normal do desenvolvimento erótico do ser humano. Assim ele defenderá que a Igreja e seus teólogos não possuem nenhum conhecimento de Biologia já que construíram regras universais baseadas em crenças errôneas sobre a natureza humana. A crítica de Wilson também se estenderá contra esta Instituição no que se refere ao

comportamento homossexual, pois esta o considera um “comportamento mórbido”, ou seja, patológico e é proibido.

Vimos que, para esse autor, a reprodução não é a única função biológica do sexo, mas, também, a formação do vínculo sexual que mantém os casais unidos para o cuidado e sobrevivência da prole. Ele também enfatiza como o prazer sexual decorrente do ato do sexo e dos rituais preparatórios ganharam uma enorme preponderância, mantendo o vínculo entre os pares. Se a reprodução não é a única finalidade do sexo, a Sociobiologia não considera o homossexualismo uma aberração. Inclusive, Wilson sugerirá que a homossexualidade é normal num sentido biológico porque seria um elemento importante da organização social humana primitiva, citando-o:

O apoio a essa hipótese radical provém de certos fatos considerados à nova luz da teoria sociobiológica. O comportamento homossexual é comum em outros animais, desde insetos até mamíferos, mas encontra sua expressão mais completa como alternativa à heterossexualidade nos primatas mais inteligentes, que incluem os macacos rhesus, os babuínos e os chimpanzés. Nesses animais esse comportamento é a manifestação de uma verdadeira bissexualidade latente no cérebro. Os machos são capazes de adotar uma postura feminina plena e ser cobertos por outros machos, ao passo que as fêmeas ocasionalmente cobrem outras fêmeas (WILSON, 1981, p. 144).

Wilson frisa a existência de uma bissexualidade no cérebro dos animais descritos acima e afirma que também existe um potencial para a bissexualidade no cérebro dos humanos, contudo, ela é diferente porque o homem quando escolhe entre a homossexualidade plena ou a heterossexualidade plena estaria se afastando do padrão animal que é o da alternância entre esses dois comportamentos sexuais.

Esse autor defende que existe uma grande chance da homossexualidade ter uma base genética e que apesar dos homossexuais não gerarem filhos, eles teriam seus genes perpetuados através das chamadas “linhas colaterais de descendência”, os parentes próximos, e esta concepção se chamou “hipótese de seleção por parentesco” na origem da homossexualidade. Ruse (1983), explicando essa seleção por parentesco que ficou conhecida como função da “seleção de parentes”, apontou que a vantagem evolutiva atribuída pelos sociobiologistas aos homossexuais é a de que os genes que predisõem ao homossexualismo são selecionados porque liberam os seus portadores das responsabilidades da criação de filhos e permitem que eles auxiliem familiares de maneira altruísta na criação dos parentes próximos. Outra hipótese apontada é a do homossexualismo ser uma função de uma manipulação parental, onde os pais, mais especificamente a mãe, manipulariam alguns de seus

filhos para apresentarem o comportamento homossexual a fim de que eles ajudassem de forma altruísta no cuidado dos outros irmãos e da prole dos mesmos. Ruse (1983) defende que a Sociobiologia, ao invés de apenas defender a importância da heterossexualidade (reprodução e perpetuação da espécie), dá um lugar à homossexualidade sob um novo ângulo, o de um comportamento altruístico que foi selecionado evolutivamente. Os sociobiologistas acreditam que, se a Ciência conseguir explicar as diferenças da escolha do comportamento heterossexual e homossexual, com a ajuda da Sociobiologia, as pessoas poderão compreender que o homossexualismo não é um desvio de regras morais ou uma doença aberrante.

Outra investigação sociobiológica é com relação aos chamados “tabus de incesto”, segundo Wilson:

O impedimento de relações sexuais entre irmãos e irmãs, e entre pais e sua prole, é conseguida em toda parte por sanções culturais. Mas, pelo menos no caso do tabu irmão-irmã, existe uma forma de imposição muito mais profunda, menos racional: uma aversão sexual desenvolve-se automaticamente entre pessoas que viveram juntas, quando uma delas ou todas cresceram nessa convivência até os seis anos de idade (WILSON, 1981, p. 36).

Ele defende a ideia de que se o incesto ocorre, sob qualquer forma, ele é motivo de vergonha e recriminação, sendo que usualmente todas as suas formas são proscritas. A sociobiologia acredita que o tabu do incesto possui uma base biológica que é a punição fisiológica imposta pelo endocruzamento, com descendentes com deficiências no tamanho corporal, na coordenação muscular e com déficits cognitivos, deficiência mental, nanismo, deformações no coração e cérebro, surdimutismo, logo o endocruzamento representaria um risco mortal.

Sabemos que apenas as sociedades mais recentes possuem conhecimento de Genética e, portanto, não podemos pensar na existência de uma racionalidade operando para evitar os efeitos destrutivos do endocruzamento. Contudo, Wilson acredita que a exclusão automática dos vínculos sexuais entre indivíduos consanguíneos acontece de forma inconsciente e irracional e a causa última, como hipótese biológica, é a perda da aptidão genética, pois crianças geradas incestuosamente deixariam menos descendentes, o que teria levado a espécie a evitar o incesto.

A explicação dos antropólogos para o tabu do incesto é baseada na preservação e integridade da família porque ele evita a confusão dos papéis o que acarretaria a dissolução do laço do grupo familiar. Em “As Estruturas Elementares de Parentesco”, Claude Lévi-Strauss apresenta outra teoria antropológica e defende que o tabu do incesto facilita a troca de

mulheres durante negociações entre grupos sociais, porque elas eram usadas pelos homens para obter poder. A explicação sociobiológica, ao contrário, não considera esses acordos nupciais subprodutos ou fatores contribuintes secundários como a causa principal para o tabu do incesto, mas a pesada punição fisiológica imposta pelo endocruzamento. Enfim, se a causa do tabu do incesto é genética ou antropológica, ou é uma combinação de ambas, não estamos aqui para responder a esse dilema, mas, sim, para mostrar que existem várias teorias.

Pensamos ser suficiente a descrição de certos parâmetros da Sociobiologia a respeito da agressão e do sexo a fim de situar, na sequência, a nossa tentativa de dialogar com esses mesmos conceitos na perspectiva da psicanálise freudiana.

4 INÍCIO DE UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E A BIOLOGIA DO COMPORTAMENTO

4.1 Considerações sobre o instinto sexual e o instinto de agressão na sociobiologia e sobre a pulsão sexual e pulsão de morte na metapsicologia freudiana

Começar a fazer um diálogo entre dois sistemas de pensamento, como a Sociobiologia e a Metapsicologia Freudiana, não é uma tarefa fácil e nem poderia pretender ser completa, visto que as duas disciplinas são extensas e complexas já em suas próprias especificidades e esse estudo está longe de pretender ser exaustivo e de ter contemplado todas as possibilidades de um diálogo entre esses dois campos do conhecimento. Por isso, o que se segue é a tentativa de se iniciar um diálogo, refletindo sobre as aproximações e as diferenças entre as propostas dos sociobiologistas com relação ao sexo e a agressão na espécie humana e a pulsão sexual e a pulsão de morte no pensamento freudiano, principalmente para verificar se o conceito de *trieb* se assemelha ao conceito de instinto da Sociobiologia.

Como já foi escrito anteriormente, toda a Sociobiologia é uma defesa do naturalismo darwiniano, afirmando que a espécie humana também teria evoluído por seleção natural e, portanto, as respostas emocionais humanas e mesmo muitos de seus comportamentos teriam sido programados por meio da seleção natural ao longo de muito tempo. Assim, como a fonte dessa programação está localizada na genética e no cérebro, Wilson acredita que conseguir conhecer as bases emocionais que a espécie humana herdou, possibilita à humanidade poder escolher seu destino e assumir um maior controle sobre o seu comportamento social.

Pensando na metapsicologia freudiana, sabemos que Freud teve uma forte influência darwinista em sua formação e nesse sentido teríamos sim uma aproximação entre vários de seus conceitos e os da Sociobiologia porque a base de ambos os sistemas de pensamento partiriam de uma visão naturalista e evolucionista sobre a espécie humana.

Freud sempre defendeu a concepção de uma metapsicologia científica e sua formação acadêmica foi influenciada por grandes cientistas da época como Hughlings-Jackson, T. Fechner, Ernest Haeckel e Darwin. Freud tinha como base uma concepção biogenética do

desenvolvimento sexual humano e suas teorias sobre as pulsões (primeira e segunda) sempre foram marcadas por uma tentativa de descrever o *trieb* de um ponto de vista biológico.

Mesmo a segunda teoria das pulsões, introduzida com o conceito de pulsão de morte no texto do “Além do Princípio do Prazer”, manteve o aspecto dualista da teoria pulsional, opondo pulsões de vida e pulsões de morte, porém introduzindo muitas questões que o próprio Freud chamou de especulativas, considerando sua teoria como uma mitologia pulsional, dado que os argumentos da própria biologia, na época, lhe pareciam falhos e insuficientes para explicá-la.

A importância de investigar os argumentos biológicos da segunda teoria pulsional freudiana recorrendo às influências darwinianas presentes no *zeitgeist* científico do século XIX (RITVO, 1990) parece ser pertinente para uma compreensão do polêmico conceito de pulsão de morte. Segundo vários autores (RITVO, 1990; GAY, 1992), Freud tomou contato com as teses lamarckistas e darwinianas através de professores como Claus e T. Meynert, aparecendo em sua metapsicologia esse legado naturalista e empirista.

Segundo Ritvo (1990), nos quatro pontos de vista metapsicológicos (econômico, topográfico - em 1923 estrutural -, dinâmico e biológico) da psicanálise, o ponto de vista biológico (ou darwiniano) sempre esteve presente nos textos de Freud, embora nunca explicitamente.

Ritvo (1990) afirma que Freud teve seu primeiro contato com as ideias de Darwin durante o seu período no Gymnasium, em Viena, entre 1865 e 1873. O seguinte comentário aparece na biografia redigida por Max Schur, seu médico pessoal nos últimos anos de vida:

Freud mencionou, em sua autobiografia (1925), que, nos primeiros anos dos seus estudos ginasiais, sob a influência de um amigo mais velho, pensara em estudar direito e votar-se às atividades sociais. Atribuiu à influência das obras de Darwin e ao ensaio de Goethe “Sobre a Natureza” o fato de que houvesse ingressado na escola de medicina em lugar de seguir aquela inclinação (SCHUR, 1981, p. 34, v.1).

Peter Gay (1999), autor de outra biografia sobre Freud, *Freud, uma vida para o nosso tempo*, ressaltou as inclinações humanitárias do pai da psicanálise, citando uma passagem do ano de 1866, quando ele tinha dez anos e pediu a vários professores para organizarem uma campanha para enviar ataduras aos soldados feridos na guerra contra a

Prússia. Freud teria conjugado o impulso para as ciências humanas com as ciências naturais ao optar pela carreira de Medicina. Citando Gay:

[...] quando estava há dois anos matriculado na faculdade de medicina, ele confessou a Eduard Silberstein que “agora tenho mais de um ideal. Ao ideal teórico dos meus anos anteriores, agora se acrescentou um prático. No ano passado, se perguntassem qual era meu maior desejo, eu teria respondido: um laboratório e tempo livre, ou um navio no oceano com todos os instrumentos de que precisa o pesquisador”. Evidentemente, seu admirado Darwin, que passara anos tão fecundo no Beagle, estava presente em Freud ao elaborar a sua fantasia. Mas a descoberta de verdades científicas não era o único desejo de Freud. “Agora”, prosseguia ele, “hesito se não deveria dizer com mais precisão: um grande hospital e muito dinheiro, para diminuir alguns dos males que acometem nossos corpos ou para removê-los do mundo” (GAY, 1999, p. 41).

Quando estava no terceiro ano de medicina, em 1875, Freud ainda pensava em doutorar-se em filosofia e zoologia porque como estudante não seguiu uma rotina normal, empenhando-se em participar de conferências e seminários de filosofia com Franz Brentano e cursos de biologia e darwinismo com o zoólogo Carl Claus. Segundo Gay:

[...] ele começou a se concentrar em seu trabalho no laboratório de Carl Claus, e Claus, entre os divulgadores mais eficientes e prolíficos de Darwin em língua alemã, logo deu a Freud a oportunidade de se distinguir (GAY, 1999, p. 45).

Como consequência de sua ânsia em aprender, Freud demorou oito anos para se formar, ao invés dos usuais cinco anos e meio. Após uma breve incursão pela filosofia, ficou um tempo fazendo pesquisas com Claus, depois, a partir de 1876 trabalhou com Ernst Brücke, no Instituto Fisiológico, quando estabeleceu importantes relações com o assistente Ernst von Fleischl-Marxow e, principalmente, Josef Breuer. As teorias de Darwin, em meados e fim do século XIX, sofreram grandes ataques e restrições e foi devido, em grande parte, ao ambiente acadêmico em que Freud viveu que ele pode se apropriar de muitas das ideias do pai da teoria da evolução. Como disse Gay:

A autoconfiança de Brücke e seu grupo de colegas com ideias semelhantes se fortaleceu com os fundamentos que encontraram na obra marcante de Darwin. No início dos anos 1870, embora tivesse granjeado muitos adeptos importantes, a teoria da seleção natural se mantinha controversa; o perfume inebriante de uma inovação sensacional e perigosa ainda se apegava a ela [...] Na rigorosa pesquisa histológica sobre o sistema nervoso que realizou para Brücke, Freud estava participando do imenso esforço coletivo a fim de demonstrar os caminhos da evolução. Para ele, Darwin nunca deixou de ser “o grande Darwin”, e as investigações biológicas agradavam mais a Freud do que o atendimento aos pacientes (GAY, 1999, p. 49).

Ritvo (1990) fez um levantamento de quantas vezes Freud se referiu diretamente a Darwin ou a sua teoria de maneira direta e encontrou a marca de vinte referências e sempre de maneira positiva. Assim ela escreveu uma crítica a Sulloway que se referiu a Freud como um “criptobiólogo” por causa da insistência de Freud no princípio biológico (daquela época), da herança de caracteres adquiridos, atribuído a Lamarck. O período em que Freud e Ferenczi se corresponderam, durante a Primeira Guerra (1916 e 1917), pensando em redigir uma fantasia filogenética baseada nas teses lamarckistas também pode ter influenciado a ideia de um pensamento biológico ultrapassado nos textos de Freud, mas isso também necessitaria de uma investigação da correspondência entre esses dois autores. Para Ritvo (1990) o que havia em Freud era: uma “linha de pensamento darwiniana (1895, 1: 303; 1920, 8:56)”, “teoria da descendência de Darwin (1925, 19:221)” e “teoria da evolução de Darwin (1939, 23:66)” (RITVO, 1992, p. 37).

Haeckel criou as palavras ontogenia e filogenia, a primeira a história do indivíduo e a segunda a história da espécie e Freud manteve uma convicção nessa estreita relação, ressaltando que o princípio da ontogenia que é uma repetição da filogenia deveria ser aplicado à vida mental. Por detrás da infância do indivíduo temos a promessa de um quadro de uma infância filogenética, um quadro da espécie humana que é recapitulado no desenvolvimento do indivíduo, influenciado também pelas circunstâncias casuais da vida.

Para Ritvo (1990) tudo o que ficou da teoria da recapitulação em 1959, cem anos depois da *Origem das Espécies* e vinte anos após a morte de Freud está sintetizado na seguinte colocação de Ernest Mayr que considerava deplorável:

[...] o grande número de biólogos ainda existentes que até hoje acreditam que deve haver uma estreita correlação entre ontogenia e filogenia, porque ambas lidam com processos ocorrentes na dimensão do tempo [...] e a complexa diferença entre os dois fenômenos se torna mais aparente se expressa em termos da teoria da informação: a ontogenia é a decodificação da informação codificada, a filogenia é a criação de códigos sempre novos de informação e a sobrevivência dos mais bem-sucedidos (MAYR, 1959, 13:181 apud RITVO, 1992, p. 122).

A teoria evolucionista de Lamarck vista como “tendência inata para evoluir” e “volição”, “vontade”, não enfatizava o conflito, tal como a “luta pela existência” de Darwin. A adaptação antes de Darwin tinha um caráter de uma benevolência de um Criador que possuía um planejamento de perfeição para as suas criaturas e não que existiria uma luta pela existência, na qual variações benéficas obtinham mais sucesso de sobrevivência e variações mal-adaptadas eram eliminadas.

Na verdade, a ideia de conflito está presente em todo o trabalho de Freud. Para Ritvo, a tentativa de entender a presença de forças opostas conflitantes em Freud, foi feita com base na pesquisa de 1944 de Bernfeld, que apontou a influência da escola helmholtziana. Essa denominação foi dada por Bernfeld para designar também a influência que Freud recebeu da fisiologia de Carl Ludwig, Ernst Brücke e Emil Du Bois-Reymond, contudo, Freud também recebeu influência da nova filosofia que tinha surgido a partir de Darwin. Não era apenas a seleção natural que fazia parte da luta darwiniana, mas também a seleção sexual e, a existência de uma luta, de um conflito que também apareceram na dualidade da teoria pulsional freudiana.

Sulloway (1992) em seu livro, *Freud, Biólogo da Mente*, nomeia Freud como um psico-lamarckiano. A partir do contato com August Pauly (1850-1914), um biólogo alemão que influenciou o célebre embriologista, Hans Spemann, ele diz que no pensamento freudiano, as necessidades psicológicas internas e o esforço do organismo para satisfazê-las seriam os agentes primários para a mudança evolutiva e não os princípios da seleção natural. Assim, as reações adaptativas advindas das necessidades internas são assimiladas evolutivamente e Sulloway afirma que Freud se tornou enamorado dessa posição, expressando-a, durante a Primeira Guerra Mundial, num trabalho em colaboração com Sándor Ferenczi, no que seria a maior contribuição psicanalítica de seu psico-lamarckismo. Contudo, esse projeto acabou sendo realizado apenas por Ferenczi, conhecido como o livro *Thalassa*, porque Freud o abandonou logo no início, porém Sulloway endossou que apesar de ter abandonado o trabalho a ser feito em conjunto com Ferenczi, Freud teria mantido a sua posição psico-lamarckiana até o final de sua vida, citando para corroborar sua ideia uma frase de Freud endereçada a Georg Groddeck: “A teoria da evolução de Lamarck coincide com o resultado final do pensamento psicanalítico” (Cartas, p.317, para Georg Groddeck, 05 de junho de 1917, apud SULLOWAY, 1992, p. 275 - tradução nossa).

A carta é de junho de 1917 e por isso parece precipitado afirmar que Freud sustentou a posição da citação acima até o final de sua vida. Sulloway (1992) também critica Ritvo porque a autora atribuiu, em seus primeiros trabalhos (1965), a posição lamarckista sobre a hereditariedade em Freud ao próprio Darwin. Ela também teria enfatizado uma linha muito direta da influência de Darwin sobre Freud, mas, em publicações mais recentes dessa autora (1972, 1974), ela mudou para uma linha mais indireta de influências darwinianas em Freud.

Apesar de sempre apresentar Freud como um lamarckista, Sulloway também realizou um estudo retrospectivo da influência de Darwin em Freud, principalmente porque Sulloway via a psicanálise como uma psicobiologia da mente e acreditava que existiam no pensamento freudiano contribuições advindas do darwinismo, como a psicologia da criança, a importância da sexualidade para o entendimento da psicopatologia, o reducionismo histórico (o estudo do passado para a compreensão do presente), as zonas erógenas e os estágios do desenvolvimento psicosssexual e a natureza arcaica do inconsciente, a importância da fixação e regressão para a psicopatologia. Todas essas contribuições citadas teriam feito com que Freud, ao final da vida, recomendasse que os estudos sobre a teoria da evolução fossem incluídos no programa de treinamento para psicanalistas. Vejamos nas palavras do próprio Sulloway:

É correto afirmar que a influência de Charles Darwin, o homem cujos escritos sobre a evolução muito contribuiu para encorajar o jovem Freud no estudo da biologia e medicina (capítulo I), deve ter sido um meio de modificar a psicanálise numa dinâmica, e especialmente numa genética, psicobiologia da mente. De fato, talvez, em nenhum lugar tenha acontecido o impacto de Darwin, direto e indireto, com mais exemplos frutíferos fora da própria biologia, do que dentro da psicanálise freudiana. [...] Até então – no final de 1890 – a influência de Darwin sobre a geração científica de Freud tinha se tornado tão grande que o próprio Freud provavelmente nunca soube o quanto ele realmente devia a essa fonte intelectual. Suposições darwinianas (1) ocuparam toda a nascente disciplina da psicologia da criança da qual Freud também aproveitou e a qual ele por sua vez contribuiu bastante; (2) reforçaram a imensa importância da sexualidade no entendimento da psicopatologia contemporânea; (3) alertaram Freud e outros para as múltiplas potencialidades do reducionismo histórico (o uso do passado como uma chave para entender o presente); (4) expuseram as concepções fundamentais de Freud das zonas erógenas infantis, dos estágios da psicosssexualidade humana, e a natureza arcaica do inconsciente; e (5) contribuíram com um grande número de conceitos psíquicos fundamentais – como aqueles da fixação e regressão – e a teoria geral de psicopatologia de Freud. Finalmente, a influência simultânea das noções Lamarckistas serviram para convencer Freud que a psicanálise, com o seu “insight” sobre uma adaptação psíquica consciente e inconsciente, foi por si mesma o auge de uma realização na teoria da evolução. Sem dúvida nenhuma, por razões tais como estas que, Freud, ao final de sua vida, recomendou que o estudo sobre a evolução fosse incluído em cada programa de treinamento para psicanalistas (1927 a, S.E., 20:252 apud SULLOWAY, 1992, p. 275-276 – tradução nossa).

Pensamos que as controvérsias sobre a influência darwinista se devem, em parte, ao próprio contexto histórico em que ela nasceu, além disso, o julgamento de Sulloway sobre a presença de teses lamarckistas ultrapassadas em Freud deveria ser submetido a uma contextualização mais histórica sobre o nascimento da teoria da evolução, pois, acreditamos que apenas assim poderíamos avaliar melhor o pensamento freudiano. Na verdade, Darwin propôs uma teoria evolutiva numa época em que a maioria das pessoas acreditava na

imutabilidade das espécies, num mundo criado perfeito e constante, submetido a uma força divina ou a uma energia vital. Historicamente, apenas a partir de 1940 o darwinismo ficou totalmente livre de influências lamarckistas (Mayr, 1990), sendo muito comum na época de Freud que cientistas acreditassem na teoria da evolução, concordando com alguns pontos da teoria darwiniana e, ao mesmo tempo, defendessem teses lamarckistas.

A Biologia apareceu como uma ciência extremamente peculiar no quadro das ciências durante o século XIX, com problemas complexos para se adequar totalmente às definições impostas aos atributos necessários para ser considerada ciência. Em meados do século XIX, no bojo de possuir atributos necessários para ser ciência, tanto a Psicanálise quanto a Biologia Evolucionista eram criticadas pela falta de “cientificidade” e ambas enfrentaram opositores principalmente por tocarem em questões consideradas tabus: a primeira com a questão do homem sendo considerado como uma espécie animal e, logo, sem uma origem “divina”, e a segunda com a afirmativa de que a consciência não é soberana no psiquismo, de que o eu não é o senhor de sua própria casa, retirando a última pretensão humana de uma superioridade.

A metapsicologia freudiana possui similaridade (e não uma igualdade) com a Sociobiologia pela tentativa que Freud fez de dar bases biológicas e principalmente evolucionistas, aos conceitos psicanalíticos, como o de pulsão, por exemplo. Contudo, não defendemos aqui que essa base biológica seja idêntica nos dois campos do conhecimento, mesmo porque isso seria impossível, dado os avanços entre a Biologia do final do século XIX de Freud e a do século XX de Wilson. Uma diferença entre os dois campos, mesmo que ambos tenham suas raízes na teoria da evolução darwiniana, é o fato de Wilson acreditar que a Sociobiologia poderia ter um papel importantíssimo na sociedade porque, para ele, os seres humanos, conhecendo a origem biológica e evolutiva de seus comportamentos, poderiam controlar seus impulsos, sua destrutividade, fazendo melhores escolhas para viver de maneira mais harmoniosa, o que é totalmente contrário ao pensamento freudiano. Freud define as bases biológicas da pulsão apenas para reforçar seu aspecto impelente, inato, fisiológico, de pressão a ser exercida a todo o custo e que só termina/finaliza quando descarregada/saciada. Não há como fugir da influência pulsional, pois o ser humano precisaria de uma grande quantidade de energia para controlá-la e domesticá-la e isso, muitas vezes, com um alto custo (a repressão como mecanismo de conter a pulsão produz sintomas, como, por exemplo, as neuroses). Por isso, no máximo, saber da pulsão ajudaria o homem a compreender que existem forças além da sua racionalidade e que ele precisaria conter sua impulsividade e ser mais humilde em julgar as falhas e erros da própria humanidade. Em Freud existe uma visão

pessimista ao se pensar a força biológica no homem, pois ela é inclusive aquilo que o move e aquilo que o limita, enquanto que para Wilson, conhecer esse biológico pode conduzir a humanidade a uma sociedade mais justa e harmoniosa.

No artigo *Três Ensaio*s, a pulsão sexual seria uma força biológica que expressaria as necessidades sexuais tanto no homem como nos animais e essa afirmação freudiana norteia o entendimento da influência naturalista no conceito de natureza humana da metapsicologia de Freud. A sexualidade é o que está por detrás das psicopatologias e também do nascimento do aparelho psíquico porque a pulsão sexual é uma força inata, presente desde o nascimento, e que move, pressiona, não só o desenvolvimento corporal do homem, como também seu desenvolvimento psíquico. Na Sociobiologia, o sexo é básico para a biologia humana e Wilson o colocou permeando todos os aspectos da existência do homem, com a especificidade de não ser a atividade de reprodução o seu objetivo primordial. Sua justificativa se pautou no fato da reprodução assexuada ser mais eficiente e econômica em termos de gasto de energia do que a reprodução sexuada, porém esta foi descrita como a melhor forma de aumentar a variabilidade genética das espécies que dela se utilizam. Nesse sentido, é claro que a reprodução de descendentes é meta evolutiva e que existe sim uma teleologia na evolução das espécies; a diversidade é a melhor alternativa para lidar com um ambiente mutável. O sexo não teria também a função central de dar e receber prazer porque observando várias espécies, Wilson chegou à conclusão que a maior parte delas possuía um ato sexual mecânico e assim o prazer seria apenas um mecanismo desenvolvido para induzir os pares a copularem. Assim é possível observar as diferenças desses dois autores sobre a compreensão do sexo nos sistemas de pensamento da espécie humana.

Em Freud, a pulsão sexual nasce apoiando-se nas funções somáticas vitais e ela também é auto-erótica, ou seja, o objeto da pulsão é, em primeiro lugar, o próprio corpo da criança. Com isso, a sexualidade tem um lugar no corpo e no psíquico, antes mesmo de uma finalidade reprodutiva. Para ele, a sexualidade infantil existe de fato e precede a organização sexual do adulto, diferente de Wilson, em que toda a variedade dos comportamentos sexuais que o homem desenvolveu como espécie seriam consequência do objetivo reprodutivo e dos cuidados de sobrevivência da prole. O prazer sexual também está presente em toda a conceituação freudiana da pulsão sexual, existindo, inicialmente, na satisfação das chamadas pulsões sexuais parciais, no próprio corpo da criança e não como na sociobiologia, em que o prazer sexual é meramente um artifício para a ocorrência do ato reprodutivo. Reflitamos, então, sobre a diferença entre os prazeres estabelecidos por Freud e Wilson. O primeiro

também concordará que os prazeres, provenientes do ato do coito, são importantes para a satisfação da pulsão sexual e, também que a meta sexual, no sentido de Zweck – finalidade biológica – é a reprodução de descendentes. O artigo dos *Três Ensaio*s comporta essa teleologia na psicanálise freudiana, mas também comporta uma duplicidade da pulsão. Desse modo, o fato da sexualidade humana ser marcada por uma bitemporalidade e, conseqüentemente, existir uma sexualidade infantil, auto-erótica, precedendo a sexualidade adulta e entre elas um período chamado de latência, resulta numa concepção diferente da de Wilson no que tange a compreensão de prazer e satisfação na espécie humana, indo além de uma finalidade reprodutiva e mesmo diminuindo a importância desta. Sendo assim, aí estaria a complexidade e duplicidade do conceito de *trieb*: comportaria o biológico – força inata e finalidade reprodutiva ou necessidade da descarga das substâncias genésicas (este último é um termo cunhado por Freud) – e o psíquico, o prazer sendo buscado desde o início como uma urgência da pressão (descarga) pulsional e o *trieb* construindo no psíquico de cada sujeito humano um caminho próprio de satisfação.

Continuando o raciocínio acima, em Wilson, o prazer dos atos preliminares do coito, na espécie humana, tem uma função de facilitar e incentivar a reprodução e as obrigações nos cuidados posteriores com os filhos, mas não existe nenhuma menção de como cada indivíduo teria escolhido o que é mais prazeroso para si e nem que esses prazeres preliminares poderiam inclusive sobrepujarem em importância o próprio coito. É a compreensão da existência de uma sexualidade infantil, como a proposta por Freud, que permite perceber que as satisfações das pulsões parciais infantis constroem um caminho de prazer nos indivíduos (traços mnêmicos, uma memória, abrindo um caminho no aparelho psíquico) e mais tarde, na sexualidade adulta, esta satisfação pulsional parcial participa do ato sexual genital através dos atos preliminares do coito e mesmo os substituindo. Contudo, Wilson sugere que apesar da poliginia e das diferenças de temperamento entre o homem e a mulher poderem ser previstos e deduzidos diretamente a partir da teoria da evolução, o mesmo não pode ser feito com as funções ocultas da família e do vínculo sexual. Pensamos que é justamente por esse tipo de afirmação que podemos reiterar diferenças entre a concepção de sexo na sociobiologia e na metapsicologia freudiana e pode ser que esta tenha mesmo a explicação que faltava para isto que Wilson chamou de funções ocultas da família e do vínculo sexual.

O corpo biológico pulsional proposto por Freud contém o naturalismo porque a satisfação da pulsão sexual é somática. É o corpo que sentirá prazer e isso é determinado na

espécie, é igual para todos, porém, ao mesmo tempo, o prazer pulsional é particular de cada sujeito humano, fazendo parte de sua história individual, principalmente como um sistema de representações inconscientes, que são as fantasias. O intrapsíquico, o que acontece dentro do aparelho psíquico ganha, com a psicanálise, uma relevância tremenda, nunca antes mencionada pela ciência. O prazer não é apenas inato e endógeno, também não é consequência direta do ambiente (leia-se influência da família e cultura) ou um resultado da interação inato e ambiente, ele é o resultado de algo mais: a existência de uma construção intrapsíquica que leva em consideração as representações inconscientes. Estariam, no intrapsíquico freudiano, as funções ocultas do vínculo sexual dos sociobiologistas?

Mesmo Wilson ressaltou que a característica mais expressiva do vínculo sexual humano é que ele transcende a atividade sexual e que o prazer físico do ato sexual é superior ao próprio ímpeto reprodutivo da espécie e que a complexidade das funções do sexo na espécie humana permitiria compreender como a sexualidade faz parte da consciência humana, inclusive sendo a única espécie, entre os primatas, com variedade na intensidade e na prática sexual. Se disséssemos que Freud escreveu isso concordaríamos plenamente e pensamos, então, numa similaridade entre os dois teóricos no conceito de sexualidade humana. Wilson trabalhou com a ideia de que a atividade sexual humana auxiliou na construção de vínculo entre os parceiros – macho e fêmea – para o cuidado dos filhos, Freud enfatizou o forte vínculo do primeiro objeto de amor da criança, a mãe, e da influência desta na construção do erotismo do corpo e do psiquismo da criança, com a diferença de que o vínculo proposto pela metapsicologia é intersubjetivo e intrapsíquico.

Na metapsicologia, o objeto da pulsão sexual é variável, contanto que ela possa ser satisfeita e é justamente por essa urgência de satisfação que Freud percebeu que a marca biológica da pressão pulsional daria uma grande variabilidade ao objeto pulsional (a pulsão precisa ser satisfeita, não importa o objeto), ou diríamos que comportaria uma plasticidade, o que ajudaria a justificar a imensa gama de comportamentos sexuais na espécie humana e a repensar certos comportamentos definidos como patológicos. Em Freud, o homossexualismo é uma variação do comportamento sexual humano porque o objeto da pulsão é variável (o que conduz a ideia de que a pulsão não se origina por causa do objeto, ela não depende do objeto para existir) e também porque existiria uma bissexualidade psíquica. Assim, a espécie humana teria uma predisposição psíquica para os dois tipos de comportamento, o heterossexual e o homossexual, mas não que um deles poderia ser o certo e o outro errado. Freud procurou bases fisiológicas e químicas para justificar a bissexualidade humana, mas como não

conseguiu, apenas propôs a existência de uma bissexualidade psíquica. Em Wilson, o comportamento homossexual é comum em várias espécies animais e não apenas na espécie humana e esse comportamento seria a manifestação da existência de uma predisposição bissexual no cérebro (hereditariedade). Entretanto, nos animais existe uma alternância entre o comportamento heterossexual e homossexual, enquanto que nos humanos, normalmente, existe uma escolha entre um ou outro desses dois comportamentos, parecendo que o diferente, o anti-natural é a não alternância entre esses dois pólos. A explicação para a predisposição aos genes da homossexualidade através das linhas colaterais de parentesco também aparece na sociobiologia, assim como a possibilidade do homossexualismo ser fruto da manipulação parental para que alguns indivíduos abdicuem de ter seus próprios filhos para cuidar dos filhos de outros parentes. Ruse (1983) afirma que mesmo não falando em nome de todos os teóricos da psicanálise, ele tem a impressão de que a psicanálise não descartaria a possibilidade de um fator genético em determinados casos de homossexualidade, porque na argumentação psicanalítica aparece sempre uma possibilidade da influência da hereditariedade e, ao mesmo tempo, existiriam casos que não se ajustariam apenas a esta influência. Concordamos em parte com a afirmação de Ruse, e não com uma igualdade plena entre psicanalistas e sociobiologistas. Também temos que notar que a psicanálise freudiana, a partir de suas bases darwinistas, abre um espaço concreto para a influência genética no homossexualismo, mesmo porque o próprio conceito de uma predisposição bissexual reforça essa suposição naturalista. Porém pensamos que está errada a defesa de Ruse sobre a influência do ambiente doméstico na construção da homossexualidade para a psicanálise, já que ele tem uma compreensão errônea do que é esse ambiente para Freud. Vejamos Ruse:

Além disso, e apesar de nem todos os teóricos serem, de qualquer forma, totalmente freudianos, parece existir um consenso geral de que Freud estava certo ao dizer que por trás do homossexualismo sempre se encontra um desequilíbrio parental. Em particular, ele achava – como é do conhecimento geral – que o homossexualismo masculino se manifesta quando a mãe é mais dominadora do que o normal, governando tanto o pai quanto os filhos (Freud, 1906). Os teóricos da Psicanálise parecem estar dispostos a chegar até esse ponto com Freud, embora seja uma outra questão saber quantos concordariam com ele até o fim, quando argumenta que o filho se apaixona pela mãe; que no desenvolvimento normal o tabu do incesto faz com que o menino transfira seu interesse sexual para outras mulheres, mas que, quando a mãe é muito dominadora, os vínculos são demasiadamente fortes para serem desfeitos e, assim, o Complexo de Édipo da criança faz com que ela se retraia com as mulheres em geral e transfira suas emoções para os homens (RUSE, 1983, p. 215).

Pelas palavras de Ruse acima descritas, vemos como sua compreensão da influência do ambiente sobre a criança se faz de forma direta, como uma relação estímulo-resposta, mãe dominadora, filho homossexual e isso demonstra a sua falta de compreensão da teoria psicanalítica, porque a influência do ambiente é mediada pelo campo das representações inconscientes, assim, o que determinará totalmente a escolha do comportamento sexual é o desejo inconsciente, no intrapsíquico, e sobre ele não há controle. A escolha sexual intrapsíquica é definida justamente com a saída do complexo de Édipo e é claro que ser um psicanalista é levar o Édipo em consideração e não, como afirma Ruse, saber quantos psicanalistas concordariam com Freud sobre a existência do Édipo e do tabu do incesto. Pensamos que a similaridade entre psicanálise freudiana e sociobiologia no tocante ao homossexualismo termina no conceito comum de uma predisposição bissexual para o comportamento sexual humano e na possibilidade da escolha de um comportamento homossexual ou heterossexual não ser considerado necessariamente como patológico, mas, sim, como parte da diversidade da sexualidade humana. No mais, a sociobiologia defenderá também a influência genética e ambiental na determinação da homossexualidade e a psicanálise freudiana terá na resolução do complexo de Édipo, ao final da fase fálica, com a ênfase nas determinações inconscientes, a determinação da homossexualidade.

Aproveitando que Ruse (1983) citou a importância do tabu do incesto para a psicanálise, vamos pensar nas aproximações e divergências desse conceito na Sociobiologia. A explicação dos sociobiologistas é de que o tabu do incesto possui uma base biológica, ou seja, a punição fisiológica do endocruzamento, com anomalias genéticas e más-formações anatômicas para os descendentes, como se a humanidade, mesmo sem conhecer a genética, evitasse o cruzamento consanguíneo. Eles acreditam que toda a explicação antropológica (preservação e integridade da família e troca de mulheres para os homens obterem poder no grupo) é fator secundário mediante a preponderância dos fatores genéticos. Sem querer refutar a proposta sociobiológica, pensamos, contudo, que ela é ingênua por defender que a espécie humana teria tido como que uma “consciência” dos defeitos da prole e que teria compreendido que a razão deles seria a consanguinidade. Não vemos como pensar a existência de uma racionalidade numa proposta que considera o homem um animal que passou por um processo evolutivo em que o instinto sexual deveria ter um mandato único e indiferenciado, o da reprodução. Por certo a proposta freudiana da horda primeva, uma fantasia freudiana, presente em *Totem e Tabu* (1913), parece mais próxima de uma leitura darwinista e ao mesmo tempo antropológica. Nela, o grupo primitivo humano, a horda, era

comandado por um macho dominante que tinha todas as fêmeas ao seu dispor e isso, num determinado momento, gerou uma rebelião, quando os outros machos, filhos do dominante, por inveja da supremacia de seu pai que detinha o poder sexual sobre as mulheres do grupo, se unem, matam-no e o comem. Como consequência deste ato, eles sentem culpa e para a redenção desta são criadas às primeiras regras sociais dentro do grupo, criando o tabu do incesto e o tabu do assassinato, nascendo à civilização. Essa proposta freudiana é darwinista (Freud cita Darwin e fala da teoria da evolução no *Totem e Tabu*) porque pensa o homem como uma espécie animal, com uma pulsão sexual desenfreada e seguindo regras instintivas básicas (reproduzir e dominar). Também é antropológica porque pensa que, num determinado momento, com a revolta dentro do grupo e o assassinato, foram criadas regras sociais que fizeram a horda iniciar a civilização. Assim, pensamos que o tabu do incesto em Freud é diferente do de Wilson, apesar de ambos explicarem-no pela teoria da evolução, porque em Freud, o tabu do incesto não é apenas fruto de um episódio dos primórdios da humanidade, ele é uma fantasia filogenética e estaria presente no psiquismo humano através da necessidade de interditar o desejo sexual inconsciente por um dos genitores, durante a vivência do complexo de Édipo; a castração corresponde a essa aceitação social e intrapsíquica de que o desejo sexual incestuoso não pode ser realizado.

Acreditamos ter feito até aqui, algumas considerações para um diálogo inicial entre o conceito de sexualidade humana na metapsicologia freudiana e o de sexo para a sociobiologia, que se não foi completo o suficiente é porque o assunto é demasiadamente extenso e complexo e requer ainda muitos estudos e reflexões.

Estabelecer um diálogo entre o conceito de agressão dos sociobiologistas e o conceito de pulsão de morte freudiano também é um desafio complexo porque esses dois campos do conhecimento apresentam grandes divergências.

Wilson não concorda com o ponto de vista metapsicológico sobre a pulsão de morte porque para ele a agressão humana não seria a manifestação de um impulso inato que se manifestaria através de um modelo, segundo ele, de “impulso-descarga” como a proposta freudiana do conceito de pulsão de morte. Ele também concebe o comportamento de agressão na espécie humana como inato, porém esse comportamento estaria submetido a um conjunto mal definido de respostas diferentes com controles separados no cérebro a partir do momento em que o organismo esteja exposto a algumas circunstâncias como a defesa e conquista de território, a dominância nos grupos, a agressão contra as presas e predadores, enfim o instinto

agressivo poderia, inclusive, ser acrescentado, modificado ou eliminado, tudo, de acordo com a seleção natural.

Nada é mais contrário a uma ideia de pulsão de morte do que a proposta sociobiológica. Na metapsicologia, a finalidade biológica (Zweck) da pulsão de morte é o de desfazer a vida, fazendo retornar os seres vivos ao estado de estabilidade anorgânica. A necessidade de cumprir a meta (Ziel) como finalidade fisiológica e econômica de descarga da pulsão permite pensarmos que a espécie humana possuiria vários caminhos para o cumprimento desse mandato biológico do corpo. A pulsão de morte exteriorizada para fora passa a ter uma ação como pulsão de destruição, pulsão de apoderamento ou vontade de exercer poder, bem como ela se manifestaria, por fusão ou defusão com Eros, como o sadismo nas perversões, as formas de masoquismo e os sintomas das neuroses graves. Estes seriam caminhos para a expressão da pulsão de morte; ela seria expressa no próprio corpo (neuroses, masoquismo endógeno) ou procuraria se exteriorizar, necessitando de um objeto (destruição, apoderamento, vontade de exercer poder, sadismo), constatando-se com isso que o objeto da pulsão de morte também é variável como o da pulsão sexual. Assim, a pulsão de morte é uma força inata, que se move dentro do psiquismo e tem como regime específico à compulsão à repetição, esta última como finalidade de tentar enlaçar e ligar as cargas de energia que não puderam alcançar um estado ligado – de repouso.

Na Sociobiologia, a maior parte dos comportamentos agressivos entre membros de uma mesma espécie, ocorre devido a um excesso de indivíduos no meio ambiente provocar uma luta por território, alimentos, reprodução e abrigo, sendo a agressão sinônimo de sobrevivência. Inclusive, os sociobiologistas não veem a agressão humana como um impulso sanguíneo incontrolável e defendem que o homem é uma espécie animal que possui mecanismos refreadores da agressividade, assim como outras espécies. Essa visão da Sociobiologia, apesar de se afastar da concepção freudiana de pulsão de morte, é bem próxima da concepção metapsicológica da primeira teoria pulsional freudiana (pulsões sexuais e pulsões do Eu), das chamadas pulsões do Eu ou pulsões de autoconservação que estão a serviço da conservação das funções vitais do indivíduo, cujo exemplo preferido de Freud é a manifestação da pulsão de nutrição, a fome.

Na segunda teoria pulsional, as pulsões sexuais e as pulsões do Eu ficaram juntas numa mesma categoria pulsional, a da conservação da vida, e receberam o nome de Eros ou pulsões de vida. Podemos pensar que as chamadas necessidades vitais de conservação da vida e, logo, do indivíduo e da espécie, estarão presentes neste grupo pulsional e também a luta por

território, alimentos, abrigo, reprodução e pela própria vida no embate com outras espécies e na mesma espécie estejam aqui representadas; logo a agressão humana como descrita pelos sociobiologistas estaria alocada nas pulsões de vida e não na pulsão de morte.

Wilson tem como proposta para a agressão humana um fator genético, irracional, mas, também a interação com o ambiente, mesmo porque considera que as especificidades da violência não são herdadas, pois é a cultura que dará forma particular à agressão e universalizará sua execução nos grupos. A psicanálise freudiana também tem um lugar para a cultura humana compreendida como consequência da interdição da pulsão, da sublimação de Eros e das manifestações sintomáticas da pulsão de morte, contudo precisaríamos da leitura de textos como *Totem e Tabu* (1912-1913), *O Futuro de uma Ilusão* (1927) e *O Mal-Estar na Civilização* (1930) para uma análise adequada da cultura na psicanálise, e no momento, isso excede a delimitação proposta neste trabalho. Vejamos um trecho de *O Futuro de uma Ilusão*:

Em benefício de uma terminologia uniforme, descreveremos como ‘frustração’ o fato de um instinto não poder ser satisfeito, como ‘proibição’ o regulamento pelo qual essa frustração é estabelecida, e como ‘privação’ a condição produzida pela proibição. O primeiro passo consiste em distinguir entre privações que afetam a todos e privações que não afetam a todos, mas apenas a grupos, classes ou mesmo indivíduos isolados. As primeiras são as mais antigas; com as proibições que as estabeleceram, a civilização – quem sabe a quantos milhares de anos atrás? – começou a separar o homem de sua condição de animal primordial. Para nossa surpresa, descobrimos que essas privações ainda são operantes e ainda constituem o âmago da hostilidade para com a civilização. Os desejos instintuais que sob elas padecem, nascem de novo com cada criança; [...] Entre esses desejos instintuais encontram-se os do canibalismo, do incesto e da ânsia de matar (FREUD, 1927, p. 21).

Pelas palavras dessa passagem percebemos a importância que o *Trieb* tem para a compreensão do que Freud concebe como a civilização, porém não faremos uma exposição e análise sobre ela e, muito menos, levantaremos a hipótese de haver alguma semelhança dela com a cultura na sociobiologia.

Ruse (1983) citando Wilson afirmou a existência de uma certa compatibilidade entre a psicanálise freudiana e a sociobiologia:

A teoria psicanalítica parece ser extraordinariamente compatível com a teoria sociobiológica. ...Se a essência da revolução freudiana foi o fato de ter ela dado estrutura ao inconsciente, o papel lógico da Sociobiologia é reconstruir a história evolucionária dessa estrutura (WILSON, 1977, p. 21 apud RUSE, 1983, p. 214).

O conceito de instinto na Sociobiologia e na Psicanálise é compatível na sua origem darwinista e evolucionista, porém quando o *Trieb* é analisado nos dois campos de

conhecimento através da definição de sexualidade humana é que surgem as divergências e especificidades de cada teoria. Por certo existem algumas semelhanças entre ambas, como descrevemos anteriormente, mas nada que justifique que uma se reduza a outra, mesmo porque o *Trieb* em Freud conduz a um pessimismo teórico para com a espécie humana e a civilização, onde o homem corre constantemente o risco de perder a sua humanidade e retornar à barbárie (como as guerras), enquanto que em Wilson, o instinto, estudado na história evolutiva do comportamento da espécie humana e de suas bases biológicas conduziria a esperança de uma civilização mais pacífica e harmoniosa.

4.2 Considerações entre o conceito de instinto no pensamento de Konrad Lorenz e o de pulsão na metapsicologia freudiana

Consideramos que o conceito de instinto em Lorenz e o de pulsão em Freud são extremamente semelhantes em vários aspectos, o primeiro deles, é sua origem biológica endógena e inata, determinada e absolutamente idêntica em todos os indivíduos da espécie humana, independentemente de raça ou gênero, fazendo do instinto um a priori universal do comportamento humano. A segunda semelhança é a alternância que os dois autores fazem dos termos instinto e pulsão em seus artigos e livros, ora utilizando-se de um deles, ora de outro para explicar a natureza desse termo ou a sua ação no comportamento animal (Lorenz) e humano (Freud). Vamos procurar justificar como percebemos essas aproximações, começando pela última semelhança descrita.

Como já foi comentado no capítulo dois, Lorenz alterna indiscriminadamente os termos instinto e pulsão, tanto para se referir ao que ele nomeou como “as grandes pulsões” (fome, sexualidade, agressão e fuga) quanto para denominar o nascimento dos “novos instintos” que surgem a partir dos ritos filogenéticos, portanto não há nenhuma diferença entre os termos instinto e pulsão em Lorenz. Percebemos também como ele procurou explicar a origem histórica do conceito de instinto, nos seus *Três ensaios sobre o comportamento animal e humano* (1975), descrevendo o aparecimento deste termo com os escolásticos e sua consequente impregnação do sentido de inato a partir de forças sobrenaturais que engendrariam o comportamento e o conduziriam a um determinado fim pré-concebido por este fator anterior onisciente, que os vitalistas, mais tarde chamaram de “força vital” ou “vis vitalis”. Assim, segundo Lorenz, o termo instinto acabou sendo historicamente assimilado ao sentido que lhe foi atribuído pela escolástica, dando-lhe uma origem nefasta porque

impossibilitou, por muito tempo, qualquer investigação científica que procurasse suas causas naturais. Vimos, também no segundo capítulo, como cientistas como Jennigs, Witman e Heinroth denominavam o mesmo fenômeno do inato com nomes diferentes. O primeiro o chamou de “sistema de ação”, o segundo o nomeou de “instinto” e o terceiro deles, justamente para evitar o vínculo com o passado nefasto, atribuiu-lhe os nomes de “atos-pulsões” ou “específicos-inatos”. Concluímos que a alternância entre os termos instinto e pulsão em Lorenz se dá por considerá-los sinônimos e por levar em consideração a origem histórica do conceito que ao longo da história da Ciência recebeu novas denominações, porém todas elas referentes ao comportamento inato.

Com relação a Freud, como mencionamos ao longo desse nosso trabalho, sabemos que era um cientista e escritor muito criterioso com as palavras e pensamos que se ele considerou o *trieb* como um conceito metapsicológico fundamental, com certeza, deveria conhecer a origem desse termo na história da ciência, assim como Lorenz. Então, apesar de Freud nunca ter se reportado à descrição da origem histórica do conceito de instinto como fez Lorenz nos *Três Ensaios sobre o Comportamento Animal*, pensamos que muito de sua alternância entre os termos *trieb* e *instinkt* deva-se ao fato destes serem sinônimos. Contudo sua preferência pelo termo *trieb* é pertinente, por seu sentido ser mais completo no idioma alemão (como era definido pela ciência e o *zeitgeist* da época de Freud). Como nos esclareceu Hanns (2004), o *trieb* é uma palavra-conceito que possui diversas dimensões, a fisiológica, a biológica e a psíquica. Se o *trieb* comporta várias dimensões para nomear um conceito, é evidente que ele é mais pertinente para ser o termo que especifica um fenômeno que é objeto de estudo da metapsicologia elaborada por Freud, e é coerente que fosse eleito por ele como pedra angular do seu sistema de pensamento: o *trieb* teria, assim, uma dimensão biológica, além da dimensão metapsicológica, com sua tópica, dinâmica e economia. Por isto, pensamos que o *trieb* freudiano é mesmo o conceito mais paradigmático da metapsicologia porque faz a fronteira entre o somático e o psíquico. Inicialmente, ele foi conceituado por Freud em *Pulsões* (1915), por meio de um ponto de vista fisiológico e biológico e, ao longo de sua explicação, foram acrescentadas observações provenientes da clínica psicanalítica, dando ao *trieb* freudiano uma dupla filiação, a biologia e a clínica psicanalítica. Essa filiação à clínica psicanalítica dá ao conceito freudiano uma especificidade própria, que o afasta da descrição de Lorenz. Contudo gostaríamos de afirmar que nosso trabalho nos conduziu a compreensão de que os termos instinto e pulsão são sinônimos tanto na própria origem biológica, por se tratar de uma força endógena e inata, quanto na história do conceito, começando na

escolástica e ganhando novos nomes com o passar do tempo. Assim, tanto Freud como Lorenz os alternam. Nesse sentido, definir o *instinkt*, instinto, como algo inato, herdado e, portanto associado a um comportamento rígido e o *trieb*, pulsão, como um componente plástico e exclusivo do comportamento humano é errôneo na própria origem do termo, dado que em sua história, eles são sinônimos. Como vimos no segundo capítulo, em Lorenz, o instinto comporta uma grande variedade de movimentos instintivos que aparecem nos rituais filogenéticos e que destes rituais nascem novos instintos, ou seja, existe uma plasticidade e adaptabilidade no conceito de instinto para a biologia do comportamento e não apenas na pulsão freudiana. Por isso, concordamos com Andrade (2003) que a distinção entre os termos instinto e pulsão é fruto de um reducionismo injustificável, como consequência da falta de compreensão dos próprios estudiosos da psicanálise com respeito à biologia do comportamento. Com essas nossas colocações, percebemos que a briga entre tradutores ou escolas de psicanálise, como a inglesa e a francesa, sobre a tradução freudiana do *trieb*, uns dando preferência à tradução por instinto, outros por pulsão não se justifica. Traduzir *trieb* por instinto ou pulsão não acarreta automaticamente uma distinção teórica ao conceito freudiano diferenciando-o do instinto dos biólogos, muito pelo contrário, pensamos que quando Freud usa o termo *trieb* ele está assumindo cientificamente a origem biológica desse conceito, pois, caso contrário, quisesse se desfazer desta filiação biológica, ele teria inventado outra palavra para o seu conceito. Porém, gostaríamos de dizer que existem diferenças entre o conceito de pulsão em Freud e Lorenz que discutiremos mais à frente. Vamos, contudo, voltar a comentar a primeira semelhança apontada, o instinto visto como força biológica inata e idêntica em todos os indivíduos de uma mesma espécie.

Freud afirmou nos *Três Ensaios* (1905) que a pulsão sexual é uma necessidade biológica comum tanto ao homem como aos animais e é uma força inata. Em *Pulsões* (1915), ele também a definiu como uma força constante que pressiona para a sua satisfação, sendo o estímulo pulsional uma necessidade imperiosa. Recorrendo ao que chamou ponto de vista fisiológico e biológico, Freud procurou explicar a natureza da pulsão, no texto de 1915. Sua descrição da fisiologia demonstra como a pulsão age no interior do psiquismo para obter a meta da satisfação-descarga e como o modelo do arco-reflexo que descreve como o organismo interage com os estímulos exteriores falha ao lidar com o esquema da pulsão no interior do aparelho. Freud escreve que a pulsão, provocando a exigência constante do psiquismo em lidar com essa pressão, faz o sistema nervoso assumir atividades complexas e articuladas umas com as outras visando obter do mundo externo a satisfação pulsional. Desse

modo, as pulsões ocupam um lugar central na metapsicologia, pois movem o psiquismo e impulsionam a vida no interior do aparelho, construindo traços de memória (ver FREUD, 1915, p. 147). Vejamos as palavras de Freud no *Além...*:

Podemos então concluir que são as pulsões, e não os estímulos externos, os verdadeiros motores dos progressos que levaram o sistema nervoso, com sua capacidade de realizações ilimitadas, a seu atual nível de desenvolvimento. É claro que nada nos impede de considerar que as próprias pulsões, ao menos em parte, sejam os precipitados da ação de estímulos externos que, no curso da filogênese, modificaram a substância viva (FREUD, 1920, p. 148).

Excetuando a concepção confusa de Freud, que mistura por vezes ideias lamarckistas com ideias darwinianas, seu pensamento sobre a pulsão como uma força inata, engendrada no aparelho psíquico, que move esse mesmo aparelho, possibilitando seu progresso, é correta e muito semelhante à concepção de Lorenz, que acredita que o instinto é inato e no desempenho de um padrão de comportamento fornecido pelas estruturas do sistema nervoso central da espécie. Essa estrutura nervosa teria evoluído através da pressão da seleção natural e seria a base de um padrão específico da espécie por sua dependência estrutural. Lorenz afirmou: “O aspecto importante é que as estruturas filogeneticamente adaptadas e suas funções são o que afetam toda a modificação adaptativa. A respeito do comportamento, o inato não é somente o que não é aprendido, mas o que existe antes de toda aprendizagem individual e que a torna possível” (LORENZ, 1986, p. 46). Freud, definindo a pulsão do ponto de vista fisiológico chegou à descoberta sobre o caminho que as pulsões abrem dentro do aparelho psíquico, por meio de uma mecânica fisiológica, procurando uma saída para a necessidade pulsional, a satisfação, e como essa pressão somática construiu os caminhos psíquicos – traços de memória – associados ao grau de satisfação/prazer obtido com a descarga pulsional. Lorenz, afirmou que o instinto, do ponto de vista fisiológico, é um sistema ativo de mecanismos comportamentais ligados por uma função comum, a função do sistema nervoso central. Vemos, então, em Freud e em Lorenz, o ponto de vista fisiológico na explicação do conceito de pulsão. Em ambos a fisiologia se refere à atuação da pulsão ser coordenada no interior do aparelho mental, existindo um sistema ativo de pulsões que são coordenadas pelo aparelho psíquico (Freud) e pelo sistema nervoso (Lorenz) e como a fisiologia irá proceder para descarregar/satisfazer as pulsões.

Um termo utilizado tanto por Lorenz como por Freud é o recalçamento, porém com definições diferentes. Freud dá o nome de recalque a um mecanismo psíquico que atua no interior do psiquismo e que tem como objetivo barrar a ação da pulsão. Como vimos neste

trabalho, o recalque decorre da proibição da pulsão através da aprendizagem pela educação cultural - censura. O recalque impede a ação de satisfação da pulsão e obriga o aparelho psíquico a encontrar outras saídas para a descarga. Se a saída não for sublimatória, os sintomas aparecem porque o excesso de libido (energia pulsional) pressiona para uma descarga. Já para Lorenz, o recalque é a supressão (falta) dos estímulos que desencadeiam o movimento instintivo e, como consequência, ele coloca o animal num estado de agitação, procurando estímulos que possam provocar a ab-reação do instinto. Esses estímulos procurados, que podem desencadear o instinto, são padrões de movimentos e incluem também comportamentos de aprendizagem e insight; vejamos:

O recalque de um movimento instintivo, produzido pela supressão durante tempo prolongado dos estímulos que o determinam, não tem apenas como resultado tornar o organismo mais pronto a reagir, mas provoca transformações muito mais profundas que o afetam em seu conjunto. Em princípio, todo o verdadeiro movimento instintivo a que se recusa a possibilidade de ab-reação, tal como acabamos de descrever, pode ter como efeito pôr o animal num estado de agitação e fazê-lo procurar os estímulos aptos a provocá-la. Esta busca consiste, no caso mais simples, em correr, voar ou nadar a torto e a direito, mas pode, nos casos mais complicados, incluir todos os comportamentos de aprendizagem ou de insight (compreensão duma situação) (LORENZ, 1974, p. 66).

Poderíamos dizer que se o recalque de Freud não é o mesmo recalque proposto por Lorenz, eles possuem certa semelhança porque ambos impedem a satisfação pulsional e têm consequências: em Freud, a pulsão recalçada impele o psiquismo a encontrar novas saídas através dos caminhos pulsionais, como, por exemplo, com a sublimação, a transformação em seu contrário e o redirecionamento contra a própria pessoa. Em Lorenz, o recalque da pulsão (supressão dos estímulos desencadeadores) obriga os animais a procurarem estímulos/movimentos capazes de provocar o desencadeamento pulsional.

Lorenz afirma que quanto mais longo é o período em que o instinto não é desencadeado, em que ele é recalado, mais baixo é o nível do limiar da excitação necessário para desencadear a sequência de movimentos que buscam eliciar o instinto, até o caso limite, em que, mesmo sem nenhuma excitação exterior, a sequência vem à tona, sem cumprir a sua função de conservar a espécie, por isso ela é chamada de “reação no vazio”. Lorenz afirma que a existência da “reação no vazio” conduz: “a ideia de acumulação de uma emotividade específica da reação, continuamente segregada pelo organismo e consumida durante o referido movimento. Esta hipótese, em primeiro lugar, desenvolvida como um modelo

puramente teórico, apresenta-se perfeitamente exata à luz de resultados provindos de uma fonte perfeitamente diferente – a fisiologia nervosa” (LORENZ, 1975, p. 105).

Não querendo dizer que são totalmente similares, mas a ideia de um acúmulo de uma emotividade continuamente segregada pelo organismo como afirma Lorenz, parece lembrar, pelo menos em parte, a noção freudiana de libido como uma energia somática que se não é descarregada, também se acumula no psíquico.

Em Lorenz, as mudanças no comportamento humano são vagarosas porque o comportamento instintivo é uma organização hierarquizada e filogeneticamente programada e qualquer mudança mais radical exige um longo período de tempo e isso significa que sim, existem transformações no comportamento instintivo. Vimos isso quando explicamos sobre a ritualização filogenética que promove a permanência de certos movimentos instintivos e que, perdendo a sua função primitiva são utilizados em cerimônias puramente simbólicas e mais, que esses rituais dão origem a novos instintos - por seleção e mutação. Também em Lorenz, vemos que o instinto comporta uma plasticidade que é devida à seleção e mutação, assim podemos dizer que o rito filogenético comporta plasticidade. Com relação à ritualização cultural, ela não é transmitida filogeneticamente, por isso ela não comporta plasticidade, mas, segundo Lorenz, comporta aprendizagem. Sua transmissão é feita através da história pela tradição cultural, ou seja, através da comunicação pelas gerações por meio do hábito, sendo o rito cultural, um hábito caro, ou seja, ele é sentido como uma necessidade imperiosa e, a transmissão da ritualização, se dá pela aprendizagem. O rito filogenético teria plasticidade e adaptabilidade e o cultural teria a aprendizagem e a adaptabilidade. O importante a ressaltar é que, segundo Lorenz, ambos têm uma função comum, ou seja, a de atuar como pulsões autônomas e ativas no comportamento humano; desse modo, o rito cultural impõe necessidades prementes, pulsionais, ao homem.

Como já falamos anteriormente ao comentar a Sociobiologia de Wilson, também aqui, precisaríamos de um estudo sistemático dos textos culturais freudianos para podermos realizar uma análise entre a compreensão que Freud e Lorenz possuem da cultura, contudo podemos afirmar que tanto as teorias de Freud como as de Lorenz partem da pulsão (Freud) ou do comportamento instintivo (Lorenz) na espécie humana e, por elas, chegam até ao desenvolvimento da civilização, passando pelo nascimento do laço entre os homens, tecendo considerações sobre a guerra, a moral e a ética.

Gostaríamos também de afirmar que os dois pensadores desenvolvem caminhos diferentes para falar da pulsão, mas muitas vezes seus conceitos se assemelham ou parecem se complementar, e em outras passagens, divergem totalmente.

Freud se dedicou a estudar a pulsão dentro do aparelho psíquico e a investigar os caminhos que ela traçou e forçou o homem a percorrer para lidar com sua pressão, a fim de manter o equilíbrio deste mesmo aparelho. Com a escuta e a observação voltada para as psicopatologias dos indivíduos, Freud chegou a descobrir um psíquico inconsciente. Investigando a constituição do aparelho psíquico, ele conceituou a pulsão sexual como força endógena e inata na espécie humana, que pressiona com força constante o psiquismo, obrigando-o a cumprir a exigência de sua satisfação, a meta pulsional da descarga. Além disso, conseguiu demonstrar a grande variedade de metas pulsionais possíveis de existirem na espécie humana (muitos caminhos existem para cumprir a exigência da pulsão) e mais, possibilitou o entendimento de que cada indivíduo, por possuir um psiquismo único, constrói as suas metas (*Ziel*) pulsionais individuais e que essas, por vezes, suplantam e se tornam mais importantes para o indivíduo (pelo grande prazer que proporcionam) que a própria finalidade (*Zweck*) original da pulsão (conservação da espécie). Como consequência da interdição da pulsão, o homem produz sintomas que aparecem no seu comportamento individual, como as psicopatologias, mas também existem outras produções (pela sublimação) decorrentes desta interdição, como a cultura. Vemos como Freud partindo das pulsões, do nascimento de um psiquismo e de um psíquico inconsciente, explica o nascimento de uma subjetividade humana concomitantemente com o surgimento da própria civilização.

Lorenz não estuda o intrapsíquico. Seu método é o filogenético comparado utilizado para investigar o comportamento animal, por meio da observação de várias espécies, procurando conhecê-las na totalidade das suas expressões de vida e investigando suas relações com o seu espaço vital natural, realizando uma investigação científica indutiva. Pesquisando o comportamento dos animais, Lorenz chega à conclusão de que os instintos são inatos e determinam toda uma série de comportamentos, independentemente de existirem estímulos externos eliciadores, confirmando que o instinto/pulsão é uma força ativa e endógena. Dos chamados “grandes instintos” ou “pulsões arcaicas”, Lorenz descobriu a perda da função primitiva de certos movimentos instintivos que acompanhavam as grandes pulsões e que continuavam a existir “deslocados” e muitas vezes combinados em função com outro grande instinto, bem como observou a existência do aparecimento de novos movimentos instintivos, que chamou de “novos instintos autônomos”. Denominou esse processo de rito filogenético e

abriu a possibilidade de compreender que existe plasticidade no comportamento instintivo dos animais ao longo da filogênese. Lorenz também descobriu a existência de hábitos – gesto caro – que são transmitidos através da história, de geração para geração, (não são incorporados no patrimônio hereditário) e que, pelo prazer que geram, acabam engendrando um sentimento de unidade dentro do grupo/comunidade, ou povo/raça onde nascem e permanecem, construindo um laço. Esses hábitos caros são transmitidos através dos chamados ritos culturais e são a fronteira entre o animal e o homem e eles funcionam como verdadeiras pulsões a motivar o comportamento humano. Assim, percebemos que Lorenz parte do instinto e também chega, como Freud, ao nascimento da civilização humana, mas seus métodos de investigação e natureza do fenômeno observado são diferentes dos utilizados pela psicanálise.

Lorenz e Freud possuem divergência com relação à classificação das pulsões. Em Freud, na primeira tópica, teremos a divisão entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação. Nas pulsões de autoconservação, chamadas pulsão do Eu, estão incluídas a pulsão de alimentação (fome) e, segundo Laplanche e Pontalis (1995), apesar de Freud nunca haver realizado uma descrição minuciosa sobre essas pulsões, pertenceriam a esse bloco, várias delas, como a agressividade, a micção, a atividade muscular, todas se opondo as pulsões sexuais (acasalamento, reprodução e prazer sexual), num conflito intrapsíquico.

Para Lorenz existem várias pulsões, as grandes são a fome, a fuga, a agressão e a sexualidade, contudo elas não estão divididas em dois blocos e não existe apenas uma pulsão a dominar e a ter preponderância sobre o comportamento animal ou humano. Para ele, também existem novas pulsões que surgem com os ritos filogenéticos e que são incorporadas por mutação e seleção e mais, os ritos culturais possuem uma força motivadora semelhante a pulsões dentro do ser humano. As pulsões, em Lorenz, possuem autonomia e entre duas pulsões variáveis, independentes uma da outra todas as interações são possíveis, podendo uma acelerar a outra, manterem-se mutuamente, sobreporem-se ou adicionarem-se, num mesmo comportamento sem que haja relação entre si. Isto nos lembra a fusão e defusão pulsional proposta por Freud ao falar da pulsão de vida e da pulsão de morte, mas, em Freud, na segunda tópica também existe um conflito e um jogo de forças num dualismo pulsional e, não como em Lorenz, que afirma a existência de várias pulsões, porém nenhuma delas dominante em relação às outras. Pensamos que na primeira tópica freudiana, podemos falar da preponderância da pulsão sexual em detrimento das pulsões de autoconservação, o que é explicado principalmente em virtude do nascimento da psicanálise com a clínica da histeria. A psicopatologia era encontrada no recalçamento da pulsão sexual e a oposição instintual desta

com as pulsões do Eu auxiliavam a justificar o conflito intrapsíquico e os sintomas neuróticos, contudo, na segunda tópica, essa divisão pulsional é reformulada com Eros, pulsões de vida, se contrapondo a pulsão de morte. Na segunda teoria pulsional freudiana, em Eros estarão alocadas tanto as pulsões sexuais como as pulsões de autoconservação e estas se oporão à Pulsão de Morte, contudo, segundo Laplanche e Pontalis (1995) a oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação permanece, tal como a oposição entre amor do ego e amor objetal, mas devendo esse conflito ser situado no interior de Eros.

Essa nova divisão parece ter ficado mais coerente com a biologia evolucionista porque assim, sexo, alimentação, agressão, fuga, que antes estavam separados, agora caminham juntos na defesa da sobrevivência do indivíduo e da conservação da espécie, na seleção dos mais aptos intra-espécie, o que antes, na primeira tópica, ficava confuso, porque Freud opunha a sexualidade e as pulsões de autoconservação. Porém, o novo dualismo, mesmo deixando Eros mais condizente com a biologia do comportamento, traz o problema do enigma da natureza da pulsão de morte.

Apesar do dualismo pulsional da primeira tópica freudiana ser diferente do sistema de Lorenz, porque, neste último, todas as “grandes pulsões” possuem sua função e nenhuma sobrepuja a outra (como Freud que deu primazia à pulsão sexual), a primeira tópica freudiana é a que mais se aproxima da proposta de Lorenz sobre as pulsões para a espécie humana. Contudo, a segunda tópica freudiana, com a defesa da existência de uma pulsão de morte é radicalmente diferente da proposta de Lorenz sobre a pulsão de agressão. Quando analisamos o instinto de agressão em Lorenz, ele existe para a conservação da espécie e para a seleção dentro da espécie e assim se justifica, apesar de suas consequências nefastas no homem, como a guerra; ou seja, não existe nada como uma pulsão de morte em Konrad Lorenz, muito pelo contrário, ele até mesmo a critica:

Resumindo, verificamos que a agressão intra-específica, longe de ser um princípio diabólico, destruidor, como a psicanálise nos quer levar a crer, é indubitavelmente uma parte essencial da organização dos instintos em vista da proteção da vida (LORENZ, 1974, p. 59).

E também é evidente que a sua compreensão da agressão em Freud é limitada, como vemos na citação abaixo:

Creio – e caberia à psicologia das profundidades e à psicanálise examinar esse problema – que o homem civilizado de hoje sofre em geral da incapacidade de abreagir as suas pulsões de agressão. É mais que provável que os efeitos nocivos das

pulsões agressivas do homem, que Freud queira explicar por uma pulsão de morte específica, provenham muito simplesmente do fato de que a pressão da seleção intra-específica fez evoluir no homem, na mais recuada das épocas, uma quantidade de pulsões agressivas para as quais ele não encontra escape adequado na sociedade atual (LORENZ, 1974, p. 253).

Aparentemente, pela transcrição da afirmação acima, Lorenz não conseguia entender a pulsão de morte freudiana porque ele não aceitaria que esta possuiria a natureza de uma força impelente, interna ao organismo vivo, que visaria restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido a forças externas perturbadoras; ela seria, segundo Freud, a manifestação da inércia na vida orgânica. Assim, o sistema pulsional freudiano muda em 1920, porque as pulsões não são mais apenas forças impelentes à mudança e ao desenvolvimento, mas, são principalmente a manifestação de uma natureza conservadora do ser vivo. Na nova teoria freudiana, o conjunto da vida pulsional visa conduzir a morte e isso é muito diferente da visão de pulsão de agressividade em Lorenz, em que os efeitos destrutivos desta decorreriam de uma incapacidade do homem em ab-reagi-la adequadamente. A pulsão de morte freudiana parece não encontrar similaridade na biologia do comportamento, apesar de que ela foi submetida a uma validação científica biológica no *Além...*, em 1920, em que Freud recorreu a teorias de pesquisadores como A. Weismann, Woodruff, Maupas, Calkins e E. Hering, entre outros, para justificá-la e descreveu várias experiências sobre a existência da chamada morte natural e da dificuldade de existir um consenso entre os biólogos sobre o conceito de morte.

A pulsão de morte freudiana não é a pulsão de agressão de Lorenz. Em Freud, ela é uma força conservadora, ela é a tendência da matéria orgânica voltar a ser inorgânica e é também, com a existência de um outro princípio operador do psiquismo que não o de prazer, com o chamado princípio do Nirvana, que será possível explicar certos fenômenos como os dos sonhos repetitivos nas neuroses traumáticas e a explicação de que existem certas experiências que se repetem e que nunca foram prazerosas, contrariando a existência exclusiva do princípio de prazer no psiquismo. Ou seja, a teoria pulsional freudiana engendra o psíquico e se relaciona com seus princípios organizadores, o princípio do prazer, o princípio do Nirvana e o princípio de realidade e de certa maneira, diríamos que a pulsão de morte passou a dividir com Eros a disputa pelo controle do psiquismo. Essas interpelações abalaram a supremacia do sexual na análise das neuroses traumáticas e em outros fenômenos que já descrevemos no primeiro capítulo, por referendar a existência de fenômenos que nunca teriam gerado qualquer tipo de prazer, contrariando uma das primeiras máximas psicanalíticas, a de

que por detrás de todo sintoma e de todo sofrimento psíquico existiria uma manifestação inconsciente de ganho de prazer.

Pensamos que a natureza da pulsão de morte freudiana e sua especificidade cunhada numa especulação biológica e nas observações da clínica psicanalítica demarcam radicalmente a diferença entre o conceito de pulsão em Lorenz e o de pulsão em Freud, contudo, não afasta a pulsão de morte freudiana da Biologia. Muito pelo contrário, Freud se utilizou várias vezes de exemplos dessa área para justificar a pulsão de morte, inclusive, afirmando que esse era um conceito polêmico e divergente entre os próprios biólogos. Nesse sentido, pensamos que estudos sobre o conceito de morte na Biologia são necessários e imprescindíveis para poder confirmar a natureza biológica que Freud deu a sua pulsão de morte, justificando-a cientificamente e não apenas especulativamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de pulsão na metapsicologia freudiana é complexo em virtude de sua natureza ser constituída a partir da biologia e da clínica psicanalítica.

Freud inventou a metapsicologia e determinou os parâmetros para que um fenômeno pudesse ser descrito como metapsicológico, isto é, levando em consideração o aspecto tópico, dinâmico e econômico nessa análise, contudo, como descrevemos nesse trabalho, a pulsão sempre foi também definida a partir de um ponto de vista biológico e fisiológico, ao longo do percurso psicanalítico freudiano.

O ponto de vista fisiológico se refere à fisiologia do aparelho psíquico, constituindo-se numa mecânica que, no caso da pulsão, procura abrir um caminho no interior do psiquismo para descarregar o excesso da energia pulsional, de pressão constante, e é assim que a pulsão move o psíquico. Juntamente com a fisiologia está a economia do aparelho psíquico, porque leva em consideração a energia que circula em seu interior, a libido: o ponto de vista fisiológico e econômico caminham juntos e se referem à mecânica e energética do psiquismo.

O ponto de vista biológico se refere às teorias da evolução da época de Freud, utilizado para marcar a importância da hereditariedade, da ontogênese e filogênese nos conceitos psicanalíticos e, no caso da pulsão, determina sua origem endógena, inata e universal em todos os homens. Assim, com sua ênfase calcada numa origem biológica, a pulsão se faz conhecer como um destino categórico, não há como fugir dela. Nesse sentido *Ziel* e *Zweck* aparecem conjuntamente ou separadamente, o primeiro como meta específica (descarga e prazer) e o segundo como finalidade evolutiva (conservação da espécie). Se a meta da pulsão é a descarga para a satisfação prazerosa, não importando qual o caminho a ser seguido, contanto que o mandato orgânico seja cumprido, estes caminhos serão variados, bem como o objeto de satisfação pulsional e, logo, a meta cumpre o ponto de vista fisiológico. Se a finalidade da pulsão é cumprir uma meta evolutiva – *Zweck* – por mais que os caminhos e objetos pulsionais possam ser variados, a pulsão pressionará para o cumprimento de uma exigência da espécie. O homem, dividido entre sua busca pela satisfação pulsional individual (meta-*Ziel*) e pela exigência biológica de conservação da espécie (finalidade-*Zweck*), se encontra dilacerado pela própria duplicidade que o termo carrega para a espécie humana.

Demonstramos como os termos pulsão e instinto são sinônimos na origem histórica desse conceito, portanto acreditar que a palavra instinto é empregada para se referir a algo comum a todos os animais e a palavra pulsão como específica para a espécie humana, é um erro. Verificamos que utilizar exclusivamente a palavra pulsão, acreditando que assim se explica o conceito freudiano de pulsão, é um argumento que não se sustenta. Também descrevemos nesse trabalho, como o conceito de instinto é polêmico para os próprios biólogos, gerando controvérsias a respeito do inato e do aprendido no comportamento.

A ideia defendida por psicanalistas de que Freud separa instinto de pulsão, ao dizer que inicialmente a pulsão sexual nasce ancorada nas funções de autoconservação como a fome e, pouco a pouco, o ser humano, através de seu primeiro objeto de amor, mãe, desvincula a necessidade de sobrevivência do desejo construído pelo caminho pulsional, relacionando o instinto com a necessidade e a pulsão com o desejo, não se sustenta. A necessidade é diferente do desejo, mas não por causa da diferença que acabamos de descrever, mas, sim, porque a pulsão é o conceito da fronteira entre o somático e o psíquico; é inerente a ela tanto a necessidade como o desejo. A descrição desta suposta separação entre o instinto, como sendo algo primitivo e estereotipado, e a pulsão como algo plástico e maleável está equivocada. É a própria definição da natureza da pulsão com seus pontos de vista fisiológico, biológico e metapsicológico que comporta essa duplicidade. No cumprimento do mandato da pulsão – descarga -, na espécie humana, pouco importará o objeto e o caminho escolhido, contanto que a pulsão possa ser satisfeita, e, logo, o psíquico abrirá vários e complexos caminhos individuais para canalizar a força pulsional. Esses caminhos psíquicos abertos podem, eles mesmos, serem sentidos como prazerosos, e a meta orgânica única (descarga) se converte em metas no plural, assim uma necessidade pode ser um desejo, mas um desejo não precisa ser uma necessidade; a meta (*Ziel*) e a finalidade (*Zweck*) da pulsão podem caminhar juntas ou separadas.

Pela grande influência que o termo instinto recebeu da escolástica, que lhe deixou uma herança “sobrenatural” ou “divina” e, conseqüentemente, comprometedor para a investigação científica, preferimos, assim como outros biólogos e alguns pensadores da psicanálise, a tradução do *trieb* como pulsão.

Apesar de algumas semelhanças no conceito de pulsão freudiano e no de Lorenz, existem diferenças quanto ao objeto e quanto ao método de investigação. Se Lorenz utilizou o método filogenético comparado nas investigações sobre o comportamento animal, Freud inventou o método de associação livre e da atenção uniformemente flutuante e se, o

primeiro observou várias espécies de animais para posteriormente pensar sobre o homem, o segundo, partiu da clínica psicanalítica, de uma escuta calcada numa relação transferencial e chegou ao inconsciente e à pulsão sexual para pensar o sujeito humano.

A pulsão sexual apareceu na psicanálise como uma exigência para a explicação do motivo pelo qual às representações inconscientes na histeria estariam superinvestidas energeticamente a ponto de provocarem um trauma; a representação inconsciente recalçada é uma representação sexual. O traumático se converteu no sexual e essa sexualidade existe desde a infância, na satisfação auto-erótica das pulsões sexuais parciais, na sexualidade remetida a um campo de representações inconscientes que trazem significações, as fantasias, e com a presença de um objeto externo que atende as necessidades da criança e que, por proporcionar satisfação, torna-se, ele mesmo, objeto de desejo, seja a mãe ou quem faz o seu papel. A sexualidade humana possui uma bitemporalidade, uma pré-história na infância, auto-erótica, com um período de interrupção – a latência – e a concretização de uma maturidade com a pulsão sexual genital unificando todas as pulsões sexuais parciais, na puberdade. Essa interrupção da pulsão sexual, a demora para atingir uma maturidade reprodutiva biológica, é um período em que o homem direciona grande parte do seu impulso libidinal para os objetos da realidade, existindo a possibilidade de aprendizagem, criação e invenção – a cultura nasce da possibilidade de interdição da pulsão. É com os destinos, caminhos da pulsão sexual, ou seja, ao modo como o Eu conseguirá se defender contra a pressão biológica imperiosa da pulsão sexual que a clínica psicanalítica contribuiu para a teoria pulsional metapsicológica. Freud escreveu em *Pulsões* (1915) que os destinos pulsionais devem ser relacionados às forças motivacionais que se opõem ao avanço das pulsões e pensamos que é a cultura a força motivacional opositora a pulsão e que a obriga a refazer ou criar um novo caminho de satisfação.

Tanto Wilson como Lorenz terão um lugar para a cultura em seus sistemas de pensamento, principalmente Lorenz, com sua diferenciação entre rito filogenético e rito cultural e a compreensão de que ambos geram motivações que possuem a função comum de atuarem como pulsões autônomas e ativas no comportamento humano. Pensamos que são necessários mais estudos que investiguem a cultura no sistema de pensamento desenvolvido por esses biólogos, bem como estudos sobre a cultura na psicanálise para entender mais amplamente a constituição da força motivacional pulsional que a cultura exerce sobre a subjetividade humana.

A pulsão sexual em Freud se constituiu como objeto de estudo preferencial. No próprio texto de *Pulsões* (1915), ele afirmou que iria se ater a ela porque a clínica psicanalítica teria possibilitado apenas uma maior aproximação com ela. Percebemos como a noção de pulsão sexual, endógena, inata e de pressão constante desestabiliza o sujeito, levando ao trauma quando não satisfeita e não elaborada, produzindo sintomas sem causa orgânica. O sintoma como sinal de um excesso da quantidade de libido pulsional que não encontra uma saída, como expressão de um conflito intrapsíquico, não sendo a racionalidade sempre vencedora no psiquismo. Logo, deve existir outro campo de registro psíquico com força suficiente para produzir sintomas e tentar dominar o homem e, dessa constatação, nasceu o inconsciente. A pulsão sexual está na origem do psiquismo e da constituição do sujeito na psicanálise freudiana.

Se, inicialmente, as pulsões sexuais são separadas e opostas às pulsões do eu, com o *Narcisismo* (1914) o eu também passou a se constituir como objeto sexual, preparando a necessidade de um avanço na teoria pulsional freudiana, o que finalmente aconteceu em 1920 no texto do *Além...*, no qual as pulsões sexuais e as pulsões do eu foram reunidas como Eros, opondo-se à pulsão de morte. Se o conceito de pulsão de morte retoma algo que já estava presente desde o *Projeto* (1895) como apontaram Monzani (1989), Caropreso e Simanke (2006), não existiria uma ruptura radical dos fundamentos da teoria psicanalítica a partir de 1920 e, diríamos que, novamente, Freud procurou retomar conceitos antigos e redimensioná-los em certos contextos necessários e pertinentes a sua investigação clínica. Ele sempre defendeu que a teoria pulsional poderia ser ampliada, modificada ou melhorada na medida em que, a clínica psicanalítica e outras áreas da ciência pudessem prestar novas contribuições ao seu entendimento. Tanto é fato ser a pulsão de morte um conceito que estava latente na teoria metapsicológica que, para conceituá-la, Freud retomou ideias antigas sobre a natureza da consciência, sobre a origem e construção do aparelho psíquico, sobre a teoria do choque e do trauma e da circulação de energia (Breuer) nesse aparelho. São as neuroses traumáticas de guerra que demonstraram que pacientes tinham sonhos repetitivos e dolorosos e que estes não apresentavam nenhuma relação com qualquer tipo de experiência prazerosa recalçada. Assim, os sonhos não podiam mais ser compreendidos apenas como a realização de um desejo inconsciente. Os sonhos repetitivos das neuroses traumáticas apontam, agora, numa outra direção, a da compulsão a repetição, numa vivência onírica que não tem a função de prazer, sinalizando que o princípio do prazer não é o único e exclusivo regulador do psiquismo. É claro que a clínica psicanalítica pressionou Freud a encontrar a pulsão de morte

em virtude da grande resistência dos pacientes à análise, dos sonhos repetitivos das neuroses traumáticas e das repetidas brincadeiras infantis das crianças, contudo, Freud também procurou uma explicação metapsicológica para a pulsão de morte quando retomou antigas teses do *Projeto* (1895), o capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (1900) e parte de sua trajetória dos *Estudos sobre a Histeria* (1895) para realizar esse movimento de construção do conceito. Gostaríamos de salientar que, além de uma explicação metapsicológica, o ponto de vista biológico é também o fundamento pilar da pulsão de morte freudiana, tanto é que Freud recorre à descrição de experimentos de vários biólogos e realiza questionamentos sobre a vida e a morte celular em 1920, ou seja, se a pulsão sexual é endógena e inata, um universal, a pulsão de morte, por contingência, teria a mesma origem.

A pulsão de morte freudiana é um conceito radicalmente diferente do conceito de pulsão de agressão para a Biologia do Comportamento, porque esta última compreende a agressão humana como uma destrutividade direcionada aos objetos exteriores, sejam eles pertencentes à mesma espécie ou não, sempre com um sentido de selecionar os mais fortes e/ou conservar a própria espécie, mesmo quando o recalçamento da pulsão agressiva conduz ao seu desencadeamento sem o menor estímulo – motivo – irrompendo em violência desmedida e sem razão. A Biologia do Comportamento não a interpretará como a manifestação de uma morte, de uma força de desintegração dentro do sujeito, mas, sim como a consequência da não utilização de um instinto inato do ser humano. Isto não quer dizer que a psicanálise também não possua essa mesma compreensão sobre a agressão humana. Pensamos que a Psicanálise também se reporta a esse mesmo raciocínio no próprio conflito que existe no interior de Eros entre as pulsões sexuais e pulsões do eu, mas a pulsão de morte é outra coisa aquém dessa agressividade. A agressividade de Eros é relacionada com a própria conservação da vida, do eu e da espécie. A pulsão de morte é o que existe antes do início da vida se manifestar na matéria orgânica, como disse Freud, “as pulsões de morte são essencialmente mudas”. Nós diríamos que elas não têm representação e se precisássemos de uma definição deveríamos ficar, nesse momento, em silêncio, ou seja, ausência de palavras e ausência de imagens. Por isso Freud, então, formulou o princípio do Nirvana para explicar que no início, anterior ao nascimento do psiquismo, ele reinaria absoluto com as pulsões de morte. Assim, é o princípio do Nirvana que passa a assumir a função fisiológica e biológica de redução quantitativa do excesso de energia do aparelho psíquico, pressionando para uma descarga com o objetivo de cessar completamente a tensão. O princípio de prazer continua existindo como regime pulsional de Eros no psiquismo, também lidando com a redução de

carga, porém, segundo Freud, sua ênfase está nas características qualitativas, no ritmo que o sujeito elegerá para cumprir o mandato orgânico da descarga pulsional. Sendo assim, a construção dos caminhos qualitativos desse prazer é intrapsíquica e explica a grande plasticidade e variabilidade da pulsão de vida na construção das subjetividades. O outro princípio regulador do psiquismo é o princípio de realidade e demarca a relação entre as pulsões e o mundo exterior, proporcionando uma via para o escoamento dos estímulos pulsionais acumulados e construindo o psíquico numa relação intersubjetiva e intrapsíquica entre o eu-pulsional e o outro/mundo.

A manifestação da pulsão de morte dificilmente pode ser visualizada sem a característica proposta por Freud da fusão e defusão pulsional, dado que a morte não teria uma representação, exigindo a participação de Eros em suas representações. Nesse sentido, Freud nomeará alguns fenômenos em que a presença da pulsão de morte estaria exacerbada por defusão pulsional, como por exemplo, no sadismo nas perversões. Talvez, a grande questão a ser refletida, nesse momento, seja a de que, mesmo com a participação de Eros nesses fenômenos, em que por defusão pulsional a pulsão de morte sobrepuja, devêssemos considerar que o princípio do prazer está menos evidente nesses processos, com menor destaque que o princípio do Nirvana. Logo, a máxima de que por detrás de todo o fenômeno, de toda a psicopatologia, deveríamos apenas procurar o desejo prazeroso inconsciente não se sustenta. É verdade que existe um prazer, Eros está presente. Mas a força da morte, de um processo de desintegração é maior nesses fenômenos e isso aponta para uma ausência de representação e, logo, ausência de linguagem. Pensamos que a pulsão de morte marca o limite da possibilidade de, por meio da análise, o sujeito representar totalmente o campo pulsional. Na verdade, ele pode representar Eros e tentar nomear o seu desejo, entendendo-o como inatingível e inesgotável, contudo sempre será impossível representar a pulsão de morte. Com ela a dimensão trágica do ser humano está fundada e também o impeditivo de uma resolução completa e definitiva para a subjetividade e para a possibilidade de existir um término de análise.

A Biologia do Comportamento não explica a pulsão de morte, contudo, este conceito freudiano, com certeza, se fundamenta no ponto de vista fisiológico e biológico e, desse modo, o campo da Biologia precisaria ser investigado nas suas indagações sobre a morte para poder responder à metapsicologia freudiana de maneira mais completa sobre uma pulsão considerada “muda” e quem sabe, também, para elucidar o misterioso enigma da origem da vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, V. M. *Um Diálogo entre a Psicanálise e a Neurociência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ALONSO, S. L.; FUKS, M. P. *Histeria: clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (Coleção Clínica Psicanalítica).

BIRMAN, J. *Freud e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. *Ágora (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, v. IX, n. 2, p. 207-224, jul./dez. 2006.

CAROPRESO, F. *O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud*. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

FERENCZI, S. (1990). *Thalassa – Ensaio sobre a teoria da genitalidade*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1924).

FORRESTER, J. *A linguagem e as origens da psicanálise*. Rio de Janeiro. Imago, 1983.

_____. *Seduções da Psicanálise: Freud, Lacan e Derrida*. Campinas: Papyrus, 1990.

FREUD, S.; BREUER, L. (1893-1895). *Estúdios sobre la histeria*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998. v. 2. (Sigmund Freud. Obras Completas).

FREUD, S. (1895). *Projeto de uma Psicologia*. Notas críticas de Osmyr Faria Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. (1905). Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras psicológicas completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

_____. (1913). Totem e tabu. In: *Obras psicológicas completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

_____. (2004). À Guisa de Introdução ao Narcisismo. Em L. A. Hanns (Org.), *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).

_____. (2004). Pulsões e Destinos da Pulsão. Em L. A. Hanns (Org.), *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

_____. (2004). O Recalque. Em L. A. Hanns (Org.), *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 175-193). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

_____. (2006). Além do princípio do prazer. Em L. A. Hanns (Org.), *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp.123-198). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).

_____. (2007). O Eu e o Id. Em L. A. Hanns (Org.), *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp.13-92). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).

_____. (2007). O Problema econômico do Masoquismo. Em L. A. Hanns (Org.), *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp.103-124). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).

_____. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21.

_____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud – volume 1*. Coordenação de tradução e notas de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud – volume 2*. Coordenação de tradução e notas de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud – volume 3*. Coordenação de tradução e notas de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

GARCIA, A. *O arcabouço conceitual da obra de Konrad Lorenz*. 2001. 214p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GAY, P. *Freud – uma vida para o nosso tempo*. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GREEN, A. et al. *A Pulsão de Morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

HANNS, L. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LIMONGI, M. I. M. P. *A pulsão e seu conceito na metapsicologia freudiana*. 1994. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LORENZ, K. *A agressão*. Lisboa: Moraes, 1974.

_____. *Três ensaios sobre o comportamento animal e humano*. Lisboa: Arcádia, 1975.

_____. *Evolução e modificação do comportamento*. Rio de Janeiro: Interciência, 1986.

_____. *Os fundamentos da Etologia*. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.

MANNONI, O. *Freud – uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

MAYR, E. *Biologia, ciência única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MEDAWAR, P. B. *The uniqueness of the individual*. 2. ed. New York: Publishers Basic Books, 1958.

MIJOLLA, A. (Dir. Ger.). *Dicionário Internacional da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

MONZANI, L. R. *Freud: O movimento de um pensamento*. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.

MURPHY, M. P.; O'NEILL, L. A. J. (Orgs.). "*O Que É Vida?*" 50 anos depois – especulações sobre o futuro da Biologia. São Paulo: Ed. UNESP/Cambridge University Press, 1997.

NOGUEIRA-NETO, P. N. *O comportamento animal e as raízes do comportamento humano*. São Paulo: Tecnapis, 1984.

RITVO, L. B. *A influência de Darwin sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

RUSE, M. *Sociobiologia: senso ou contra-senso*. São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.

SCHUR, M. *Freud: vida e agonia, uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago, 1981. v. 1, 2 e 3.

SULLOWAY, F. *Freud, Biologist of the Mind*. 10. ed. London: Harvard University Press, 1992.

TRILLAT, E. *História da Histeria*. São Paulo: Escuta, 1991.

WILSON, E. O. *Da Natureza Humana*. São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.